

Festivais de Música e Turismo
Dois estudos de caso: Les Aralunaires e
Milhões de Festa

Bárbara Pires Maciel

Dissertação elaborada para obter o grau de Mestre em Turismo da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com orientação do
Professor Luís Paulo Saldanha Martins

Faculdade de Letras de Universidade do Porto

2011

Resumo

Esta dissertação tem por objecto os festivais de música comunitários enquanto importante ferramenta imprescindível ao fomento da animação turística e cultural de um país. Baseia-se numa recolha bibliográfica sobre os impactos dos eventos tanto no plano social, como económico ou turístico nos locais que os acolhem e na experiência obtida através de um estágio na organização de um festival de música na Bélgica. Ao longo deste trabalho, ensaia-se, igualmente, uma análise comparativa de dois festivais promovidos com base em comunidades análogas e que partilham ideais de mudança, eventualmente incorporando alguma componente inovadora, neste caso o festival Les Aralunaires de Arlon, Bélgica, e o festival Milhões de Festa de Barcelos, Portugal. Este tipo de festival tem a capacidade de alterar e melhorar uma imagem de destino, de atrair novos visitantes e de criar coesão entre os habitantes duma comunidade. Pode ainda influenciar positivamente a actividade económica local, servir como estímulo para futuras visitas ou como meio de promoção dum destino turístico, com consequências no prolongamento do tempo de estada. Por último, ainda que não menos importante, os festivais em causa, sendo análogos a tantos outros nacionais ou estrangeiros, assumem a significativa capacidade de fidelizar visitantes, atenuando a sazonalidade e projectando localidades por vezes desconhecidas para as agendas de eventos internacionais.

Abstract

This thesis addresses community music festivals as an important tool to enhance the cultural and tourism animation in a country. It's grounded in a bibliographical data collection on the impact of said events within the community hosting them on a social, economic and touristic basis, as well as in a comparative analysis of two festivals, Les Aralunaires in Arlon, Belgium, and Milhões de Festa in Barcelos, Portugal. Events such as these can alter and improve destination image; they can also draw new visitors; create cohesion among inhabitants inside the community; influence local economy; give way to future visits or act as a means to promote a certain community/city; extend the length of a stay; develop visitor loyalty and attenuate discrepancies between high and low seasons.

Résumé

Ce mémoire prend pour objet les festivals de musique communautaires en tant qu'outillage important pour fomentier l'animation touristique et culturelle d'un pays. Il se base sur un recueil bibliographique à propos des impacts des évènements au niveau social, économique et touristique dans les lieux qui les accueillent et sur l'analyse comparative de deux festivals, Les Aralunaires, d'Arlon, Belgique, et Milhões de Festa, à Barcelos, Portugal. Ce genre de festival a le pouvoir de changer et améliorer l'image de destination ; d'attirer de nouveaux visiteurs ; de créer de la cohésion entre les habitants d'une communauté ; d'avoir un certain impacte dans l'économie locale ; de stimuler de futures visites et de promouvoir la localité ; d'allonger le temps de permanence ; de fidéliser les visiteurs et de minimiser la saisonnalité.

Palavras-chave : Festivais; eventos; turismo; animação turística; Arlon; Barcelos.

Key-words: Festivals; events; tourism; tourism animation; Arlon; Barcelos.

Mots-clef : Festivais; évènements ; tourisme ; animation touristique ; Arlon ; Barcelos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a toda a gente que me ajudou na realização desta dissertação, nomeadamente ao meu orientador, Prof. Luís Paulo Saldanha Martins; ao meu orientador de Estágio Erasmus e coordenador do festival Les Aralunaires, Frédéric Lamand; ao coordenador do festival Milhões de Festa, Joaquim Durães; ao meu co-orientador Carlos Martins; a todos os organizadores de festivais que amavelmente me cederam informações, nomeadamente Sophie Massa, do festival Nuits d'Hiver e Maria Bjorn do festival de Gotemburgo; aos meus colegas da organização do festival Les Aralunaires, e à minha família e amigos que me deram apoio e motivação para eu terminar este estudo.

Índice

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I – OS FESTIVAIS E EVENTOS PARA O TURISMO ECONOMIA E SOCIEDADE	6
1 – Uma Breve História dos Festivais	9
2 – Tipologias de Festivais e Eventos.....	12
3 – Os Festivais e o Turismo.....	16
4 – Impactos Sociais.....	20
5 – Impactos Económicos.....	26
6 – Conclusão	27
CAPÍTULO II - LES ARALUNAIRES VS MILHÕES DE FESTA	29
1 – Inovação no Turismo	29
2 – Festival Les Aralunaires	30
2.1 – A Cidade de Arlon	31
2.2 – Uma Província de Festivais	40
2.3 – Análise do Festival Les Aralunaires	43
3 – Festival Milhões de Festa	51
3.1 – A Cidade de Barcelos	51
3.2 – Análise do Festival Milhões de Festa.....	59
3- Análise Comparativa dos dois Festivais	67
CONCLUSÃO	70
BIBLIOGRAFIA	72
ANEXO	80

Introdução

No âmbito da conclusão do Mestrado em Turismo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, propusemo-nos elaborar um estudo sobre a importância dos Festivais de Música para o Turismo, nomeadamente como elemento importante para a animação turística em Portugal.

A animação assume (...) um factor estratégico da oferta turística portuguesa e pressupõe não só o lançamento de adequados equipamentos destinados a atrair e fixar os visitantes como também o desenvolvimento de manifestações artísticas, folclóricas, etnográficas, etc.. (...) Reconhece-se a indispensabilidade de estimular o desenvolvimento das acções de animação e, sobretudo, de apoiar a construção dos equipamentos que, por um lado, constituam instrumentos de atracção turística, e por outro, garantam a ocupação dos tempos livres, tudo por forma a: aumentar o grau de satisfação dos turistas; atrair novos segmentos de mercado; aumentar o tempo de permanência na época baixa; aumentar a despesa «per capita».¹

Como podemos constatar no texto acima retirado do PNT de 1985, já há 26 anos que a animação turística faz parte dos planos de desenvolvimento turístico. Este estudo tem por objectivo mostrar como os festivais de música podem ajudar a criar um calendário de animação turística que atraia mais turistas ao nosso país, e não apenas para as grandes cidades e na época de Verão, indo ao encontro das propostas do Plano Estratégico Nacional de Turismo de 2006.

É necessário organizar um calendário de animação local nas zonas turísticas, devidamente promovido na internet, e que integre eventos de cultura, música, desporto, gastronomia e vinhos, religião e eventos profissionais, para garantir um nível de animação mínimo ao longo do ano. O objectivo é construir um calendário de animação local preenchido, que permita enriquecer a experiência do turista e aumente a atractividade do destino para o organizador de Turismo de Negócios.²

Dividimos o trabalho em duas partes, em forma de capítulos. No Capítulo I fazemos um apanhado de estudos feitos sobre a importância dos eventos e festivais para o turismo, para a economia e para a sociedade, passando por uma breve história dos festivais, não podendo deixar de abordar o Festival de Vilar de Mouros, o primeiro festival de música moderna em Portugal. Dedicámos o Capítulo II a uma análise comparativa entre dois festivais de música de pequenas dimensões, com a diferença entre eles de um ter lugar em Portugal (Milhões de Festa), e o outro ter lugar na Bélgica (Les Aralunaires).

¹ PNT – Plano Nacional do Turismo, 1985, pág. 171 e 172

² PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal, Ministério da Economia e da Inovação, 2006, pag. 93

Tivemos oportunidade de realizar um Estágio Erasmus na organização do festival belga, integrado no Mestrado em Turismo, o que se tornou numa experiência valiosa para entendermos melhor como funciona a máquina dos festivais comunitários, e de que maneira esses festivais podem funcionar em Portugal também. Como introdução a este capítulo, e porque ambos os festivais têm uma componente inovadora que consideramos muito importante, abordaremos o tema da Inovação no Turismo, citando o relatório da OCDE – “Innovation and Growth in Tourism” de 2006. Para concluir este capítulo faremos uma análise comparativa entre os dois festivais abordados.

Em Anexo colocámos alguma informação relevante sobre o estágio efectuado no âmbito da redacção desta dissertação, e algumas fotografias.

Capítulo I

Os Festivais e Eventos para o Turismo,

Economia e Sociedade.

“Seja para celebrar as épocas da vida (...), ou as tradições e religiões dos tempos antigos e modernos, os festivais juntam as pessoas para partilharem quem são e no que acreditam, do que gostam, do que estão agradecidas, o que faz delas uma comunidade orgulhosamente coesa. Que melhor altura para convidar o mundo a desfrutar de um destino do que uma altura de festival?”³

Este estudo tem por objectivo analisar alguns dos impactos e dos benefícios que os festivais e eventos podem ter em diversas esferas: turismo, economia e sociedade.

Os eventos são um fenómeno crescente à escala global, aumentando em número e popularidade, podendo funcionar como produto turístico, sejam eles mega-eventos ou pequenos festivais comunitários⁴. São oportunidades para divertimento e entretenimento artístico, cultural e patrimonial em comunidades e noutros locais recreativos⁵.

Os festivais, eventos que geram uma variedade de expressões culturais e ilustram muitas práticas sociais estão rapidamente a tornar-se num dos fenómenos culturais mais importantes no quadro da cultura europeia e constituem uma fonte de informação valiosa em comunidades específicas de diferentes origens, crenças, opiniões e tradições. Para além disso, os festivais podem funcionar como um factor particularmente relevante na reorganização do espaço público. Por estas razões as autoridades públicas dos países da Europa já incluíram, ou começam a incluir, festivais nas suas agendas⁶. Neste

³ MENDIRATTA, Anita - *Festivals – A Tourism Invitation To The World*. Compass – Insights Into Tourism Branding, 2010, p.2

⁴ SMALL, Katie Elizabeth - *Understanding The Social Impacts Of Festivals On Communities*. Tese de Doutoramento em Filosofia, University Of Western Sydney, 2007, p.21

⁵ HACKBERT, Peter H. - *Economic Impacts of Appalachian Festivals*. ASBBS Annual Conference: Las Vegas, Volume 16, Nº1, 2009, p.1

⁶ ILCZUK, Dorota e KULIKOWSKA, Magdalena - *Festival Jungle, Policy Desert? – Festival Policies of Public Authorities in Europe*. Ed: Pro Cultura, p.4

momento o panorama de festivais na Europa é muito rico em forma e em qualidade, e cada vez mais em quantidade também⁷.

Os festivais fazem parte da vida cultural actual, pode-se dizer que são um fenómeno contemporâneo. Nos dias que correm, até autarquias pequenas e periféricas podem apresentar eventos importantes, convidar e contratar artistas internacionalmente reconhecidos, atrair um público significativo e ter a atenção dos *media*, tornando-se assim num centro de concentração cultural, pelo menos por um período reduzido de tempo em cada ano.⁸

Ao nível estatal, as autoridades públicas procuram algum valor artístico com prestígio, com um acento tónico especial, e eventos prestigiados que contribuam para a promoção do país no estrangeiro. Ao nível regional e local os valores artísticos tendem a ser misturados com preocupações de política económica e intervenção social e política, relegando para segundo plano a dimensão artística do festival. Mas naturalmente há excepções a esta regra⁹. Em Portugal, os festivais dão visibilidade ao trabalho de artistas internacionais e tornam mais provável que artistas portugueses se tornem mais conhecidos fora do país. São um exemplo da importância das dinâmicas culturais no desenvolvimento local, já que muitas vezes combinam as funções de produção e disseminação artística com património regional e desenvolvimento turístico, estreitando a ligação entre a cultura e a economia¹⁰.

A razão para os governos locais apoiarem cada vez mais os festivais está directamente relacionada com a importância crescente da cultura nas estratégias dos municípios¹¹. Embora, naturalmente, o envolvimento de outros patrocinadores seja também encorajado, como complemento ou substituto, não é por isso menos evidente o apoio das autoridades locais tanto em termos financeiros como em termos de organização. Este apoio baseia-se principalmente em parcerias com agentes culturais locais, juntando assim diferentes formas de capital e promovendo um comprometimento maior no festival por parte da comunidade¹².

Mas o papel dos festivais e eventos como motores económicos e sociais positivos é cada vez mais reconhecido internacionalmente. Um estudo sobre a importância dos festivais no nordeste de Inglaterra conclui que os festivais e eventos são capazes de apresentar a diversidade e património cultural das comunidades da região; destacar a inovação, paixão e criatividade das pessoas na região; estimular a coesão comunitária e desenvolver aspirações; aumentar a participação cultural e desenvolvimento do público; contribuir para o orgulho e entusiasmo regional; fornecer oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento de aptidões; atrair visitantes para a região e gerar

⁷ *Idem, Ibidem*, p.8.

⁸ KARLSEN, Sidsel – *Barents Festivals and the Development of Local Identity*. Lulea University of Technology, 2008, p.1

⁹ ILCZUK, Dorota e KULIKOWSKA, Magdalena – *Op.cit.*, p.10

¹⁰ *Idem, Ibidem*, p.11

¹¹ MARTINHO, Teresa Duarte, citada em *Idem, Ibidem*, p.199

¹² *Idem em Idem, Ibidem*, p.200

despesa significativa associada; criar e destacar uma imagem e reputação regional positiva nacional e internacionalmente; promover uma actividade de negócios regional acrescentada dentro do sector privado e da comunidade – particularmente, mas não limitado, ao turismo e hospitalidade ou às indústrias criativas; apresentar a região como um óptimo lugar para viver, trabalhar, estudar e visitar – apoiando o investimento na área e em estratégias de atracção de talentos.¹³

Na Grécia os festivais têm sido integrados na cultura do país desde há muitos anos, com a vantagem climática que o país tem que se manifesta, nomeadamente, nas actividades turísticas e que permite que eventos culturais tenham lugar ao ar livre. Recentemente, os festivais deixaram de ser organizados exclusivamente pela Organização Nacional de Turismo grega, para passarem a ter lugar em inúmeras cidades e vilas mais pequenas por todo o país, organizados pelas autoridades municipais em colaboração com centros culturais e outros agentes. A maior parte dos festivais na Grécia têm lugar nos meses de Verão em espaços abertos, teatros antigos ou instalações especialmente criadas em lugares de particular interesse histórico e estético¹⁴.

Segundo a Comissão de Turismo da Austrália do Sul, os eventos podem actuar como uma razão para visitar um lugar, estender a duração e alterar a natureza da estada de um visitante, aumentar a despesa, fornecer exposição mediática valiosa, reforçando a imagem, a marca e o posicionamento, estimular o orgulho regional, criar emprego e estimular a economia tanto pública como privada.¹⁵

*Muito do conhecimento e métodos de que necessitamos para estudos de eventos podem ser pedidos emprestados, pelo menos na fase de desenvolvimento, a campos intimamente ligados como o turismo, desporto e administração artística, estudos de lazer e recreação.*¹⁶

O facto de ser algo que não está disponível no quotidiano dos indivíduos é o que torna os eventos especiais. Estes oferecem experiências únicas, e têm também uma duração limitada, o que torna esse evento algo que só está disponível por um período de tempo circunscrito, ou será até mesmo único numa cidade. É esta característica que mais diferencia os eventos de outras atracções turísticas “fixas” que estão disponíveis ao longo de todo o ano. Uma vez que ocorrem com pouca frequência, a experiência de participar num evento especial torna-se única¹⁷.

Desde a sua origem até aos dias de hoje, os festivais juntam pessoas e permitem-lhes expressar as suas preocupações e ansiedades enquanto lhes fornecem experiências

¹³ North East England - Festivals & Events Strategy, One North East - Regional Development Agency, 2007, pag. 2

¹⁴ KAFTANTZOGLOU, R. e MOUSAKI, Despina - Festivals and Cultural Events – Ed: About Greece, p.305.

¹⁵ A Guide to planning events and festivals, South Australian Tourism Commission, 2001, pag.3

¹⁶ GETZ, Donald - Events studies: theory, research and policy for planned events. Ed. Elsevier Ltd, 2007, p.5

¹⁷ SMALL, Katie Elizabeth – Op.cit., p.1

*culturais. Os festivais agrupam diferentes formas de actividades culturais e diferentes pessoas e promovem uma troca cultural e democrática.*¹⁸

Um estudo realizado pelo Conselho para as Artes de Inglaterra especificou que os festivais artísticos existem por três razões principais. Nalguns casos, como celebrações de arte e cultura (de uma forma de arte, de um artista ou grupo de artistas ou de outra forma de ícone cultural) e para criar oportunidades para apresentar trabalho artístico que de outra forma não estaria disponível numa localidade. Noutros casos, como uma comodidade para uma localidade ou comunidade, uma contribuição para desenvolver a qualidade de vida ou ainda também como meio para atrair visitantes e melhorar o perfil e aumentar a reputação de uma área. Naturalmente que de uma forma geral as motivações não são completamente estanques umas das outras. Ainda que por norma, a motivação principal para criar um festival artístico seja a arte em si, primeiramente para benefício da população local ou ainda, frequentemente, para atrair turistas.¹⁹

1 – Uma breve história dos Festivais

Apesar de o número de festivais ter aumentado exponencialmente ao longo das últimas décadas, eles existem desde tempos imemoriais, e a palavra em si deriva do latim e comumente significa felicidade e prazer público²⁰. Hoje em dia, os eventos são criados por razões económicas, sociais ou culturais, mas nem sempre foi assim. Muitos eventos eram programados por motivos muito diferentes dos actuais, aconteciam porque eram necessários, como é o caso das feiras por razões comerciais, ou das festas e celebrações por razões religiosas e porque cabiam organicamente na vida do dia-a-dia²¹. No entanto, este estudo debruça-se sobretudo sobre os festivais musicais, e esses têm acontecido mais ou menos desde que a música em concerto tem seduzido as audiências. Um dos primeiros foi o “centenário” de Händel em Londres em 1784²².

Já nos anos 20 do século XX os festivais tornaram-se numa parte importante da cena musical (música clássica e ópera) na Europa. Em 1952 em parte como consequência

¹⁸ LAOPODI, Maria-Louisa – *Cultural Democracy: The Way Festivals Affect Society*. Ed. Dissertation.com, 2003, p.14

¹⁹ *Arts festivals and the visitor economy - Their contribution and their potential in the West Midlands region*, Arts Council England, 2006, Pág.5

²⁰ KARLSEN, Sidsel - Op.cit., p.1

²¹ GETZ, Donald – Op.cit., p.24

²² GILLIES, Malcolm - *Festivals: Now and Then*. The Journal of The Australian Music Centre – Sounds Australian N°63, 2004, p.5

desse crescimento foi criada a “Association Européenne des Festivals”, com 15 membros prestigiados.²³

Nos dias de hoje os festivais celebram sobretudo as artes performativas, ideias, literatura, natureza e gastronomia²⁴.

Na Grécia actual, o festival artístico mais antigo de que se tem conhecimento é o Festival de Atenas, organizado pelo departamento cultural da Organização Nacional de Turismo grega e acolhido pelos teatros de Herodes Atticus e Lycabettus em Atenas e também em Epidaurus. Criado em 1955 com o objectivo de acolher espectáculos de teatro e música antiga grega, actualmente o seu programa inclui música, teatro e dança contemporânea²⁵.

Foi no final dos anos 60 e início dos 70 do século XX que se começaram a criar festivais de música orientados para a juventude, onde se inclui o famoso Woodstock (1969). O festival Americano Woodstock, de 1969, foi um dos primeiros festivais, mas claramente o mais importante, dedicado à música ligeira, mais concretamente *pop e rock*. Foi um festival que juntou uma geração contra-cultural e representou um ponto de viragem no uso da música como um meio para a expressão política e serviu como uma rampa de lançamento para festivais do género²⁶.

*Em 1969, um monumental festival de música mudou o nosso mundo. Mais de meio milhão de pessoas juntaram-se – unidas numa mensagem de paz, abertura e expressão cultural – e demonstraram como uma geração podia ser ouvida. Hoje, o Woodstock continua vivo. Os produtores originais do festival histórico continuam a levar para a frente a ética do Woodstock ao identificar causas sociais, ambientais e políticas, organizando comunidades à sua volta, desenvolvendo produtos para essas comunidades e encorajando a expressão criativa.*²⁷

O primeiro Woodstock (Woodstock Music & Art Fair) teve lugar em Agosto de 1969 numa quinta em Bethel no estado de Nova Iorque, nos EUA. Mais de meio milhão de pessoas assistiram a 32 actuações de artistas emergentes da altura, como Jimi Hendrix, The Grateful Dead, The Who e Janis Joplin.²⁸

Fundado por John Roberts, Joel Rosenman, Michael Lang e as suas famílias, a organização Woodstock Ventures procura criar eventos que estejam de acordo com os

²³ FREY, Bruno S. – *The Rise and Fall of Festivals, Reflections on the Salzburg Festival*. Ed. Institute for Empirical Research in Economics, University of Zurich, 2000, p.2

²⁴ GILLIES, Malcolm – Op.cit., p.5

²⁵ KAFTANTZOGLOU, R. e MOUSAKI, Despina – Op.cit., p.306

²⁶ CUMMINGS, Joanne - *Sold out! – An Ethnographic study of Australian Indie Music Festivals*. Tese de doutoramento em Filosofia, School of Social Sciences, University of Western Sydney, 2007, p.26

²⁷ <http://www.woodstock.com/>, acedido em Setembro de 2011.

²⁸ *Idem*

valores do festival, como os direitos humanos universais, a prática ética do negócio, a expressão criativa livre, o comércio livre e o respeito pelo planeta.²⁹

No 25º aniversário do festival Woodstock, em 1994, a organização montou o “Woodstock II”, que contou com artistas como Bob Dylan, Sheryl Crow, The Cranberries, Green Day e Red Hot Chili Peppers. Nesse ano, cerca de 350,000 pessoas participaram nos três dias de festival. Passados cinco anos, para festejar o 30º aniversário do Woodstock, os organizadores realizaram uma terceira edição do festival em 1999. Aproximadamente 200.000 pessoas foram ver as actuações de artistas de renome como James Brown, The Roots, The Dave Matthews Band, Counting Crows, Alanis Morissette e Metallica.³⁰

Em Portugal foi criado em 1971, à semelhança do Woodstock, o festival de Vilar de Mouros.

Vilar de Mouros é uma freguesia do concelho de Caminha, constituída por pouco menos de 1000 habitantes nos anos 60 e cerca de 750 em 2011. Atravessada pelo rio Coura, Vilar de Mouros é característica pela sua ponte, azenhas e praias fluviais. É a preservação do seu ar rústico e da beleza natural que atrai tantas pessoas durante o ano, e que tanto encanta aqueles que a visitam quando o Festival de Vilar de Mouros acontece.³¹

Em 1971, António Augusto Barge organizou um festival de música com um formato parecido com o do *Woodstock* apenas dois anos depois. Trinta mil pessoas, oriundas de vários pontos da Europa, assistiram a um festival que trouxe a Portugal nomes como Elton John, Manfred Mann e Pop Five Music Incorporated. O formato de festival é aquele que ainda hoje conhecemos e tem tanto sucesso: um grande acampamento onde se juntam milhares de pessoas, muitas de cultura *hippie*, fazendo a apologia da paz, amor e liberdade. Esse clima de liberdade que se viveu nessa primeira (e última por onze anos) edição do festival, é um aspecto muito importante da essência deste festival, uma vez que ainda estávamos a três anos da Revolução de Abril.

Só em 1982 Portugal teve a honra de ver acontecer uma nova edição deste festival, que procurou apresentar uma grande diversidade de estilos musicais, com participações nacionais e internacionais. Depois desta segunda edição deu-se um novo longo interregno até 1996, e só desde 1999 até 2006 tivemos a oportunidade de ter o festival como um acontecimento com periodicidade regular anual.

Devido a desentendimentos entre a produtora do festival – PortoEventos – a Junta de Freguesia de Vilar de Mouros e a Câmara Municipal de Caminha, a edição de 2007 foi cancelada três semanas antes da data prevista. Segundo a PortoEventos e a Junta de Freguesia, o cancelamento deu-se por falta de apoios por parte da autarquia de

²⁹ *Idem*

³⁰ *Idem.*

³¹ <http://www.jf-vilardemouros.com/>, acedido em Junho 2010.

Caminha.³² A produtora e a Junta de Freguesia alegaram que a Câmara Municipal, presidida por Júlia Paula, do Partido Social Democrata, não contestou nenhum pedido de audiência para organizar o evento desse ano. A autarquia, por seu lado, defendeu-se dizendo que numa reunião no início desse ano haviam “formalizado o apoio nos moldes dos anos anteriores”. Nesse mesmo ano, a Junta de Freguesia de Vilar de Mouros denunciou o contrato que havia assinado em 2005 com a PortoEventos, e que permitia a esta última organizar o festival até ao ano 2010, devido ao incumprimento do estabelecido no protocolo de relacionamento.³³

Em 2008, a autarquia, a Junta de Freguesia e a PortoEventos assinaram um novo “protocolo tripartido” que permitiria o regresso do festival para 2010. Este documento advogava a criação de uma entidade constituída pela Câmara Municipal de Caminha e pela Junta de Freguesia de Vilar de Mouros, a complementar com parcerias. No entanto, como sabemos, esse protocolo acabou por não ter sucesso uma vez que nesse ano não aconteceu nova edição do festival.³⁴

Esta falta de entendimento entre as partes envolvidas num evento causa um atraso no desenvolvimento do turismo. Passados 40 anos da primeira edição do festival, não houve em 2011 edição do festival no seu formato tradicional. No dia 21 de Agosto de 2011 teve lugar o festival de um só dia Energie Music Vilar de Mouros³⁵, organizado pela agência musical Connect³⁶ em parceria com a Câmara Municipal de Caminha e a Junta de Freguesia de Vilar de Mouros.

2 – Tipologias de Festivais e Eventos

Num estudo sobre festivais é importante elaborar uma pesquisa sobre tipologias destes eventos. Mas para tal, convém enquadrar primeiro os festivais nos outros tipos de eventos programados que existem.

Getz define evento como um fenómeno temporal, com um começo e um fim, com expressão territorial, confinado a um espaço especial que pode ser uma sala de espectáculos, um grande espaço aberto ou vários espaços. Por definição, um evento ocorre só uma vez e é impossível de replicar. Embora se possa criar um evento semelhante, pelo espaço ou pelo programa, algo fará sempre com que o evento seja

³² <http://www.musica.iol.pt/>, acedido em Junho 2010.

³³ <http://jn.sapo.pt>, consultado em Junho de 2010

³⁴ <http://blitz.aeiou.pt>, consultado em Junho de 2010

³⁵ <http://www.energiemusic.net>, consultado em Setembro de 2011

³⁶ <http://www.connect-music.net>, consultado em Setembro de 2011

tangível ou experiencialmente diferente: é este o aspecto que torna os eventos atractivos, pois só estão disponíveis uma única vez³⁷.

Getz dividiu a sua tipologia de eventos em Eventos Económicos e de Marca, Eventos Premier ou de Prestígio, Mega-Eventos, Eventos Mediáticos, Eventos relacionados com uma Causa, Eventos Empresariais, Truque Publicitário e Eventos Especiais, especificados abaixo.

- **Eventos Económicos e de Marca:** são eventos que pela sua importância, em termos de tradição, atractividade, qualidade ou publicidade, fornecem uma vantagem competitiva ao espaço, comunidade ou destino que os acolhe, de tal forma que evento e espaço ficam ligados. Por vezes é chamado de evento ícone, pois trata-se de mais do que fama ou reputação para a comunidade onde se insere. No entanto, também se pode chamar evento icónico a um evento que tem um forte encanto por si só, e que pode ser montado com sucesso em qualquer lugar³⁸.

- **Eventos Premier ou de Prestígio:** um evento *Premier* é o evento máximo dentro de uma categoria específica, como por exemplo, o Campeonato Mundial é o evento *Premier* ou de Prestígio do futebol. Estes eventos podem ser montados em locais permanentes, mas a maior parte deles ocorre em diferentes cidades pelo mundo inteiro³⁹.

- **Mega-Eventos:** em termos de números, um evento para ser considerado “mega” deve exceder um milhão de visitantes e atrair publicidade de todo o mundo, assim como é o exemplo dos Jogos Olímpicos ou das Feiras Mundiais. No entanto, segundo Getz, até um pequeno festival musical pode ter “mega” impactos numa pequena cidade em termos de turistas, benefícios económicos ou efeitos de transtorno, e impactos na imagem de destino⁴⁰.

- **Eventos Mediáticos:** qualquer evento pode tornar-se num evento mediático, basta ter sido criado para públicos irradiados, usando facilidades de internet ou televisão⁴¹.

- **Eventos Relacionados com uma Causa:** este tipo de evento é criado com o objectivo de angariar dinheiro ou promover uma causa⁴².

- **Eventos Empresariais:** eventos que são produzidos por uma empresa com o fim de lançar um produto, fazer um encontro, uma inauguração ou truques publicitários⁴³.

- **Truque Publicitário:** evento desenhado para fazer publicidade que está normalmente associado a políticos ou estrelas de cinema⁴⁴.

³⁷ GETZ, Donald – *Op.cit.*, p.18.

³⁸ *Idem – Ibidem*, p.24

³⁹ *Idem – Ibidem*, p.25

⁴⁰ *Idem – Ibidem*

⁴¹ *Idem – Ibidem*

⁴² *Idem – Ibidem*, p.26

⁴³ *Idem – Ibidem*

- **Evento Especial:** evento desenhado de forma a ser diferente e singular em termos de estilo, seja pela hospitalidade, simbolismo, espírito festivo, temática ou autenticidade, para apelar a accionistas e públicos diferentes⁴⁵.

Citado por Small, Getz descreve as principais características de um evento da seguinte forma: um evento é aberto ao público; o seu principal objectivo é a celebração ou demonstração de um tema específico; tomam lugar anualmente ou menos frequentemente; as datas de abertura e encerramento pré-determinam a sua duração; o programa consiste em uma ou mais actividades separadas; são grandemente imateriais, e é a experiência em si de participar num evento o que é mais importante⁴⁶.

A tipologia de eventos que Small abordou inclui Mega-Eventos, Eventos de Marca e Eventos Comunitários/Locais, e classifica-os da seguinte forma:

- **Mega-Eventos:** são os maiores na escala dos eventos, tanto em tamanho como importância e são capazes de afectar em grande medida uma comunidade ou país, uma vez que atraem pelo menos um milhão de visitantes, incorrem em custos capitais de pelo menos 500 milhões de dólares e atraem cobertura mediática a nível mundial. O exemplo que melhor cabe nesta categoria corresponde aos Jogos Olímpicos⁴⁷.

- **Eventos de Marca:** um evento de marca, assim como menciona Getz, é um evento que é relacionado com um determinado lugar, de tal forma que lugar e evento se tornam inseparáveis. São criados primeiramente para aumentar a consciência e atractividade de um destino turístico. Exemplos de eventos de marca são o Carnaval do Rio de Janeiro e a Oktoberfest em Munique⁴⁸.

- **Eventos Comunitários/Locais:** são criados pelas comunidades para oferecer oportunidades sociais e de entretenimento primeiramente para a comunidade local. Estes eventos, normalmente festivais de pequenas dimensões, originam-se de um segmento específico de uma comunidade com o objectivo de celebrar características específicas do seu modo de vida ou história. São normalmente organizados pela própria comunidade local, usando corpos de voluntários e comissões de organização locais⁴⁹.

É difícil produzir uma definição para eventos que comporte toda a multiplicidade de celebrações. Por todo o mundo há grandes e pequenos festivais com uma grande variedade de temas incluindo a gastronomia e vinho, as artes, a música, o desporto, a religião, a história ou a cultura⁵⁰. Getz considera que o termo “festival” é demasiado usado e muitas vezes mal usado, como é o caso de simples promoções comerciais ou festas. Considera que a palavra festival tem sido muitas vezes reduzida a um programa

⁴⁴ *Idem – Ibidem*

⁴⁵ *Idem – Ibidem*

⁴⁶ SMALL, Katie Elizabeth – *Op.cit.*, p.22

⁴⁷ *Idem – Ibidem*, p.22-23

⁴⁸ *Idem – Ibidem*, p.23

⁴⁹ *Idem – Ibidem*

⁵⁰ *Idem – Ibidem*, p.21

público de entretenimento, ou uma altura especial para divertimento e actividades, quando no fundo se esqueceu o que se está a celebrar⁵¹.

O objecto deste estudo são os festivais artísticos, nomeadamente os festivais de música, que para além de serem os mais frequentes na Europa, também recebem o apoio público mais substancial. Só na Polónia os festivais de teatro se sobrepõem em número aos festivais de música. Mas no geral os festivais de teatro ocupam o segundo lugar em termos de quantidade nos países da Europa, normalmente seguidos dos festivais de dança e de cinema. No entanto, observa-se uma tendência cada vez maior para os festivais crescerem e se direccionarem mais para uma maior interdisciplinaridade⁵².

Ilczuk e Kulikowska definiram os festivais como *eventos de relevância nacional e internacional com o objectivo de promover e renovar as respectivas disciplinas artísticas, organizados na mesma área e num espaço de tempo limitado*.⁵³

De acordo com um estudo realizado nos EUA sobre festivais artísticos ao ar livre, estes festivais ocorrem em ambientes naturais e arquitectónicos únicos; apresentam uma programação diversificada, misturando géneros e artistas mais familiares com outros menos conhecidos; funcionam como um portal para novas actividades artísticas ao criar uma atmosfera informal que encoraja os públicos a experimentar novas formas e estilos de arte; providenciam oportunidades para a educação artística e para a interacção entre artistas e membros do público; promovem desenvolvimento profissional e um sentido de comunidade para os artistas. São festivais com grande ligação com as comunidades. Os accionistas apoiam os festivais pois percebem que os festivais contribuem para a identidade, economia, e comprometimento cívico da comunidade; contribuem para as artes e para a educação cultural das comunidades; e são importantes para a vida das comunidades. Este tipo de festival depende do governo de diferentes e importantes formas (de agências locais como a polícia, parques e recreação, e departamentos de ruas e serviços sanitários); dependem dos líderes locais pois usam espaços públicos como espaços artísticos e devem empregar recursos públicos para o fazer; e dependem também do trabalho voluntário⁵⁴.

Segundo este estudo, centrado na temática sobre festivais artísticos ao ar livre, estes variam grandemente em termos da sua programação, missões e estrutura organizacional. Por vezes focalizam-se numa só disciplina artística e apresentam uma grande variedade de géneros e estilos. Alguns focalizam-se na sua missão artística enquanto outros têm por objectivo contribuir para o desenvolvimento económico ou educacional da comunidade. A dimensão, extensão temporal e tamanho da sua localização pode variar grandemente. Enquanto alguns são patrocinados e produzidos por organizações privadas sem fins lucrativos, outros são geridos por agências governamentais ou através de

⁵¹ GETZ, Donald – *Op.cit.*, p.32

⁵² ILCZUK, Dorota e KULIKOWSKA, Magdalena, *Op.cit.*, p.9

⁵³ *Idem – Ibidem*, p. 6-7

⁵⁴ ROSENSTEIN, Carole - *Live from your neighborhood – A national study of outdoors arts festivals*. Ed. Sunil Iyengar & Sarah Sullivan, National Endowment for the Arts, Research Report #51, Volume 2, p.5

parcerias público-privadas de vários tipos. Enquanto alguns são gratuitos, outros incluem um número limitado de eventos pagos, ou requerem preço de entrada para todo o festival⁵⁵.

3 – Os Festivais e o Turismo

Os festivais têm o poder de atrair visitantes aos lugares onde ocorrem. Dependendo da dimensão e do tipo de evento, bem como da sua projecção mediática, a presença de visitantes, nomeadamente turistas, pode ser bastante importante para o desenvolvimento de uma localidade ou país. Obviamente, quando falamos de turismo não podemos falar somente de impactos positivos. Uma gestão de turismo mal feita pode levar à degradação ambiental, social e cívica de uma localidade. Por outro lado, quando o turismo é bem gerido, e os impactos negativos são minimizados, um festival pode contribuir em grande escala para o desenvolvimento económico, social, cultural ou ambiental duma localidade ou país. Quando falamos de eventos falamos também de animação turística, que pode adquirir uma expressão que transcende as componentes referidas. Um país que oferece um calendário de animação turística torna-se mais atractivo para o tipo de turistas que não se contenta somente com o turismo tradicional de sol e praia ou de visitas a museus e locais com património monumental ou arquitectónico. O turismo de eventos torna-se ainda mais importante quando falamos de países que não têm grande oferta nestes âmbitos, ou quando o clima não convida a um turismo deste género. Ainda quando um país conta com estas qualidades, um calendário de eventos regular pode contribuir para um alargamento do período tradicional de turismo.

Dentro dos países, a maior parte dos festivais estão concentrados à volta de grandes aglomerados e regiões turísticas⁵⁶ e o seu estudo assenta, segundo Getz, numa panóplia variada de perspectivas teóricas de diferentes domínios científicos com evidentes relações com o Turismo⁵⁷.

No decorrer da pesquisa bibliográfica verificou-se que existe um número significativo de estudos feitos sobre festivais na Austrália. Isso talvez se deva ao facto de os festivais na Austrália serem um fenómeno com crescente importância nos últimos anos com grande impacto na indústria do turismo australiana⁵⁸.

Para Aldskogius, os estudos sobre a geografia de eventos especiais são importantes pois, por um lado, contribuem para compreender as formas pelas quais as localidades e regiões tentam fortalecer a sua base económica, criar imagem, auto-promover-se e

⁵⁵ *Idem – Ibidem*, p.9

⁵⁶ ILCZUK, Dorota e KULIKOWSKA, Magdalena, *Op.cit.*, p.9

⁵⁷ GETZ, Donald – *Op.cit.*, p.5

⁵⁸ SMALL, Katie Elizabeth – *Op.cit.*, p.1

competir com outras localidades e regiões, e por outro, podem-nos ajudar a compreender as condições sob as quais é produzida a música ao vivo. O autor do estudo acrescenta ainda que o ambiente geográfico é um aspecto essencial dos eventos especiais de música de Verão⁵⁹.

Picard e Robinson consideram que os festivais adquiriram um importante estatuto como parte do turismo, sejam eles momentos de celebração social tradicionais ou eventos elaborados primeiramente enquanto produto turístico, de tal forma que hoje em dia podemos claramente discernir um fenómeno de turismo de festival⁶⁰.

O turismo ofereceu às comunidades o ímpeto para reviver, redescobrir e reinventar a sua cultura de festival enquanto outras criaram os festivais como forma de atrair turistas, servindo para consolidar e celebrar a identidade local e para oferecer uma experiência autêntica ao visitante. (...) Os festivais são apresentados como uma forma de responder à “insegurança, sem sentido e sem lugar” provocada pela mudança global, oferecendo valiosos “momentos de equilíbrio num mundo altamente móvel.”⁶¹

Por vezes os festivais são criados devido a estratégias de marketing de lugar e de promoção do turismo, o que muitos observadores consideram não ser um bom processo⁶². A Comissão de Turismo da Austrália do Sul considera que acolher um evento simplesmente porque outra comunidade, cidade ou região acolhe outro evento não é um bom ponto de partida, pois nem sempre o turismo e os eventos são a resposta certa para todas as situações ou comunidades. Por detrás de um evento há que haver sempre uma razão genuína.⁶³

Segundo Getz, o tempo tornou-se um bem de grande valor, uma vez que as pessoas sacrificam tempo de trabalho por tempo livre com a família e amigos, o que muitas vezes envolve experiências de eventos⁶⁴. Os eventos têm o poder de transformar a experiência que uma pessoa tem do espaço onde eles ocorrem, e estão intimamente ligados a esse espaço e à comunidade que os acolhe. Os eventos influenciam os lugares e culturas onde têm lugar, especialmente quando se trata de um mega-evento num local que nunca teve um desenvolvimento tão rápido e súbito no passado ou tanta atenção mediática. Getz chama atenção para o papel na “construção de comunidade” dos eventos, uma vez que estes podem influenciar a ligação aos lugares e à sua identidade. Os eventos ou celebrações são indispensáveis para qualquer nação ou comunidade pois

⁵⁹ ALDSKOGIOUS, Hans – *Festivals and Meets: The Place of Music in “Summer Sweden”*. Fonte: Geografiska Annaler. Series B, Human Geography, Vol. 75, No. 2 pp. 55-72, Blackwell Publishing, 1993, p.70

⁶⁰ PICARD, David e ROBINSON, Mike – *Festivals, Tourism and Social Change: Remaking Worlds*. Ed. Clevedon, 2006, p. 337

⁶¹ *Idem – Ibidem*

⁶² GETZ, Donald – *Op.cit.*, p.5

⁶³ *A Guide to planning events and festivals*, South Australian Tourism Commission, 2001, pag.3

⁶⁴ GETZ, Donald – *Op.cit.*, p.19

geram orgulho, melhoria da auto-estima e um sentimento de pertença, e potenciam o desenvolvimento⁶⁵.

Todos os eventos, sejam eles festivais ou eventos desportivos, podem facilitar experiências de alegria, celebração, excitação, auto-realização, ou apreciação estética⁶⁶.

Um estudo sobre os festivais de Verão na Suécia mostra-nos como os festivais, que têm lugar normalmente em comunidades bastante pequenas, podem funcionar como atractivo turístico, como formadores de imagem de destino e como geradores de lucros locais através do turismo⁶⁷. Alguns dos festivais estudados nesse estudo atraem públicos de 20 a 30 mil pessoas e têm agora grande importância no país⁶⁸.

Segundo o Conselho para as Artes inglês, os festivais artísticos podem contribuir para o turismo de diversas formas. Eles providenciam ofertas culturais, contribuem para a construção de um sentido de lugar e para a construção de um sentido de comunidade e um propósito comum. Podem ser também bons veículos promocionais para cidades, vilas e aldeias, realçando a imagem e identidade de um destino e melhorando assim as percepções do lugar e das pessoas que aí vivem. Os festivais artísticos são uma forte expressão da cultura local, na medida em que oferecem uma oportunidade para as pessoas definirem a sua própria individualidade, cultura e tradição, defendendo-se contra a “globalização” e homogeneização da cultura.⁶⁹

Em termos de marketing, os festivais e eventos podem ser muito positivos para as percepções de marca, uma vez que são capazes de projectar uma imagem vibrante e viva dos lugares. Podem melhorar o perfil de destino através de cobertura de imprensa, difusão positiva de informação, nomeadamente de carácter informal, e apresentar uma oferta cultural mais diversificada que complementa outras atracções fixas mais conhecidas.⁷⁰ Os festivais podem acrescentar profundidade e interesse a um “*Mix de Destino*”, uma vez que o elemento de actuação ao vivo, principalmente nas ruas, cria uma atmosfera de férias. Este elemento de animação em lugares de outra forma calmos ou aborrecidos, pode deixar os visitantes com uma impressão forte e positiva, que saem das suas férias com uma visão da cultura e vida local. Um programa de festivais interessantes e ecléticos, concentrados em períodos intensos, pode tornar-se numa valiosa componente promocional que dá vantagem competitiva ao destino.⁷¹ Ao mesmo tempo, os festivais são normalmente positivos para a população local, pelo orgulho local e sentido de comunidade que podem provocar.⁷²

⁶⁵ *Idem – Ibidem*, p.20

⁶⁶ GETZ, Donald – *Op.cit.*, p.23

⁶⁷ ALDSKOGIOUS, Hans – *Op.cit.*, p.55

⁶⁸ *Idem – Ibidem*, p.57

⁶⁹ Arts festivals and the visitor economy - Their contribution and their potential in the West Midlands region, Arts Council England, Pág.6

⁷⁰ *Ibidem*

⁷¹ *Ibidem*

⁷² *Ibidem*

Os festivais também são positivos para o turismo uma vez que são capazes de aumentar o tempo de estada. Por vezes os festivais são a própria motivação para visitar um lugar, mas também podem funcionar como uma razão para prolongar uma viagem previamente planeada, desta forma aumentando o tempo de estada do visitante, e consequentemente o lucro que ele gera. Para além do mais, assim como no caso dos mega-eventos, os festivais criam no potencial visitante uma boa razão para visitar o lugar nesse momento e não adiar indefinidamente as férias planeadas⁷³.

Um aspecto muito importante dos festivais é que eles podem alargar o período de visita de um lugar ao longo do ano. Todos os destinos turísticos sofrem do mesmo problema: na época baixa a visitação diminui significativamente e o emprego na actividade turística cai. Quando um festival é planeado fora da época alta pode atrair fluxos de visitantes evitando o esmorecimento da economia turística e minimizando os efeitos da sazonalidade⁷⁴.

Os festivais podem ter também o poder de espalhar os viajantes espacialmente no destino, atraindo-os para fora das cidades principais para conhecer outros lugares de interesse menos conhecidos, com pessoas, culturas, tradições, histórias e ambientes diferentes⁷⁵.

Um outro aspecto dos festivais de grande importância para o turismo é que eles podem motivar a repetição da visita. Para além de acrescentarem valor às campanhas de destino, eles têm o poder de inculcar um sentido de orgulho e de espírito para acolher entre a população do destino⁷⁶.

Os festivais são capazes de gerar lucros para os governos e ter um impacto positivo nas economias locais, criar fundos para organizações locais e serviços, criar uma imagem positiva para a comunidade, abrir oportunidades para talentos locais e instigar o orgulho na comunidade⁷⁷.

Cada vez mais por todo o mundo os festivais baseados em pequenas comunidades estão a tornar-se num fenómeno turístico⁷⁸. Este turismo de festivais é, em grande medida, promovido pelo sector público e não exclusivamente pelo sector privado com interesse comercial. O sector privado providencia transportes essenciais, serviços de apoio, assim como alojamento, restaurantes e lojas, bem como difusão de informação e promoção, mas o fornecedor primário das atracções que activam o turismo focado nos festivais na maioria das comunidades, segundo Hackbert, é mesmo o sector público⁷⁹. Este tipo de

⁷³ MENDIRATTA, Anita – *Op.cit.*, p. 5

⁷⁴ *Idem – Ibidem*

⁷⁵ *Idem – Ibidem*, p.5-6

⁷⁶ *Idem – Ibidem*, p.6

⁷⁷ HACKBERT, Peter H. – *Op.cit.*, p.1

⁷⁸ *Idem – Ibidem*

⁷⁹ *Idem – Ibidem*, p.5

turismo é uma forma de desenvolvimento económico sustentável que engloba artes, folclore, preservação histórica e gastronomia⁸⁰.

4 – Impactos Sociais

*Padrões sociais de globalização e estilos de vida automatizados desencorajam a vida em comum e a participação activa. Para além do mais, os media e a sua forte imposição nas consciências das pessoas, desencorajam a promoção de diversidade cultural e o acesso justo a recursos culturais. (...) Num enquadramento social tão pouco amigável, os festivais podem reinventar a vida em comum enquanto promovem formas culturais de expressão.*⁸¹

Apesar de os festivais poderem ser vistos como um tipo de produto do turismo de eventos, não podemos considerar somente essa perspectiva. Há que igualmente observar os festivais do ponto de vista do desenvolvimento comunitário, uma vez que os festivais criam o potencial para uma série de impactos sociais na comunidade anfitriã. Esses impactos sociais afectam a vida quotidiana dos residentes e trazem mudanças para o estilo de vida, valores, interacções sociais e identidade do lugar⁸².

Do ponto de vista sociológico, um festival pode ter impactos tanto positivos como negativos, estando essa relação geralmente ligada à proporção do evento em relação à dimensão da localidade onde este se realiza. Está também ligada ao nível de participação da comunidade residente na organização desse evento.

No inquérito realizado pelo estudo acima mencionado sobre os festivais de Verão na Suécia, mais de quatro em cinco pessoas acreditavam que o festival que teve lugar na sua localidade contribuiu para a imagem da comunidade e não gostariam de ver o evento acabar. Uma pequena minoria foi de opinião que o evento atingiu níveis incomodativos. De uma forma geral as pessoas foram de opinião que o festival foi bom para a comunidade, mas não especialmente para os próprios indivíduos residentes. A união de recursos locais em torno de um festival tem provavelmente efeitos positivos duradouros no que toca à actividade cultural e criatividade local⁸³.

O acto de uma comunidade se juntar para empreender um projecto colectivo, como no caso de um festival comunitário pode levar a resultados positivos para a comunidade, como por exemplo o aumento do nível de bem-estar comunitário⁸⁴.

⁸⁰ *Idem – Ibidem*

⁸¹ LAOPODI, Maria-Louisa – *Op.cit.*, p.14-15

⁸² SMALL, Katie Elizabeth - *Op.cit.*, p.3

⁸³ ALDSKOGIOUS, Hans – *Op.cit.*, p.70

⁸⁴ SMALL, Katie Elizabeth - *Op.cit.*, p.15

Small dedicou a sua tese de mestrado a perceber os impactos que os festivais comunitários têm na comunidade que os acolhe, uma vez que é um tipo de festival que está a crescer um pouco por todo o mundo em número, diversidade e popularidade⁸⁵. Para além do mais, é um tipo de festival que permite mais facilmente investigar os impactos sociais uma vez que ocorre num espaço geográfico contido e tem ligações mais fortes com a comunidade do que no caso de festivais maiores⁸⁶.

Estes festivais comunitários normalmente celebram um tema que parte da própria comunidade, sendo comunidade um grupo de pessoas que partilham as mesmas tradições e o mesmo território⁸⁷. Organizados normalmente por comités de promoção local, estes festivais tendem a reflectir o que é distinto na comunidade que os acolhe, e estão ligados – comunidade e festival - intrinsecamente por fortes laços⁸⁸.

Small defende que os festivais comunitários podem ser muito mais do que atractivos turísticos para uma comunidade. Eles representam uma oportunidade para que os elementos dessa comunidade se juntem para celebrar, socializar e se entreter, através de voluntariado e actividades de lazer. Desta forma os membros da comunidade local têm a oportunidade de desenvolver novas aptidões e interesses, um espírito de identidade, orgulho, identidade e pertença na comunidade, e também ajudar à coesão social e ao bem-estar comunitário⁸⁹.

Mas enquanto os festivais fornecem estes e outros benefícios sociais, também podem gerar impactos sociais negativos na comunidade anfitriã. Estes impactos negativos incluem o congestionamento do tráfego, multidões, encerramento de ruas, vandalismo e aumento do comportamento anti-social durante o festival⁹⁰. No entanto, a medição desses impactos sociais tem-se desenvolvido lentamente, uma vez que estes tendem a ser imateriais por natureza⁹¹.

No entanto, alguns elementos podem ajudar a determinar os impactos sociais que um evento possa ter na comunidade. Um deles é a **idade do evento** na medida em que, por exemplo, a percepção do impacto dos eventos por parte dos habitantes se torna menos negativa quando o evento já é organizado na localidade há uma série de anos. Isto pode ser devido ao facto de os organizadores do evento terem aprendido, nomeadamente através da continuidade da experiência, a gerir melhor o festival e a minimizar os impactos negativos. Também pode estar relacionado com os próprios habitantes que com o tempo aprenderam a gerir a sua vida em função do evento, como por exemplo

⁸⁵ *Idem – Ibidem*, p.1

⁸⁶ *Idem – Ibidem*, p.9

⁸⁷ *Idem – Ibidem*, p.2

⁸⁸ *Idem – Ibidem*

⁸⁹ *Idem – Ibidem*

⁹⁰ *Idem – Ibidem*, p.3

⁹¹ *Idem – Ibidem*, p.4

deixando a localidade durante o período do evento, ou simplesmente aprendendo a viver com ele durante esse período⁹².

Outro elemento que influencia as percepções dos residentes é a **dimensão do evento**. Por razões óbvias, é normal estabelecer-se a relação entre o tamanho de um evento e o nível de impactos sociais que ele irá provavelmente infligir. Mas não é só o tamanho que determina o nível de impactos, mas também a proporção do evento em relação à comunidade anfitriã⁹³.

O **tema** também é um elemento importante na percepção dos impactos de um evento numa localidade por parte dos seus habitantes, uma vez que convém que esse tema reflecta e celebre aspectos valorizados do modo de vida da comunidade, e não seja um tema imposto. Se os habitantes não se identificarem com o tema, o evento poderá não ser bem acolhido e o sucesso e sustentabilidade a longo prazo pode ser posto em risco. O ideal será a comunidade estar ligada ao festival através da própria organização, estando assim organização e comunidade de acordo quanto aos objectivos e propósitos do festival⁹⁴.

A **concentração espacial** do evento também vai influenciar o nível de impactos sociais sobre a comunidade. Enquanto um evento que usa vários locais de espectáculo espalhados pela cidade verá os seus impactos espalhados por essa área maior, no caso de um evento confinado a uma área específica da comunidade, os seus impactos estarão confinados também a essa área limitada. Mas se os impactos negativos estão confinados a essa área, os impactos positivos estarão também limitados a essa zona⁹⁵.

A **dependência económica** dos indivíduos em relação ao turismo irá provavelmente influenciar as percepções de um evento por parte desses indivíduos. A dependência económica directa da indústria do turismo ou de um evento especial irá criar percepções positivas⁹⁶.

Outro elemento influenciador das percepções dos residentes é a **proximidade**. Quanto mais perto residirem os indivíduos da actividade turística, mais negativas serão as suas percepções dos impactos. No entanto, alguns estudos descobriram que pode acontecer exactamente o contrário, o que nos leva a concluir que cada caso é um caso e nem sempre as reacções dos residentes podem ser previsíveis⁹⁷.

O **nível de contacto** com turistas é outro factor que dá azo a conclusões contraditórias. Enquanto em alguns casos o elevado grau de contacto com turistas leva a percepções

⁹² *Idem – Ibidem*, p.31

⁹³ *Idem – Ibidem*

⁹⁴ *Idem – Ibidem*, p.32

⁹⁵ *Idem – Ibidem*

⁹⁶ *Idem – Ibidem*, p.33

⁹⁷ *Idem – Ibidem*

negativas dos impactos, noutros casos produz percepções positivas. Tudo depende do tipo de contacto com o turista⁹⁸.

Em termos de **demografia**, no que toca à idade, sugere-se que os habitantes mais jovens tendem a ser mais positivos em relação aos impactes do turismo. Em relação à formação académica, pessoas mais habilitadas terão percepções mais positivas dos impactos, e o mesmo acontece com pessoas com níveis de rendimento mais altos. No que toca ao emprego, as pessoas empregadas, seja em turismo ou noutra área, tendem a ter percepções mais positivas dos impactos do turismo⁹⁹.

A **duração da residência** dos habitantes pode também influenciar as suas percepções, uma vez que as pessoas que residem na área há menos tempo tendem a ter percepções positivas dos impactos, e os que residem há mais tempo no local, tendem a ter percepções dos impactos mais negativas. No entanto, pode acontecer também o contrário, uma vez que uma maior ligação à comunidade pode estar associada tanto a avaliações positivas como negativas¹⁰⁰.

A **identificação com o tema** é também um factor muito importante, uma vez que os membros da população local que se identificam com o tema do evento são aqueles que mais provavelmente terão percepções positivas dos impactos do evento¹⁰¹. Daí ser tão importante que, no caso de um festival comunitário, a ideia do tema parta de dentro da comunidade e não seja imposto do exterior.

O **nível de participação** também é importante na medida em que aqueles residentes que participam num evento terão com certeza mais percepções positivas dos impactos do mesmo evento¹⁰².

Não convém catalogar em absoluto como positivos ou negativos os impactos sociais dos festivais, uma vez que estes podem deferir subjectivamente entre os membros da comunidade. Enquanto algumas pessoas vêem um impacto como negativo, outras pessoas podem vê-lo como positivo. Os organizadores devem procurar saber a opinião dos residentes da comunidade, para então avaliar e designar os impactos como positivos ou negativos¹⁰³.

Estudos comprovam que muitos residentes sentem hostilidade perante um evento de grandes proporções numa localidade pequena sem a participação directa da comunidade residente. Isto deve-se ao facto de os benefícios por vezes não serem tão visíveis como os impactos negativos: “invasão” de turistas, congestionamento de tráfego, ruas cortadas, vandalismo...

⁹⁸ *Idem – Ibidem*, p.33-34

⁹⁹ *Idem – Ibidem*, p.34

¹⁰⁰ *Idem – Ibidem*, p.34-35

¹⁰¹ *Idem – Ibidem*, p.35

¹⁰² *Idem – Ibidem*

¹⁰³ *Idem – Ibidem*, p.204

Cada vez mais se chega à conclusão de que o melhor caminho para organizar um evento com sucesso, e com várias edições, é incluir a comunidade residente na organização. O trabalho voluntário tem grande importância para o bom funcionamento e resultado de um evento por duas razões. Em primeiro lugar, porque ao contrário do que se possa pensar, um festival não gera muitos empregos pois as verbas obtidas são geralmente algo baixas e investidas na contratação de artistas, serviços e equipamentos, e por isso sem uma mão-de-obra gratuita muitos festivais (principalmente os de pequena dimensão), não seriam viáveis. E em segundo lugar, porque na participação directa ou na concretização do festival, os residentes sentem-se parte integrante do evento.

A medição desses impactos é muito importante na medida em que conhecê-los pode ajudar a melhor planear e gerir o festival no futuro, minimizando, por um lado, os impactos negativos e encorajando, por outro, os benefícios para a comunidade¹⁰⁴.

Small concluiu no seu estudo que os festivais comunitários criam uma série de impactos sociais que afectam a comunidade anfitriã, que incluem inconveniência, coesão e identidade comunitária, frustração pessoal, oportunidades de entretenimento e socialização, crescimento e desenvolvimento comunitários e consequências comportamentais, e identificou cinco sub-grupos distintos na comunidade, sendo eles os tolerantes, os economicamente ligados ao festival, os participantes, os que evitam o festival e os voluntários¹⁰⁵.

A organização de projectos em parceria com associações locais pode igualmente contribuir para que a sociedade residente não sinta esse tipo de hostilidade perante um evento sediado na sua localidade.

Um factor muito importante nos festivais comunitários é o seu potencial no desenvolvimento da identidade local. Podemos considerar que um festival contribui para a identidade local se se englobarem estes três aspectos: o festival interage e coopera com agentes locais, sejam eles industriais, educacionais, relacionados com o turismo ou qualquer outro tipo de agente relacionado com o município local; o festival contribui para os processos de “glocalização”, ou seja, junta e mistura facetas locais e globais; o festival é capaz de relatar histórias, ou a história, sobre o município anfitrião¹⁰⁶.

Estes festivais artísticos comunitários podem ser uma valiosa ferramenta na construção da comunidade. Eles têm o poder de tornar as comunidades mais vibrantes e coesas, têm um importante elemento social de celebração, expressão, de divertimento e prazer, e de desenvolvimento de aptidões (através da organização ou participação). Eles podem criar oportunidades de benefício comercial, seja pelo comércio, acomodação e rendimento associado ao turismo, incluindo emprego, e também gerar reconhecimento por

¹⁰⁴ *Idem – Ibidem*, p.11

¹⁰⁵ *Idem – Ibidem*, p.213-214

¹⁰⁶ KARLSEN, Sidsel – *Op.cit.*, p.13

personalidades e artistas da comunidade local que fizeram contribuições significativas para o festival.¹⁰⁷

No caso dos festivais artísticos ao ar livre, estes têm lugar em espaços públicos acolhedores, familiares e centrais, permitindo que os participantes socializem ao mesmo tempo que participam em actividades artísticas, e criam uma atmosfera mais familiar do que outros festivais que têm lugar noutros espaços artísticos¹⁰⁸. Eles contribuem para as comunidades locais de várias formas, como o atrair pessoas dos subúrbios e áreas adjacentes para os centros das cidades, providenciar um espaço onde segmentos da comunidade que normalmente não interagem se encontram e celebram juntos, contribuir para as economias locais e gerar orgulho dentro da comunidade¹⁰⁹.

Um aspecto muito importante para o bom funcionamento de um festival passa pelas relações saudáveis e a longo prazo com o governo, principalmente com o governo local. Por vezes os festivais são produzidos e patrocinados por uma agência pública que faz parte do governo local, ou então resultam de uma parceria entre organizações sem fins lucrativos privadas ou benévolas e parceiros governamentais. Nalguns casos o sector público não participa administrativamente no festival, mas providencia mesmo assim recursos financeiros importantes e serviços¹¹⁰.

É fulcral que exista esta boa relação entre festival e governo uma vez que, no caso dos festivais que têm lugar em espaços públicos, estes requerem a utilização de serviços do governo. Estes serviços públicos podem ter custos altos, e os festivais têm normalmente orçamentos limitados. Para além disso, os festivais precisam de ter a cooperação de agências públicas, como é o caso da polícia e departamentos de parques e recreação que fornecem licenças e autorizações. Eles requerem muitas vezes o encerramento de ruas, planos elaborados de segurança e construção de infra-estruturas temporárias e dependem de fundos fornecidos pela cidade, região, estado e governo¹¹¹.

Segundo um estudo feito pelo Conselho para as Artes inglês, os directores dos festivais estudados justificaram a existência dos seus festivais em quatro categorias de motivos. Eles existem para oferecer uma actividade artística concentrada direccionando as pessoas para a arte; para oferecer novas oportunidades artísticas e culturais em lugares onde estes normalmente não existem de forma a enriquecer a qualidade de vida das pessoas; para fornecer uma oportunidade de celebração e de esforço colectivo por parte da comunidade local; e por fim, para melhorar a qualidade de vida local de uma forma geral.¹¹²

¹⁰⁷ *Festivals and Community arts events funding policy*. Cardinia Shire Council, pag. 2

¹⁰⁸ ROSENSTEIN, Carole – *Op.cit.*, p.5

¹⁰⁹ *Idem – Ibidem*, p.39

¹¹⁰ *Idem – Ibidem*, p.41

¹¹¹ *Idem – Ibidem*

¹¹² *Arts festivals and the visitor economy - Their contribution and their potential in the West Midlands region*. Arts Council England, pág.5

Muitos directores de festival expressam a sua vontade de melhorar a qualidade de vida local, colocando a sua localidade “no mapa”, contribuindo assim para o turismo local. Com um apoio maior de agências relevantes, os festivais poderiam tornar-se num elemento ainda mais importante nas estratégias de “marketing de visitante” da região.¹¹³

5 – Impactos Económicos

Não se pode dizer com exactidão a contribuição dos festivais organizados pela comunidade para as respectivas economias locais. Mas o que é certo é que cada vez mais os governos locais ou regionais procuram atrair e encorajar actividades culturais para melhorar a reputação das suas cidades ou vilas, para desta forma fazer disparar o turismo e consequentemente a economia. Ao mesmo tempo, os governos locais ao acolherem um festival estão a animar a esfera pública e a potenciar a energia e a diversidade das suas comunidades. Mas para o fazer há que haver financiamento e investimento¹¹⁴.

Muitos estudos sobre o impacto económico dos festivais mostram que diferentes tipos e tamanhos de festivais têm diferentes impactos nas comunidades e economias ao nível local, regional e também nacional. Tais estudos podem ser usados para demonstrar os benefícios que eventos artísticos e culturais podem ter nos programas de regeneração e sustentabilidade de uma determinada área para justificar apoio financeiro continuado.¹¹⁵

Um estudo realizado pela British Arts Festivals Association verificou que durante os anos 2006-2007 gastaram-se aproximadamente 41.8 milhões de libras em festivais na Grã-Bretanha, em alojamento, acomodação, retalho e viagens. Neste período, cerca de 7.6 milhões de pessoas participaram nos mais de 10 mil eventos programados pelos festivais membros do BAFA, o que resultou numa receita de 12.9 milhões de libras na venda de bilhetes.¹¹⁶ Mais de um terço do rendimento de um festival, segundo o BAFA, é formado através da venda de bilhetes, 15% pelo apoio das autoridades e concelhos locais e 12% dos concelhos artísticos.¹¹⁷ Em relação aos gastos, mais de metade é atribuído a custos de produção, actuações e exposições, enquanto os custos de pessoal contam quase um quarto.¹¹⁸

¹¹³ *Idem*

¹¹⁴ POWELL, David – *The street value of celebration: Economic impact and community festivals*. Ed. Celebrating Enterprise, p. 1

¹¹⁵ POWELL, David – *The Economic Impact of Two London-Based Festivals*, David Powell Associates & URS Corporation, Celebrating Enterprise, 2007, pag. 3.

¹¹⁶ *Festivals Mean Business 3 – A Survey of Arts Festivals in the UK*. British Arts Association, 2008, pág.5

¹¹⁷ *Idem*, pág.30

¹¹⁸ *Idem*, pág.31

No estudo realizado sobre os festivais artísticos ao ar livre, os inquiridos enfatizaram os benefícios económicos dos festivais. Vários dos casos estudados conduziram estudos de impacto económico que demonstram o efeito de estímulo de um festival na indústria local de turismo¹¹⁹.

No caso do estudo realizado pelo Conselho para as Artes inglês, o impacto económico dos visitantes gerado pelos vinte festivais estudados foi entre os seis e os oito milhões de libras, o que é um feito impressionante tendo em conta que a maior parte destes eventos tem uma duração anual de uma a três semanas. O estudo sugere que os visitantes de festivais artísticos geram um impacto económico maior que o de outros turistas. Segundo o UKTS (inquérito de turismo do Reino Unido) os visitantes de festivais parecem gastar mais e ficar mais tempo que outros turistas culturais, contribuindo de forma importante para a economia local. Para além deste aspecto, os visitantes parecem mostrar mais lealdade ao festival através da repetição da visita do que os participantes locais.¹²⁰

Os residentes podem começar a sentir-se ressentidos e a rejeitar o festival à medida que as atracções turísticas crescem e começam a criar ligações externas mais fortes à comunidade. Por outro lado, quando um festival começa a criar importância económica, os directores do festival começam a ganhar respeito dentro da comunidade de negócios, dos oficiais públicos e do público em geral, o que pode traduzir-se em políticas públicas que são favoráveis ao turismo. Mas a actividade de festivais, e a actividade turística, envolve custos económicos, como custos directos para os negócios locais, custos governamentais para construir infra-estruturas para servir melhor os visitantes, e também custos relacionados assumidos por indivíduos na comunidade¹²¹. Por esta razão há que balancear bem os benefícios e os custos e saber quem beneficia do turismo e quem o paga. *Os impactos económicos do turismo são por isso uma consideração importante para o desenvolvimento económico e planeamento comunitário estatal, regional, multi-autárquico e local.*¹²²

6 – Conclusão

O objectivo deste capítulo foi realizar um apanhado geral dos impactos dos festivais numa localidade ou país. Devido à natureza deste estudo, não nos pudemos alargar muito mais, apesar de, naturalmente, muita coisa ter ficado por explorar. No entanto ficamos a perceber em que medida os festivais podem afectar a vida social de uma

¹¹⁹ ROSENSTEIN, Carole – *Op.cit.*, p.40

¹²⁰ *Arts festivals and the visitor economy - Their contribution and their potential in the West Midlands region.* Arts Council England, 2006, Pág.5

¹²¹ HACKBERT, Peter H. – *Op.cit.*, p.2

¹²² *Idem – Ibidem*, p.3

localidade, melhorar a sua base económica e alargar o seu perfil enquanto destino turístico.

Por uma questão de síntese, não nos alargámos no estudo de eventos de grandes dimensões, como os mega-eventos mencionados no ponto sobre tipologias de eventos. Focalizámo-nos principalmente no tipo de evento dos festivais analisados no próximo capítulo, Les Aralunaires e Milhões de Festa – pequenos festivais com base na comunidade local.

Capítulo II

Les Aralunaires vs Milhões de Festa

Neste capítulo analisamos dois festivais para fazer uma comparação entre os dois casos: o festival de música Les Aralunaires, que tem lugar em Arlon, na Bélgica, e o festival de música Milhões de Festa, que tem lugar em Barcelos, Portugal.

Mas antes, uma vez que ambos os festivais partilham características inovadoras, justifica-se lembrar a proximidade a alguns dos conteúdos do relatório da OCDE (OECD – Organization for Economic Co-operation and Development), “Innovation and Growth in Tourism”. Este relatório procura saber como está a inovação a mudar os modelos de negócio em turismo, providenciando informação sobre as dinâmicas e características da inovação em turismo e fornece um contributo para futuras pesquisas na área¹²³. A sucessão de festivais e a variabilidade que o caracteriza, justificam estes comentários iniciais.

1 – Inovação no Turismo

Para descrever o que é a Inovação, o autor Klaus Weiermair cita Schumpeter, que havia distinguido as cinco áreas onde se pode introduzir inovação: criação de produtos novos ou melhorados; introdução de novos processos de produção; desenvolvimento de novos mercados de venda; desenvolvimento de novos mercados de fornecedores; e a reorganização e/ou reestruturação da empresa. Weiermair salienta que fazer marketing de turismo é necessariamente diferente de outros produtos uma vez que o turismo oferece experiências, e não um produto palpável. Esta intangibilidade dos produtos de turismo causa uma incerteza por parte dos consumidores devido ao elevado grau de risco, pois quando um cliente reserva o seu pacote de viagem, que inclui uma série de diferentes serviços (voo, hotel, restaurantes, etc.), não sabe exactamente o que esperar. Os consumidores cada vez mais procuram “experiências” mais do que produtos de

¹²³ OECD “Innovation and Growth in Tourism”, pág. 148. 2006

destino específicos. Por isso a inovação em turismo deverá estar direccionada para desenvolver produtos que criem experiências turísticas compensatórias.¹²⁴

O autor Xavier Decelle salienta que Inovação não é o mesmo que Criatividade. Criatividade é a produção de novas ideias, novas abordagens e novas invenções, enquanto a Inovação é a aplicação de tudo isso à prática. As pessoas e as organizações podem ser inovadoras sem serem criadoras.¹²⁵

No entanto, a inovação não significa necessariamente progresso, uma vez que um produto que traz mais satisfação ao utente ou um processo que melhora a eficiência de uma empresa, ao mesmo tempo torna obsoleto um produto ou um processo que já existe. A inovação também não traz necessariamente sucesso, uma vez que com a inovação vem associado um elevado grau de risco, e quanto mais radical é a inovação, mais risco existe. Esse mesmo risco pode agir como travão a iniciativas de inovação. No entanto, o risco de não inovar pode ser ainda mais perigoso, como por exemplo ficar tecnologicamente atrasado ou perder terreno para concorrentes inovadores.¹²⁶ É necessário que as autoridades públicas e outros investidores de turismo contribuam para a inovação melhorando as dinâmicas internas de inovação fazendo com que as empresas adotem atitudes proactivas e melhorem a eficiência do sistema nacional de inovação.¹²⁷

2 – Festival Les Aralunaires

Começamos então por fazer uma descrição geográfica, histórica e patrimonial da cidade de Arlon, Bélgica, como meio de enquadrar o festival Les Aralunaires que ali tem lugar. Incluiremos uma análise a um estudo sobre o impacto socioeconómico dos festivais na província de Luxemburgo¹²⁸, Bélgica, da qual faz parte a cidade de Arlon. Seguiremos para uma descrição do festival em estudo, passando pela sua história e evolução, e terminando com uma análise detalhada da produção da edição actual.

De forma a enquadrar o conceito inovador deste festival em particular, no que se tem feito pela Europa e no resto do mundo, apresentaremos outros festivais actuais, ou eventos esporádicos, que partilham do mesmo conceito e cujos organizadores aceitaram responder a algumas questões via e-mail e telefone.

O conceito de festival *in doors*, em oposição ao tradicional festival *open air*, pode contribuir para um alargar da época de procura turística para alturas do ano que, por

¹²⁴ *Ibidem*, pág. 55-57

¹²⁵ *Ibidem*, pág. 86

¹²⁶ *Ibidem*, pág. 89

¹²⁷ *Ibidem*, pág. 103

¹²⁸ PIEDBOEUF, Benoît, *Caractérisation et retombées socio-économiques des festivals en Province de Luxembourg*. Ed: Expansion, 2006.

condições climatéricas adversas, não permitem o sucesso de um festival ao ar livre. Ao mesmo tempo, ao inserir diversas disciplinas artísticas no festival, embora a principal neste caso seja a música, podemos abranger um público mais vasto. Da mesma forma, dar espaço a diferentes géneros musicais no mesmo festival, permite atrair públicos diversificados, de todas as idades. Um outro ponto que contribui largamente para o sucesso do festival é a cada vez maior participação da população local e comerciantes na realização do mesmo.

2.1 – A cidade de Arlon

Arlon é uma cidade pequena que se encontra no sul da Bélgica e que é capital da Província do Luxemburgo belga. Cerca de 28 mil pessoas¹²⁹ habitam nesta localidade, muitas delas com trabalho no vizinho Grão-Ducado do Luxemburgo.

*O Grão-Ducado (do Luxemburgo) conta cerca de 340.000 assalariados. Quase 189.000 destes empregos são ocupados por residentes e cerca de 150.000 por trabalhadores transfronteiriços, dos quais (...) cerca de 37.000 (vêm) da Bélgica. São actualmente quase 150.000 a fazer a viagem quotidiana para o Luxemburgo.*¹³⁰

Deste número de trabalhadores que provêm da Bélgica (37.000) é difícil saber com exactidão quantos provêm de Arlon, mas uma vez que Arlon é a cidade que se encontra mais perto e com melhor ligação ao Grão-Ducado (tanto por comboio como por auto-estrada) é fácil imaginar que grande parte das pessoas que habitam em Arlon faça a viagem diária em direcção à cidade de Luxemburgo, uma vez que esta oferece trabalho bem pago, e Arlon oferece habitação a preços mais acessíveis.

Poderíamos pensar que tal localidade não passasse de uma cidade dormitório sem grande interesse cultural e sem grande animação, mas não é o caso. Arlon é uma das mais antigas povoações da Bélgica com grande peso patrimonial e, para além do mais, tem uma política virada para a animação cultural de forma continuada ao longo do ano. O Posto de Turismo local descreve-a como a mais velha cidade do país que se encontra no centro de uma das mais belas regiões da Bélgica, sendo actualmente uma cidade dinâmica virada para a Europa. Encontra-se bem situada turisticamente, pois podemos visitar as aldeias turísticas da Lorena belga em redor da cidade, e bem situada também economicamente, uma vez que perto se encontra um dos mais importantes centros financeiros do mundo: a cidade de Luxemburgo.¹³¹

Num plano oficial, (Arlon) é capital de província, centro administrativo, comercial e de educação, cidade militar, nó rodoviário e ferroviário na vizinhança de 3 fronteiras (Luxemburgo-Alemanha-França), ponto de partida e de difusão turística desta

¹²⁹ http://www.ibz.rn.fgov.be/fileadmin/user_upload/Registre/fr/statistiques_population/stat_1_f.pdf, consultado em Junho 2011

¹³⁰ <http://lcgb.lu/uploads/wysiwyg/Brochure%20Vivre%20et%20travailler%20dans%20la%20Grande%20Region.pdf>, consultado em Junho 2011

¹³¹ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

*maravilhosa terra de férias que é a província de Luxemburgo, nos confins da Bélgica, mas no centro de uma vasta região.*¹³²

O Turismo é um aspecto importante para a cidade, e já era assim considerado durante o mandato de um dos maiores burgomestres de Arlon, de 1921 a 1949¹³³. Paul Reuter (1865-1949), que dá o nome à rua da Câmara Municipal nos dias de hoje, para além da sua importância enquanto resistente durante a ocupação alemã na 2ª Grande Guerra¹³⁴, empreendeu grandes trabalhos que contribuíram para o embelezamento e para o desenvolvimento turístico da cidade¹³⁵. Nos anos 70 do século XX via-se o turismo como um elemento promissor para o desenvolvimento da cidade, pela sua posição geográfica, cruzamento regional e internacional entre a Bélgica, Luxemburgo, França e Alemanha. No entanto, apesar de a região estar bem dotada de estradas regionais e turísticas, a província do Luxemburgo era a única província belga que não tinha então auto-estradas.¹³⁶ Apesar de se considerar que a cidade não tinha propriamente vocação turística, promoviam Arlon como um bom centro de difusão ideal para os turistas, devido à sua posição geográfica com numerosas áreas de interesse à sua volta. Arlon contava com 13 hotéis (que contaram 26.700 dormidas em 1972) e uma pousada da juventude (que contou 3000 dormidas em 1974). A durabilidade da estada marcava claramente a natureza da cidade enquanto destino de passagem: grande parte dos turistas encontrava-se a fazer um circuito automóvel para visitar o Grão-Ducado do Luxemburgo, a Lorena francesa, o Vale do Rio Semois, que nasce em Arlon, as Ardenas, o Mosela alemão, etc...¹³⁷

Foi finalmente construída a auto-estrada que liga Bruxelas ao Luxemburgo, dinamizando a província económica e turisticamente. Nos anos 90 do século XX, *o número de dormidas turísticas explodiu literalmente (+ 175,3%) (...), enquanto se estagnou no resto da Bélgica. A auto-estrada que atravessa a comuna é muito frequentada por estrangeiros, sobretudo em período de férias.*¹³⁸

Hoje em dia a província do Luxemburgo chega a ser descrita como uma região que vive de e para o turismo. A sua natureza bem preservada é o ponto de atracção para actividades turísticas ao ar livre, como caminhadas, ciclismo e passeios a cavalo.¹³⁹ A cidade de Arlon, em concreto, é palco de numerosas manifestações artísticas e folclóricas que funcionam como atractivo turístico. De boa reputação gastronómica, a cidade oferece ao visitante e ao habitante cerca de 70 estabelecimentos de pequena e grande restauração, 27 lojas de produtos tradicionais e 4 mercados semanais. Em termos de alojamento, a cidade de Arlon possui actualmente 9 hotéis, 2 pousadas e 3 parques de campismo.¹⁴⁰

¹³² KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Arlon – étape romaine, étape de l'an 2000*. Crédit Communal de Belgique, 1975.

¹³³ CHAMPAGNE, Jacques P. – *A Travers Arlon*. G. Everling SPRL, 1974, p.15

¹³⁴ GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Arlon, aux portes de la plaine*. Quorum SPRL, 1997, p.143

¹³⁵ CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.15

¹³⁶ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹³⁷ *Idem – Ibidem.*

¹³⁸ GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.149

¹³⁹ www.ftlb.be, consultado em Maio 2011

¹⁴⁰ www.arlon-tourisme.be, consultado em Maio 2011

Em 2009, registaram-se 35.393 chegadas (17.040 de estrangeiros) e um total de 61.035 dormidas (22.395 de estrangeiros).¹⁴¹

Arlon, cidade histórica

*Com Tournai e Tongres, Arlon pode pretender ao título de cidade mais antiga da Bélgica.*¹⁴² Foram descobertos nesta zona vestígios de ocupação durante o paleolítico, mesolítico e sobretudo do neolítico. No entanto, os vestígios datados com certeza do paleolítico são escassos, sendo objectos em sílex pertencentes a homens que viviam da caça, da pesca e da recollecção. No bosque de Beynert, a noroeste de Arlon, existe um lugar apelidado de “Hôlfrâstên” onde se encontraram vestígios de ocupação humana entre o mesolítico e a idade do ferro, e de todas as eras sucessivas. Existiam também monumentos megalíticos na região de Arlon, mas foram destruídos a meio do século XIX.¹⁴³

Entre 450 e 53 a.C., os celtas invadiram pacificamente o território de Arlon. Instalaram-se, segundo Hoisnaard, na colina onde se encontra hoje o centro da cidade¹⁴⁴, ou, segundo teorias mais recentes, ter-se-ão instalado à margem do rio Sesmara (nome celta do Semois) no início do seu curso e sob a vertente sul da actual cidade¹⁴⁵, mas uma vez que as suas construções eram em madeira e a sua cultura de transmissão unicamente oral, restam-nos poucos vestígios da sua presença no território. No entanto, apesar de os gauleses terem deixado poucos traços escritos, deixaram muitos traços orais. Um exemplo disso é o próprio nome da cidade, Arlon, que naquele tempo se chamava Arelaunos (Are – o que está em frente ou a este; Launos – a planície).¹⁴⁶

Mas a grande fama de Arlon está não só nos vestígios de ocupação romana mas também nos sinais de ter sido uma cidade de certa importância nessa época. Essa importância deve-se certamente à sua posição estratégica, ao encontrar-se na intersecção da via imperial Reims-Trier e da calçada Metz-Tongres¹⁴⁷, construídas sob o reinado do imperador Cláudio (42-54 d.C.)¹⁴⁸. Arlon, então Orolaunum – a partir do topónimo Arelaunos latinizado, mas sem qualquer significado em latim¹⁴⁹ – tornou-se então num centro político, religioso e económico próspero.¹⁵⁰

¹⁴¹http://statbel.fgov.be/fr/modules/publications/statistiques/marche_du_travail_et_conditions_de_vie/arri_vees_et_nuitées_touristiques.jsp, consultado em Junho de 2011

¹⁴²CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.86

¹⁴³GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.10

¹⁴⁴*Idem – Ibidem*, p.12-13

¹⁴⁵www.arlonide.be, consultado em Junho 2011

¹⁴⁶GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.13-25

¹⁴⁷KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁴⁸GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.119

¹⁴⁹*Idem - Ibidem*, p.18

¹⁵⁰KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

A povoação celta que aí se encontrava deixou-se conquistar pacificamente pelos romanos, pois a cultura romana, para além das famosas estradas, trazia prestígio cultural e postos de poder, entre outros benefícios para a povoação¹⁵¹.

É possível situar com alguma precisão o local onde se encontraria Orolaunum graças aos vestígios dos 3 antigos cemitérios romanos, uma vez que se sabe que os romanos instalavam os cemitérios no exterior das cidades. Esses cemitérios formam um triângulo que nos permite saber que a povoação teria uma superfície entre os 300 e os 500 hectares e, dadas as dimensões, uma população de 2000 a 3000 habitantes.¹⁵²

Graças aos retratos esculpidos que se encontram no museu Arqueológico, podemos calcular que a cidade estava dedicada ao comércio e ao artesanato. Cultivava-se linho e juta para tecidos, cereais (para fazer pão mas também “cervoise”, ascendente da cerveja), legumes e frutos para consumo local. A região de Trier e das Ardenas tinha reputação pelos seus cavalos, mas também pelos seus porcos.¹⁵³

*Mas a actividade que mais nos fala nos dias de hoje é a escultura de pedras. Todas as obras são em calcário e, se elas se inspiram de longe no modelo romano, guardam um estilo bem original. Num estilo espontâneo, elas mostram-nos com grande naturalidade a vida do dia-a-dia no vicus entre 50 e 275 dC.*¹⁵⁴

Orolaunum possuía já na altura um mercado, mas desconhece-se a sua periodicidade. No entanto sabe-se que apresentava um grande interesse e que a cidade era o centro económico da região.¹⁵⁵

Construíram fortificações em torno de toda a cidade no século V, num périplo de 900 metros à volta dos 5 hectares da colina, para se defenderem das incursões bárbaras. No entanto, isso não impediu que novas populações se estabelecessem aí ainda no mesmo século.¹⁵⁶

*Situada sobre as vias das invasões, Arlon sofreu inevitavelmente a influência dos povos que a ocuparam ao longo dos séculos. Os traços das suas ocupações sucessivas encontram-se visivelmente na arquitectura dos imóveis da cidade. Mas actualmente, muito poucas coisas subsistem.*¹⁵⁷

Invasões e acidentes destruíram ao longo dos séculos o património arlonês. Um incêndio destruiu completamente a cidade em 1426 e foi pilhada pelos soldados do Duque de Orleães, filho de François I, em 1542. Novamente destruída pela tropa do Duque de Guise em 1552, e incendiada em 1563 e 1569, foi então saqueada pelos

¹⁵¹ GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.18

¹⁵² *Idem – Ibidem*, p.20

¹⁵³ *Idem – Ibidem*

¹⁵⁴ *Idem – Ibidem*

¹⁵⁵ *Idem – Ibidem*, p.22

¹⁵⁶ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁵⁷ CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.86

flibusteiros holandeses em 1604. Em 1661 foi reduzida a cinzas uma vez mais e devastada pelos exércitos de Louis XIV em 1681.¹⁵⁸

No século XVIII Arlon conhece um pouco de paz graças ao tratado de Rastadt (1714) e perde importância enquanto fortaleza, pelo que as suas muralhas foram ruindo.¹⁵⁹ Foi em 1722 que se decidiu a construção de uma estrada nova – construída entre 1760 e 1779 – que unia as cidades de Namur, Bouvignes, Beauraing, Libin, Lecogne, Neufchâteau e Arlon. Em 1734 foi criada a estrada Luxemburgo-Arlon, a substituir a velha e destruída via romana.¹⁶⁰ A cidade prosperou com o aparecimento de novas indústrias e novas culturas (como a de batatas).¹⁶¹

Mas um novo incêndio voltou a destruir a cidade em 1785, incluindo o Hôtel de Ville (câmara municipal) que ardeu com todos os arquivos (pelo que é difícil encontrar documentos originais referentes à história da cidade).¹⁶² Começou-se então a renovação na estrutura da cidade: alargamento de ruas, higienização de alguns quarteirões insalubres e extensão da cidade para fora das velhas muralhas.¹⁶³

Quando o Império Napoleónico caiu, reuniu-se o congresso de Viena em 1815 com o objectivo de reorganizar a Europa. Decidiu-se proteger a Europa Central da França através da criação de “Estados Tampão”: a Suíça, a Baviera e os Países Baixos (Holanda, Bélgica, Diocese de Liège e o Grão-Ducado de Luxemburgo).¹⁶⁴

De 1800 a 1817 dá-se um crescimento demográfico de 2000 habitantes para 3360¹⁶⁵ – Arlon era então a cidade mais povoada da região.¹⁶⁶ *A sua designação como capital de província em 1831 marca o começo de um “boom” demográfico pelo afluxo de funcionários: 5.405 habitantes em 1846.*¹⁶⁷ A falta de redes rodoviárias e ferroviárias próprias dificultava a instalação e produção dos industriais e provocava um atraso no desenvolvimento industrial da cidade. Foi então construída em 1836 uma estrada que ia de Arlon a Marche-en-Famenne passando por Bastogne e Martelange, por ordem do Príncipe de Orange-Nassau e rei dos Países Baixos, Guilherme I.¹⁶⁸ Em 1858, foi finalmente inaugurada a linha de Caminho de Ferro Bruxelas-Luxemburgo¹⁶⁹, o que trouxe a Arlon um grande afluxo de funcionários e foi a principal causa de desenvolvimento da cidade durante a segunda metade do século XIX.¹⁷⁰ Entre 1865 e 1910 a penetração do caminho-de-ferro causou o crescimento de efectivos militares e a

¹⁵⁸ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁵⁹ *Idem – Ibidem*

¹⁶⁰ GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.94

¹⁶¹ *Idem – Ibidem*, p. 95

¹⁶² *Idem – Ibidem*, p.96

¹⁶³ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁶⁴ *Idem – Ibidem*, p. 109

¹⁶⁵ *Idem – Ibidem*, p. 110

¹⁶⁶ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁶⁷ *Idem – Ibidem*

¹⁶⁸ GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.112

¹⁶⁹ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

¹⁷⁰ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

implantação de novas administrações e de estabelecimentos escolares fazendo com que o número de habitantes crescesse de 5426 para 12,012.¹⁷¹

Mas aproximavam-se tempos difíceis para Arlon e toda a Europa com a declaração de Guerra por parte da Alemanha em 1914. Quando os exércitos alemães invadiram o território neutro da Bélgica, Arlon encontrava-se sem defesa.¹⁷² Em cada aldeia por onde as tropas alemãs passaram houve saques, incêndios, destruição e até massacres.¹⁷³ No entanto, passados estes primeiros tempos terríveis, o exército alemão instalou-se e deixou a população sobreviver, durante 4 anos, com as restrições próprias da guerra.¹⁷⁴

Entre as duas grandes Grandes Guerras, Arlon viveu a sua “belle époque”¹⁷⁵. Nasceram muitas crianças, havia emprego no comércio, caminhos-de-ferro e siderurgia em Athus ou no Grão-Ducado de Luxemburgo. Não faltavam pequenas indústrias, mesmo que algumas hoje em dia já não existam. Havia água potável corrente, gás e electricidade. Ao contrário de muitas aldeias dos arredores, Arlon não tinha sido destruída pela ocupação alemã de 1914-1918.¹⁷⁶

No entanto, com o avanço da Segunda Grande Guerra em 1940, Arlon foi novamente ocupada pelo exército alemão, mas ao contrário do que havia acontecido com a ocupação de 1914, não houve execuções. As tropas tinham recebido ordens de tratar a população com respeito.¹⁷⁷ Criaram-se movimentos a fim de promover o uso da língua alemã, para tentar anexar a região de Arlon ao Reich, mas a população, presidida pelo burgomestre Paul Reuter, opôs-se a todas estas imposições de germanização da região.¹⁷⁸

A batalha de Bastogne, de 18 de Janeiro de 1945, marcou o fim da guerra para a população¹⁷⁹. Alguns dos tanques das tropas aliadas que entraram na cidade permanecem lá como monumentos a simbolizar o fim da Guerra.

Em 1974, Arlon contava 14,553 habitantes.¹⁸⁰ O Luxemburgo sul oferecia uma infraestrutura desenvolvida, tanto no plano dos serviços como do lazer, mão-de-obra abundante, de velha tradição industrial e de qualidade avançada, vias de comunicação rápidas com os grandes mercados próximos, e ainda terrenos industriais completamente equipados e bem situados.¹⁸¹ O papel do comércio é também um factor forte de animação urbana – nos anos 70 do século XX, Arlon era o único centro urbano de 40km

¹⁷¹ *Idem – Ibidem*

¹⁷² GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.129

¹⁷³ *Idem – Ibidem*, p.131

¹⁷⁴ *Idem – Ibidem*, p.133

¹⁷⁵ *Idem – Ibidem*, p.134

¹⁷⁶ *Idem – Ibidem*

¹⁷⁷ *Idem – Ibidem*, p.142

¹⁷⁸ *Idem – Ibidem*

¹⁷⁹ *Idem – Ibidem*, p.146

¹⁸⁰ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁸¹ *Idem – Ibidem*

em redor, com 92 estabelecimentos hoteleiros, de restauração e cafetaria.¹⁸² O mercado semanal de Arlon, com origens nos tempos romanos e que ainda hoje existe, era na altura atracção para mais de 25 aldeias belgas dos arredores e aldeias fronteiriças do grande Ducado. Dia de grande animação, funcionava também como atracção para os turistas que aí iam provar as especialidades e gozar da sua vitalidade.¹⁸³

*Se bem que não tenha até ao presente uma vocação turística real – pelo menos não pelo turismo de longa duração – Arlon conta com 13 hotéis e 12 restaurantes. O Posto de Turismo da região de Arlon esforça-se por promover uma política assente sobre a organização de congressos nacionais e internacionais.*¹⁸⁴

Cidade de cruzamento regional e internacional, a sua infra-estrutura rodoviária estava bem adaptada a esta função. A estrada nacional 4 (Bruxelas - Namur – Bastogne – Arlon – Luxemburgo) punha a capital em comunicação com numerosas regiões da Bélgica e fazia a ligação com países estrangeiros. Havia também numerosas estradas regionais de carácter turístico.¹⁸⁵

Património

Apesar de muita coisa ter sido destruída pelo tempo, ou pela força do homem ao longo dos 2000 anos de história de Arlon, algo permanece ainda como atractivo turístico desta pequena cidade, nomeadamente vestígios da ocupação romana que podem ser apreciados pelo público. O **Museu Arqueológico de Arlon** orgulha-se de possuir a mais importante colecção de blocos esculpidos galo-romanos de toda a Bélgica.¹⁸⁶

O Museu da **Torre Romana** foi criado em 1954¹⁸⁷ depois de ter sido descoberto, aquando da reconstrução de duas casas destruídas pelo bombardeamento aéreo de 1940, um troço da muralha romana e uma torre do século IV¹⁸⁸. No fim do século III foi construída uma muralha (a chamada Knipchen) na base da colina da povoação, como forma de protecção dos ataques das populações germânicas. A muralha media 800 metros de perímetro, tinha a espessura média de 4 metros e altura de 8 metros e era rodeada por 20 torres. No Museu da Torre Romana podemos ver a base de uma dessas torres, assim como restos de pedras esculpidas, donde se destaca um baixo-relevo que representa Neptuno.¹⁸⁹

¹⁸² *Idem – Ibidem*

¹⁸³ *Idem – Ibidem*

¹⁸⁴ *Idem – Ibidem*

¹⁸⁵ *Idem – Ibidem*

¹⁸⁶ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

¹⁸⁷ KNITELIUS, Jeanine, DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Op.cit.*

¹⁸⁸ CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.39

¹⁸⁹ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

Na Rue des Thermes Romains, no velho cemitério de Arlon, que data da Idade Média e foi utilizado até 1830-40, foram encontradas ruínas de **termas romanas** do século IV e vestígios de uma basílica também da época romana¹⁹⁰ que foi destruída no curso das invasões bárbaras do século V. Três ou quatro séculos mais tarde, uma igreja românica de tripla abside foi construída sobre as fundações da basílica¹⁹¹. É considerada a mais antiga igreja de que há vestígio na Bélgica – a igreja de Saint-Martin (houve três com o mesmo nome em Arlon).¹⁹² Foi reconstruída no século XIV e demolida no século XVI durante as guerras franco-espanholas.¹⁹³ Sob as suas ruínas foi construída uma capela no século XVII, também ela destruída em 1878.¹⁹⁴

Mas o que se destaca mais assim que o visitante chega a Arlon são as suas igrejas: a alta e esguia nova igreja de Saint-Martin e a antiga e altaneira igreja de Saint-Donat sobre a colina da cidade.

A **Igreja de Saint-Donat**¹⁹⁵ encontra-se sobre as ruínas de vários edifícios que outrora ocuparam o promontório da cidade de Arlon. No século XI foi construído o castelo do primeiro conde de Arlon, Waleran, posteriormente destruído na sua totalidade num saque das tropas do Duque de Guise em 1558¹⁹⁶. No século XVII, a colina de Arlon era propriedade do Senhor de Guirsh, Pierre-Ernest de Cobreville. Os monges Capuchinhos obtiveram autorização, na sua chegada a Arlon em 1621, para a construção do seu convento nesse mesmo local para o culto de São Donato e Nossa Senhora de Arlon. O convento foi fechado durante a Revolução francesa em 1796 e ocupado momentaneamente pelos pobres e enfermos. Em 1807 o ex-convento tornou-se numa capela dependente da igreja paroquial de Saint-Martin (que na altura se encontrava na Grand'Rue), sob o nome de Saint-Donat. Tornou-se igreja paroquial em 1825 e durante o século XX vários trabalhos de recuperação foram feitos.¹⁹⁷

A actual **Igreja de Saint-Martin**¹⁹⁸ foi construída entre 1907 e 1914, nascida da vontade do rei Leopoldo II para assinalar as extremidades do país, e da vontade dos habitantes de Arlon para ter um edifício de grande envergadura à medida do novo estatuto da cidade como Capital da Província de Luxemburgo. A arquitectura é lorena, em estilo ogival, e a sua torre mede 97 metros de altura. A igreja de Saint-Martin é a terceira na cidade com o mesmo nome. A primeira, mencionada anteriormente, era uma igreja românica que se encontrava fora das muralhas da cidade, sobre as ruínas da antiga basílica romana e que foi destruída a meio do século XVI. O culto foi transferido para

¹⁹⁰ CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.41

¹⁹¹ *Idem – Ibidem*, p.25

¹⁹² *Idem – Ibidem*, p. 41

¹⁹³ *Idem – Ibidem*, p. 25

¹⁹⁴ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

¹⁹⁵ Ver figura 1, em anexo.

¹⁹⁶ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

¹⁹⁷ CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.21-23

¹⁹⁸ Ver figura 2, em anexo.

uma outra, construída no centro da cidade, na Grand'Rue em 1570 e destruída em 1935 por ter caído em abandono.¹⁹⁹

Existem outros monumentos religiosos na cidade dignos de referência, como por exemplo a **Igreja do Sacré-Coeur**, construída pela ordem dos jesuítas em 1895 de arquitectura romano-bizantina²⁰⁰, e a **Sinagoga**, construída pela comunidade israelita de Arlon em 1860-1865. Projectada pelo arquitecto local A. Jamot, esta sinagoga foi a primeira a ser construída na Bélgica.²⁰¹

Nos arredores de Arlon temos ainda a **Abadia de Clairefontaine**, fundada pela condessa Ermesinde (1196-1247) que, aquando da sua morte, e segundo os seus desejos, foi sepultada em Clairefontaine.²⁰² Em 1794 a abadia foi atacada pelas tropas francesas, os monges fugiram para o Luxemburgo e o convento foi então desmantelado e vendido. Os jesuítas voltaram a comprar uma parte do terreno em 1874 para construir a sua casa de campo e descobriram o sepulcro da condessa Ermesinde. Construíram então uma capela neo-românica para o acolher, que podemos hoje em dia visitar.²⁰³

Em termos de património arquitectónico civil, Arlon tem também o antigo **Palácio de Justiça**, situado no centro da cidade, no lado norte da Praça Léopold, construído em 1864-1866 pelo arquitecto A. Jamot²⁰⁴; o **Palácio Provincial**, situado na mesma praça, construído em 1844-1849 aquando da designação de Arlon enquanto Capital da província de Luxemburgo (1839), projectado pelo mesmo arquitecto²⁰⁵; a **Caserna Léopold**, construída em 1838 e que graças ao desenvolvimento militar que Arlon sofreu no fim do século XIX foi alargada em 1883 e que abriga actualmente a Academia de Belas Artes e a Escola Industrial e Comercial²⁰⁶; a "**Montée Royale**", que consiste em uma escada/rampa construída no século XVII como acesso à colina de Saint-Donat e que foi reparada repetidas vezes ao longo dos séculos²⁰⁷; a **Estação de Comboios**, construída depois da inauguração da linha de Caminho de Ferro em 1858, pelo arquitecto local Van de Wyngaert²⁰⁸; e o "**Hôtel de Ville**", a câmara municipal, construída em 1842-1843 pelos planos de A. Jamot, parcialmente destruída durante um bombardeamento em 1918, e alargada depois da fusão das comunas próximas sob administração de Arlon em 1976²⁰⁹.

Nos arredores de Arlon também podemos encontrar alguns edifícios de interesse histórico, como o **Castelo de Autelbas** com origem no século XIII; o **Castelo de Sterpenich** do século XVII, mas construído sobre as fundações de um outro castelo do

¹⁹⁹ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

²⁰⁰ *Ibidem*

²⁰¹ *Ibidem*

²⁰² CHAMPAGNE, Jacques P. – *Op.cit.*, p.65

²⁰³ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

²⁰⁴ *Ibidem*

²⁰⁵ *Ibidem*

²⁰⁶ *Ibidem*

²⁰⁷ *Ibidem*

²⁰⁸ *Ibidem*

²⁰⁹ *Ibidem*

século XIV; e o **Castelo de Guirsch** do século XVII construído sobre as ruínas de um outro castelo destruído em 1453.²¹⁰

Arlon é rica igualmente em património natural. Da **Colina de Saint-Donat** podemos ver 5 regiões diferentes: França, Grão-Ducado de Luxemburgo, as Ardenas, a Lorena e a Alemanha²¹¹. O Rio **Semois** nasce em Arlon, e para assinalar isso foi inaugurada em 1972 uma fonte para simbolizar a nascente²¹². As **Colinas de Arlonide** marcam a paisagem da região de Arlon, e no século IV eram fortificadas pelos romanos para vigiar e defender as vias de comunicação contra os ataques dos povos germânicos²¹³.

Para terminar este ponto sobre o património material de Arlon, vale a pena mencionar a escultura do “**Cerf Bramant**”²¹⁴, de autoria do escultor Jean-Marie Gaspar (1861-1931) que se encontra na praça Astrid desde 1936. O escultor participou em numerosas exposições, nomeadamente na Exposição Universal de Paris (1889) onde recebeu uma medalha. O **Museu Gaspar** em Arlon possui várias obras do escultor e também quadros de outros artistas locais²¹⁵.

2.2 – Uma Província de Festivais

A província de Luxemburgo conta cerca de trinta festivais de qualidade, de dimensão local ou internacional, e de diferentes domínios culturais, como a música (clássica, música do mundo, rock, jazz) ou as artes circenses ou de rua²¹⁶. Só a região de Arlon conta três festivais anuais.²¹⁷

Benoît Piedboeuf, deputado e burgomestre da localidade de Tintigny²¹⁸, elaborou um estudo sobre os impactos económicos e sociais dos festivais na província de Luxemburgo motivado pelo aumento de eventos festivos que se deu no espaço de vinte anos nessa província, e que contribuiu massivamente para a vida dos lugares²¹⁹. O autor distingue o conceito de evento em duas categorias: o evento cultural pontual, excepcional e efémero e os eventos que se renovam todos os anos como, por exemplo, os festivais.²²⁰

O autor defende que esses festivais têm muitas vezes como efeito a redução dos efeitos de sazonalidade comercial e turística e a criação de riqueza através do lucro das organizações dos eventos e da despesa dos consumidores do festival, para além de

²¹⁰ *Ibidem*

²¹¹ *Ibidem*

²¹² *Ibidem*

²¹³ *Ibidem*

²¹⁴ Ver figura 3, em anexo.

²¹⁵ www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

²¹⁶ www.ftlb.be, consultado em Maio 2011

²¹⁷ www.arlon-tourisme.be, consultado em Maio 2011

²¹⁸ <http://www.benoitpiedboeuf.be>, consultado em Junho de 2011

²¹⁹ PIEDBOEUF, Benoît - *Caractérisation et retombées socio-économiques des festivals en Province de Luxembourg*, Expansion, 2006, p. 6

²²⁰ *Idem – Ibidem*

outros aspectos imateriais, mais difíceis de analisar, como a mudança da imagem do local do festival e dos patrocinadores, o sentimento de orgulho dos habitantes ou o tornar da região num novo destino turístico.²²¹

Em relação à sazonalidade, o autor constatou que os festivais se desenrolam quase exclusivamente entre os meses de Março e Novembro, com grande quantidade (quase metade) de festivais no Verão²²². Para além deste fenómeno comum, dá-se outro interessante: os festivais, mesmo no Verão, desenrolam-se de preferência ao fim-de-semana, de forma a reunir não só as pessoas que estão de férias e de visita, como também os habitantes locais para compor um público maior.²²³

Na análise que o autor faz sobre o número de edições dos festivais na província de Luxemburgo, pode-se constatar que 26% dos festivais têm mais de quinze edições, 28% entre seis e quinze edições e 46% têm menos de cinco edições. Isto demonstra que há muita vontade de criar novos festivais, mas só perduram aqueles que têm capacidade de inovar, diversificar e de oferecer uma qualidade artística que responda a uma procura cultural cada vez mais exigente.²²⁴ Através do inquérito a alguns organizadores de festivais realizado no âmbito do estudo, o autor chegou à conclusão de que grande parte dos festivais vivem da vontade e paixão dos organizadores, com o impulso de criar uma manifestação de carácter cultural, humano e convivial.²²⁵

Alguns festivais, sendo eles organizados por instâncias locais para os habitantes da comuna e arredores, não atraem um público numeroso, e os poucos participantes exteriores são muitas vezes turistas que aproveitam a sua estadia na região para assistir a uma actividade cultural, muitas vezes por mero acaso. Mas o objectivo destes festivais não é tampouco atrair um público em grande escala, mas pelo contrário, criar um evento cultural de proximidade²²⁶. Outros festivais já atraem público proveniente do resto da província e do país, e outros atraem ainda um público internacional (Bélgica, França, Países Baixos, Alemanha...), apesar de não muito numeroso. Um outro fenómeno é o da fidelização: 30% a 80% dos participantes repetem a experiência de ano a ano.²²⁷

Em termos de alojamento, há pouco impacto nos estabelecimentos hoteleiros da região durante o decorrer dos festivais, pois o público normalmente efectua deslocações pouco longas para assistir ao festival, logo a percentagem de participantes que dormem no local do festival é bastante reduzida.²²⁸ O impacto económico dos festivais na província de Luxemburgo é difícil de medir, mas parece ser limitado, pois apenas 5% dos comerciantes afirmaram ter tido lucros significativos graças aos festivais, uma vez que grande parte do público gasta o seu orçamento no recinto do festival. No entanto, pode acontecer que a escolha das categorias dos comerciantes interrogados não tenha sido a mais indicada.²²⁹ Não se pode tão pouco dizer que a produção de festivais crie muitos

²²¹ *Idem - Ibidem*, p.7.

²²² *Idem - Ibidem*, p.16

²²³ *Idem - Ibidem*, p.17

²²⁴ *Idem - Ibidem*, p.13

²²⁵ *Idem - Ibidem*, p.19

²²⁶ *Idem - Ibidem*, p.30

²²⁷ *Idem - Ibidem*.

²²⁸ *Idem - Ibidem*.

²²⁹ *Idem - Ibidem*, p.68

empregos pois, quando cria, estes são muitas vezes precários e sazonais. O que acontece normalmente é os organizadores recrutarem trabalho voluntário.²³⁰

Os subsídios públicos são essenciais na criação e subsistência de um festival, mas há grande disparidade na distribuição destes em função da importância e notoriedade de cada festival – enquanto a Comunidade Francesa atribui subsídios tendo em conta a importância dos *cachês* que os organizadores pagam aos artistas, já a Região Wallone distribui subsídios aos festivais que têm natureza turística.²³¹

Os vinte e nove festivais que apresentaram os seus dados, gastaram no total e em conjunto, 1.109.623,45 euros. As despesas de logística representam mais de 50% da despesa total dos festivais²³². No entanto, a organização de um festival, analisando o inquérito efectuado no âmbito do estudo, não procura obter lucro, mas sim oferecer uma proposta cultural, turística, social ou recreativa cada vez mais rica. Procura sim não ter prejuízo para que o evento se possa repetir.²³³

Em relação à articulação com os Postos de Turismo locais, estes sentem que não beneficiam de ajudas suficientes para publicitar a região a propósito dos festivais que se desenrolam na sua localidade²³⁴. Talvez seja essa a razão de os festivais contarem muitas vezes maioritariamente com um público local. Os estabelecimentos comerciais sentem também que não estão suficientemente implicados no desenrolar do festival.²³⁵ O autor propõe, com vista a existir uma aproximação conjunta para facilitar o papel dos Postos de Turismo e dos comerciantes, que os primeiros devem promover mais eficazmente os festivais graças a apoios fornecidos pelos próprios organizadores e de fazerem parte do próprio festival, aproveitando o evento para promover a sua região, e quanto aos segundos que também promovam o festival e que adaptem a sua oferta de produtos ao público do festival, tanto em termos de categorias de produtos, como em alteração de horários.²³⁶ Em jeito de conclusão, o autor diz que há a necessidade de criar uma rede fluida entre organizadores, Postos de Turismo e comerciantes de forma a criar um festival com sucesso para todos esses actores.²³⁷

Assistiu-se a uma evolução na mentalidade dos poderes públicos em relação aos festivais, uma vez que, comparando com o que se passava há vinte e cinco anos, hoje em dia as ajudas públicas são numerosas e significativas. Isto porque se tornou claro que os festivais desempenham um papel importante ao nível cultural, social e económico. Os festivais podem ter o poder de desenvolver uma região ou província²³⁸. Constatou-se que 10% dos participantes nos festivais que não habitam na província onde o festival se desenrola, nunca a tinham visitado antes. Logo, os festivais podem ser um meio de atrair novos visitantes.²³⁹ Segundo o autor, (...) *os festivais fazem*

²³⁰ *Idem - Ibidem*, p.30

²³¹ *Idem - Ibidem*, p.24

²³² *Idem - Ibidem*, p.27

²³³ *Idem - Ibidem*, p.29

²³⁴ *Idem - Ibidem*, p.30

²³⁵ *Idem - Ibidem*

²³⁶ *Idem - Ibidem*, p.67

²³⁷ *Idem - Ibidem*, p.68

²³⁸ *Idem - Ibidem*, p.72

²³⁹ *Idem - Ibidem*, p.73

*claramente parte de uma oferta turística que pode dinamizar uma região com impactos socioeconómicos claros.*²⁴⁰

2.3 – Análise do Festival Les Aralunaires

Tivemos a oportunidade de participar na organização da terceira edição do Festival “Les Aralunaires”, em Arlon, na Bélgica, com o objectivo de perceber um pouco melhor o desenvolvimento de um projecto desta natureza e a esta escala, durante os cinco meses anteriores à abertura do festival.

O Festival “Les Aralunaires” é um festival urbano organizado por um número limitado de pessoas, mas que envolve toda a cidade através de parcerias com a Câmara Municipal, Posto de Turismo, associações sociais, comerciantes e habitantes. A organização central está ao cuidado da associação sem fins lucrativos “Les Nuits de l’Entrepôt”, que por seu lugar é sediada no seio da associação também sem fins lucrativos “Fondation Losange”, que constitui um centro de apoio a jovens com dificuldades nos estudos, e que oferece explicações e estágios nas férias para melhorar o seu aproveitamento escolar. Parte do lucro que obtêm, investem em eventos culturais, normalmente organizados pela associação “Les Nuits de l’Entrepôt”.

Encontramos a génese do festival actual na criação por parte da “Fondation Losange”, em 1997, de um espaço de concertos direccionada para um público jovem, e sustentada por alguns desses jovens em trabalho voluntário. O espaço escolhido para a realização dos concertos foi a Entrepôt²⁴¹, antigo armazém alfandegário perto da estação de comboios (e da fronteira com Luxemburgo), erigido entre 1874 e 1895, propriedade da câmara municipal, mas à disposição da Fundação Losange²⁴². Ao fim de 14 anos de programação contínua (uma média de dois concertos por semana ao longo do ano), a Entrepôt fechou para obras em Maio de 2011 por um período que se prevê de um ano e meio. Entretanto os concertos realizam-se a um ritmo mais calmo no Antigo Palácio da Justiça, no centro da cidade.

Em Abril de 1988 a Fundação Losange criou um festival de música rock chamado “Les Nuits de la Musique”, que aquando da ocupação do espaço Entrepôt passou a chamar-se “Les Nuits de L’Entrepôt”. Foi esse festival, que se desenrolava exclusivamente nessa sala de concertos, que deu origem em 2009 ao actual festival “Les Aralunaires”, numa vontade de alargar o festival ao resto da cidade, com estilos de música mais variados, de forma a englobar toda a comunidade no evento.

A escolha do nome Aralunaires tem que ver com uma teoria não fundamentada de que o nome Arlon provém do nome romano Ara Lunae (altar da lua), mas como mencionámos anteriormente, o nome romano era Orolaunos, proveniente do nome celta Are Launos (o que está à frente ou a este da planície).²⁴³ O nome Ara Lunae, no entanto, presta-se a um jogo de palavras, uma vez que os habitantes de Arlon são chamados “arlonais”, e

²⁴⁰ *Idem - Ibidem*, p.68

²⁴¹ Ver figura 4, em anexo.

²⁴² <http://entrepot.losange.net>, consultado em Julho de 2011

²⁴³ GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Op.cit.*, p.15

“Aralunaires” faz referência aos “habitantes” da lua. Por isso o logótipo do festival inclui uma lua atrás do perfil da cabeça do cervo esculpido por Gaspar²⁴⁴, que se encontra na praça Astrid numa das entradas da cidade, e que a organização escolheu como símbolo.

Desde a sua primeira edição, em 2009, a organização do festival procura ir um pouco mais longe, torná-lo cada vez maior em quantidade e qualidade, mais inovador e mais rico culturalmente. Procura também associar-se ao turismo da cidade, a associações de acção social locais, aos comerciantes, habitantes e a outras associações artísticas, como a “Rencontres Photographiques d’Art’lon”²⁴⁵. Este esforço de englobar a cidade no evento vem ao encontro da necessidade que um festival deste género tem para sobreviver na comunidade em que se insere.

A propósito de uma experiência pontual na edição de 2010, em que uma habitante da cidade, com ligação à organização do festival, abriu as portas da sua casa para acolher um concerto acústico no âmbito do festival – e que obteve críticas muito positivas por parte do público, despoletando a vontade de muitos outros habitantes de fazer o mesmo em suas casas na edição seguinte – um dos objectivos da edição de 2011 foi de criar um festival original e inovador que incluísse a participação directa da cidade através da criação de um percurso gratuito de concertos em apartamentos particulares.

Procedeu-se a uma pesquisa na internet sobre outros festivais que explorassem o mesmo conceito de lugares insólitos para concertos. Desses festivais, alguns organizadores dispuseram-se a responder a algumas perguntas sobre a génese, evolução e perspectivas para o futuro desse mesmo festival. Iremos falar deles em pormenor um pouco mais à frente.

Uma parte essencial de um festival desta natureza é o trabalho voluntário, pelo que foi necessário começar cedo a prospecção e recrutamento de pessoas interessadas em ajudar na semana do festival. Depois de ter sido feita uma listagem de pessoas disponíveis, calendarizou-se o trabalho de cada um durante o festival e organizaram-se sessões de esclarecimento antes do festival.

Parcerias

Como mencionámos anteriormente, as parcerias com diferentes associações locais são essenciais para o bom desenrolar de um festival urbano. No caso do Festival “Les Aralunaires”, as parcerias são várias.

– **Restaurantes:** Uma das formas de pequeno patrocínio na edição de 2011 foi uma ideia posta em prática de propor aos restaurantes do centro da cidade serem incluídos no programa do festival em troca de uma contribuição de 50€ cada. No final, dezanove restaurantes aceitaram a proposta de fazer parte de um percurso gastronómico “Aralunaires”. Para além de ter ajudado de forma simbólica à organização do festival em termos financeiros, esta iniciativa também funcionou como meio de o negócio da

²⁴⁴ Ver página 40 e figura 3, em anexo.

²⁴⁵ Ver figuras 5, 6 e 7, em anexo.

restauração, tão importante para o turismo da cidade, ficar incluído no festival e também como meio de divulgação do evento entre os habitantes.

– **Rencontres Photographiques d’Art’lon:** a “Rencontres Photographiques d’Art’lon” é uma associação de sete fotógrafos de Arlon que tem por objectivo divulgar o trabalho de nomes novos ou já conhecidos da fotografia local e internacional. A associação realizou a sua segunda edição das exposições em 2011, em datas que coincidiram propositadamente com o festival “Les Aralunaires”. A exposição OUT (de 16 de Abril a 31 de Agosto) com fotografias de Thierry Guinet, Frando Limosani e do trabalho “Out of Focus” de Alice Smeets, expostas nas ruas e edifícios da cidade; e a exposição IN (de 23 de Abril a 8 de Maio) com fotografias de vinte e nove fotógrafos da região seleccionados para a exposição, e de Sergine Laloux, Serge Picard e Natalie Curtis, expostas no Antigo Palácio de Justiça²⁴⁶. Durante a exposição tiveram lugar três concertos no âmbito do festival “Les Aralunaires”.

– **“La Toupie”:** a “La Toupie” é uma empresa de formação de pessoas maiores de 18 anos para uma orientação e inserção no trabalho. Este ano a organização do festival decidiu decorar as principais ruas de passagem da cidade com algo que simbolizasse o festival. Decidiu-se fazer o perfil da cabeça de cervo como no logótipo do festival (inspirado na escultura de Gaspar) em madeira. Os formandos da associação “La Toupie” decalcaram e cortaram cerca de vinte cabeças de cervo com aproximadamente 1m de diâmetro e 10cm de espessura²⁴⁷.

– **Academia de Belas Artes:** a Academia de Belas Artes participou também no festival criando uma oficina de criação para jovens adolescentes que teve por objectivo a decoração das cabeças de cervo acima mencionadas, com o tema “história da música”, pelo que na semana do festival podíamos ver penduradas nas ruas um cervo “grego” e mais à frente um “rock ‘n roll”, etc.²⁴⁸

– **Espace Beausite:** o Espace Beausite é um espaço de exposições de arte contemporânea sediado num concessionário automóvel²⁴⁹. Para além de ter aberto as suas portas para um concerto durante o festival, a organização do Espace Beausite organizou uma exposição de pintura/colagem do artista Erik Bonnet²⁵⁰ num espaço comercial na rua pedonal do centro da cidade que se encontrava fechado. Esta exposição, que durou o tempo do festival, acolheu ainda três concertos durante este período.

– **Pause Culture:** a Pause Culture é uma iniciativa dos Museus Gaspar e Arqueológico que consiste em promover concertos de música nesses museus durante a Primavera, tendo participado no festival com dois concertos inseridos na programação²⁵¹.

– **ISMA:** o Institut Sainte-Marie d’Arlon é um colégio privado do ensino pré-primário ao secundário, e também ensino especial²⁵², que todos os anos organiza em parceria com a organização do festival “Les Aralunaires” um pequeno festival escolar durante

²⁴⁶ Ver figuras 5, 6 e 7, em anexo.

²⁴⁷ Ver figura 8, em anexo.

²⁴⁸ Ver figura 9, em anexo.

²⁴⁹ <http://www.espacebeausite.be>, consultado em Julho de 2011

²⁵⁰ <http://www.erikbonnet.com>, consultado em Julho de 2011

²⁵¹ Ver figura 10, em anexo.

²⁵² <http://www.isma-arlon.be>, consultado em Julho de 2011

uma tarde no recinto escolar, com bandas cujos membros (pelo menos um) estejam a estudar no ISMA. Este ano contaram com oito prestações.

O Festival contou ainda com a ajuda de associações como a **Renaissance du Haut de la Ville**²⁵³ e a **Centre Ville**, associação nascida do encontro entre a câmara municipal e a associação de comerciantes²⁵⁴.

Espaços e Cartaz²⁵⁵

Nesta edição, seis particulares abriram as suas portas para um ou mais concertos acústicos em sua casa: Maison Lamboray²⁵⁶ (três concertos), Maison des Voisins (um concerto), Appartement “La Lettre Ecarlate” (um concerto), Appartement Bodart (dois concertos), Appartement “Pompes Funébres Bentz” (um concerto), e Appartement Merlot²⁵⁷ (um concerto e uma exposição).

Onze foram os espaços comerciais que acolheram concertos do festival. O albergue “Gîte an der Hetchegaas”, a livraria “La Lettre Ecarlate”, a livraria “La Curieuse”, a casa funerária “Pompes Funébres Bentz”, o “Espace Beausite”, o “Bar à Vins 180”, o bar “Beer Station”, o bar “Coconuts”, o “Zen Bar”, o restaurante/bar “Faubourg 101” e o restaurante português “Casa dos Petiscos” que acolheu um concerto de fado.

Houve dezoito espaços públicos e patrimoniais que apresentaram concertos. O lar para terceira idade “Home Soir Paisible”, o “Atrium Espace Didier”, a Biblioteca Municipal, as ruas do Mercado de Quinta-Feira, o Antigo Palácio de Justiça, os Museus Gaspar, Arqueológico e da Torre Romana, a Escola Primária do Centro, o ISMA, a “Montée Royale” (escadaria que dá acesso ao promontório da Igreja de Saint-Donat), a Praça “Fernand Schmit”²⁵⁸, o Posto de Turismo²⁵⁹, a Cave de Escuteiros, a redacção do Jornal “La Meuse”, a Igreja de Saint-Donat, o Pavilhão Polivalente e a Sinagoga²⁶⁰.

Para além destes espaços, a organização utilizou quase todas as noites de festival a sala de concertos residente, a “Entrepôt”, e no primeiro fim-de-semana de 23 a 25 de Abril (Páscoa), uma tenda de espectáculos instalada na Grand’Place²⁶¹. Para fechar o festival, no último fim-de-semana (30 de Abril e 1º de Maio) foi instalado um palco exterior na base da colina de Saint-Donat (Podium Knipchen)²⁶².

Nos nove dias de duração do festival, a programação contou com nomes como Babylon Circus²⁶³, Mixhell²⁶⁴, Nilda Fernandez²⁶⁵, Art Mengo²⁶⁶, Stanley Brinks, My Little

²⁵³ <http://www.arlonbrocante.be>, consultado em Julho de 2011

²⁵⁴ www.arlon.be, consultado em Maio 2011

²⁵⁵ Ver figura 11, em anexo.

²⁵⁶ Ver figura 12, em anexo.

²⁵⁷ Ver figura 13, em anexo.

²⁵⁸ Ver figura 14, em anexo.

²⁵⁹ Ver figura 15, em anexo.

²⁶⁰ Ver figura 16, em anexo.

²⁶¹ Ver figura 17, em anexo.

²⁶² Ver figura 1, em anexo.

²⁶³ Ver figuras 18 e 19, em anexo.

²⁶⁴ Ver figura 20, em anexo.

Cheap Dictaphone, Yaron Herman, Elliott Murphy, Lisa Germano e Cascadeur²⁶⁷ entre os mais de 100 artistas que actuaram nos 40 “palcos” do festival²⁶⁸. Os preços dos concertos variavam entre o gratuito (quase 40 concertos), e dos 5€ aos 30€. O passe semanal custava 55€.

Resultados

Procedamos então a uma análise dos resultados do festival. Este, como mencionámos anteriormente, estendeu-se por um período de 9 dias, de 23 de Abril a 1 de Maio de 2011 (de Sábado a Domingo), coincidindo com o fim-de-semana de Páscoa e o fim-de-semana do 1º de Maio. Isto de certa forma complicou a organização de todo o festival (a compra de bilhetes de avião para os artistas estava inflacionada nessa semana), e o sucesso do começo do festival, uma vez que grande parte do público-alvo do festival fez planos familiares com a família para a Páscoa.

O dia mais complicado foi mesmo o primeiro dia do festival, que oferecia três concertos e só um deles esteve completo. Foi o caso do concerto de Babylon Circus, banda francesa de *ska*, que fez encher a tenda de espectáculos montada na Grand’Place no centro da cidade. Por outro lado, na Entrepôt experimentou-se oferecer uma noite de *hiphop*, com artistas belgas, mas a capacidade da sala de 350 pessoas não recebeu mais de cinquenta. A maior desilusão da noite, e também de todo o festival, foi a noite electrónica no Pavilhão Polivalente com o *Dj Mixhell* como cabeça de cartaz (ex-baterista da banda brasileira Sepultura), que contava esgotar a capacidade de 1000 pessoas, mas que não chegou às 200. Isto pode-se justificar pelo facto de, a cerca de 10 km de distância de Arlon, em Vance, ter tido lugar nessa noite uma festa popular, o “Grand Feu”, que tinha também uma tenda electrónica com uma entrada muito mais barata que a do concerto do festival.

Isto fez a organização ponderar na importância da informação antecipada de todos os eventos que acontecem na região, para além do simples facto de ser fim-de-semana de Páscoa (que para o ano já não coincidirá). O facto também de haver três concertos com grande capacidade na mesma noite, limita as probabilidades de conseguir encher mais do que um concerto, uma vez que a população de Arlon e arredores não é muito numerosa.

Houve muitos elementos “contra” o sucesso deste arranque de festival, algo que afectou grandemente o respectivo orçamento, uma vez que os cálculos de retorno tinham sido efectuados contando que se venderiam pelo menos metade dos bilhetes dos concertos. Isso leva a pensar em soluções para a próxima edição, para que não volte a haver prejuízo.

Os dias seguintes do festival tiveram momentos bons e desilusões. O concerto de Domingo de Páscoa, de Nilda Fernandez na tenda de espectáculos esteve cheio, e o concerto de Andrew Hung e Misteur Valaire na Entrepôt foi também um sucesso. No

²⁶⁵ Ver figura 21, em anexo.

²⁶⁶ Ver figuras 22 e 23, em anexo.

²⁶⁷ Ver figuras 24 e 25, em anexo.

²⁶⁸ Ver figuras 26 e 27, em anexo.

feriado de segunda-feira de Páscoa, a tarde foi dedicada às crianças com um espectáculo dos “Weepers Circus” também na tenda que ficou completo, mas já o concerto no mesmo espaço à noite, com o Colectif Alfa (colectividade de grupos de Arlon), ficou por cerca de metade da capacidade. O concerto da Entrepôt nessa noite de Drums are for Parades também ficou aquém das expectativas.

O resto da semana correu bem, com concertos de grande sucesso como Yaron Herman (jazz em piano na Sinagoga), My Little Cheap Dictaphone (banda de *indie/pop/rock* belga com grande sucesso no país) e a noite *punk* com Bad Luck Charms na Entrepôt.

Mas o maior sucesso foi mesmo no último fim-de-semana, com concertos como o “Festival de Bandas Cover” no Palco da Knipchen (montado especialmente para o festival), com entrada gratuita, mas que rendeu grande receita de bar, e o concerto da Entrepôt de Elliott Murphy no Sábado, 30 de Abril. O 1º de Maio fechou o festival com um dia repleto de concertos gratuitos por toda a cidade em casas particulares e estabelecimentos comerciais e o concerto esgotado no Antigo Palácio da Justiça com Lisa Germano e Cascadeur.

Acabado o festival e analisadas as receitas e os prejuízos, a organização do festival chegou à conclusão que para o próximo ano há que rever algumas situações para que o festival seja viável e continue a contar com subsídios. As parcerias têm de continuar, e os concertos gratuitos em lugares particulares também. No entanto, o orçamento para artistas destes concertos acústicos terá de ser mais reduzido, uma vez que este tipo de concertos não tem receita de bilheteira nem de bar.

Uma questão que foi posta foi a do orçamento gasto em dois palcos diferentes, em alturas diferentes, do festival: a tenda de espectáculos e o palco da Knipchen. Para a próxima edição a organização do festival vai tentar fundir os dois num só, de forma a poupar alguns milhares de euros.

Outra questão é a da quantidade de concertos em cada dia. Há que haver variedade, mas por vezes, como foi o caso do primeiro dia do festival, torna-se difícil de escolher entre dois concertos que estão a acontecer ao mesmo tempo e que podem atrair o mesmo público.

O objectivo desta edição foi fazer o festival crescer em qualidade e quantidade, mas o que aconteceu foi por vezes sentirmos que o festival era já grande de mais para a cidade onde se encontrava. Muita coisa acontecia ao mesmo tempo, e as salas raramente ficavam esgotadas.

Um aspecto que falhou sem dúvida foi o da divulgação. Apesar de ter sido feito a 18 de Março um concerto do britânico Lloyd Cole na Igreja do Sacré-Coeur como publicidade em jeito de “aperitivo” do festival, o programa definitivo deste saiu demasiado tarde, e os spots publicitários ficaram prontos muito em cima do começo do evento. Não houve muita projecção exterior, quando o objectivo deveria ser chamar gente de fora para conhecer a cidade.

Quatro dias antes do final do festival fez-se um espectáculo itinerante de fanfarra ao estilo cigano da Europa central pelas ruas do mercado de Quinta-Feira. Durante essa fanfarra as pessoas pararam, receberam programas do festival e fizeram perguntas. Uma ideia proposta para a próxima edição é de fazer várias fanfarras destas, mas semanas

antes do festival, em localidades próximas da cidade, incluindo a cidade de Luxemburgo, a 20 minutos de distância de Arlon. Desta forma ocorreria uma mais efectiva captação da atenção das pessoas do que com uma simples acção de distribuição de panfletos.

Outra ideia que propusemos para a próxima edição é de concentrar o percurso gratuito no primeiro fim-de-semana do festival, pois isso serve também como publicidade. Este ano, no Domingo, algumas pessoas mostraram-se interessadas no festival até perceberem que este acabava nesse mesmo dia.

Apesar dos pontos que correram menos bem, pode-se dizer que o festival, de uma maneira geral, foi um sucesso, e continuará no caminho do aperfeiçoamento, esperemos, por muitos anos, e a servir de exemplo a pequenas localidades para apresentarem elas mesmas o seu próprio festival como meio de auto-promoção e de animação cultural e turística para os habitantes e visitantes.

Outros Festivais

Como mencionámos anteriormente, fizemos uma pesquisa sobre festivais actuais que sigam mais ou menos a mesma filosofia que o “Les Aralunaires”, e houve mesmo alguns que se prestaram a responder a algumas perguntas sobre a génese do festival e qual a motivação para o criar com um conceito inovador.

– **Festival Nuit d'Hiver:** o festival Nuit d'Hiver (16 a 21 de Dezembro de 2010) é um festival de música, exposições, vídeo, etc., que nesta última edição, excepcionalmente, se realizou em bibliotecas, museus e igrejas em Marselha, em França, organizado pela GRIM (associação de criação, difusão e formação no campo das músicas improvisadas). O festival nasceu em 2002 com a motivação de criar um momento forte da programação anual do GRIM em pleno Inverno. Apoiado por instituições públicas e sociedade civil, o desenvolvimento do festival deu-se sobretudo graças às colaborações com outras salas ou mediatecas na região. A decisão deste ano de se realizar o festival em locais diferentes deu-se devido ao estado instável do edifício que acolhe normalmente o festival. Mas vistos os resultados, a organização pensa que será uma boa ideia no próximo ano continuar a levar o festival fora de portas.²⁶⁹

– **Festival Soy 8:** o Festival Soy 8 é um festival que nasceu em 2003 a partir de uma associação (Yamoy) de dez pessoas apreciadoras de música independente que se realiza em Nantes, França, com o objectivo de dar lugar a jovens talentos artísticos. Os concertos e exposições são apresentados em diferentes lugares da cidade, como em museus e castelos.²⁷⁰ Os organizadores caracterizam este festival como “itinerante”, característica que deriva da impossibilidade de encontrar espaços na cidade disponíveis para acolher concertos em mais do que um dia, mas que acabou por se tornar na

²⁶⁹ www.grim-marseille.com, consultado em Dezembro de 2010, e informações fornecidas por Sophie Massa, responsável pelas relações públicas e imprensa do festival Nuits d'Hiver.

²⁷⁰ <http://www.yamoy.org>, consultado em Dezembro de 2010

“imagem de marca” do festival. Financeiramente, são apoiados pela câmara de Nantes, por parceiros particulares e pela bilheteira. Na última edição, todos os espectáculos esgotaram, graças a uma boa difusão na imprensa nacional que atraiu público por vezes até do estrangeiro. Para o futuro a organização espera poder conservar a mesma linha artística, mas não têm muita ambição em relação ao tamanho do projecto.²⁷¹

– **Festival Cultural de Gotemburgo:** o Festival Cultural de Gotemburgo, na Suécia, é um festival que se realiza em Agosto nas ruas da cidade com espectáculos gratuitos abertos a toda a gente. O festival começou em 2007 (mas deriva de um outro festival que começou em 1991) e tem por objectivo criar um evento gratuito para toda a gente e ser um bom ponto de encontro, uma forma de os habitantes se sentirem orgulhosos da sua cidade e de esta se tornar bem-sucedida e atractiva a cada vez mais visitantes. O festival é apoiado por dinheiros públicos locais e regionais, e gerido pela empresa de marketing da cidade Göteborg & Co. Todos os anos o festival cresce um pouco mais, tornando-se cada vez mais popular, tendo subido de 500 000 visitas no ano de 2007 para 925 000 visitas em 2010, e esperam continuar a evoluir nos próximos anos.²⁷²

Infelizmente, alguns dos festivais que pesquisámos que mais se assemelhavam ao conceito do festival “Les Aralunaires” não se prestaram a fornecer informações mais detalhadas sobre a sua organização, como foi o caso do festival “Nordik Impact”, que se desenrola desde Outubro de 1999 na Normandia, em França, e que explora concertos de música electrónica em apartamentos²⁷³; o “TGV GénÉRIQ”, que é um festival de música eclética em Dijon, em França, que desde Dezembro de 2007 tem concertos em espaços insólitos, como escritórios, apartamentos, bibliotecas e capelas²⁷⁴; o festival “Super Bock em Stock”, em Lisboa, que se realizou desde 2008 até 2010, mas que não se repetirá este ano²⁷⁵ por falta de patrocinador, que oferecia concertos em locais inéditos, como um parque de estacionamento subterrâneo, numa estação de metro ou num autocarro itinerante; e o festival C/O Pop, que acontece em Junho em Colónia, na Alemanha, e que apresenta concertos e arte de cultura Pop em espaços alternativos desde 2004.²⁷⁶

Para concluir, podemos dizer que existe uma tendência emergente e inovadora na produção de festivais urbanos. Numa época em que cada vez há mais oferta de festivais, torna-se necessário às organizações oferecerem um produto original e inovador ao seu público-alvo. Talvez seja por isso que encontramos em tantos festivais esse esforço de se destacarem não por um programa extremamente atractivo, muitas vezes por dificuldade de os pequenos festivais encontrarem verbas para convidar artistas de

²⁷¹ Informações obtidas através de e-mail de uma pessoa não identificada da associação Yamoy.

²⁷² <http://www2.goteborg.com/templates/Page.aspx?id=28002>, consultado em Dezembro de 2010 e informações obtidas através de e-mail a partir de Maria Bjorn, responsável pela comunicação de marketing do festival.

²⁷³ <http://www.nordik.org>, consultado em Dezembro de 2010

²⁷⁴ <http://www.generiq-festival.com>, consultado em Dezembro de 2010

²⁷⁵ <http://blitz.aeiou.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=bz.stories/74736>, consultado em Julho de 2011

²⁷⁶ <http://www.c-o-pop.de>, consultado em Dezembro de 2010

renome, mas por uma oferta alternativa e original no que se trata do formato do festival, começando pelos espaços utilizados para os concertos.

3 – Festival Milhões de Festa

O Festival Milhões de Festa, que tem lugar em Barcelos desde 2010, é organizado por uma parceria entre a Câmara Municipal de Barcelos e a empresa Lovers & Lollypops. Para fazermos esta análise do festival apoiámo-nos na informação disponível no website do festival e numa conversa pessoal com um dos fundadores da empresa Lovers & Lollypops, Joaquim Durães.

3.1 – A Cidade de Barcelos

*Casal de guerreiros, ninho de poetas, berço de reis, Barcellos é um dos primeiros senão o primeiro amor do seu enamorado Cavado.*²⁷⁷

Antes de analisarmos aqui o festival e para enquadrarmos o Milhões de Festa na cidade em que adquiriu forma, faremos uma pequena introdução a Barcelos em termos geográficos e patrimoniais. Barcelos é o concelho com maior número de freguesias de Portugal²⁷⁸ e encontra-se incluída no distrito de Braga, no nordeste português. De acordo com o Censo de 2011, o concelho contava 120.492 habitantes.²⁷⁹

História

A origem de Barcelos não é certa, uma vez que o documento escrito mais antigo referente a esta cidade trata-se da primeira Carta de Foral que foi passada pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, entre 1156 e 1169.²⁸⁰

No entanto, há sinais de presença humana na região que remontam ao paleolítico, neolítico, megalítico e especialmente à Idade do Ferro, como documentam os castros do

²⁷⁷ LEITÃO, Joaquim – *Barcellos – Guia Ilustrado*, Empreza Editora do Guia Ilustrado de Portugal, 1908, p.3

²⁷⁸ <http://codigopostal.ciberforma.pt/cidades/cidade.asp?cid=15>, consultado em Setembro de 2011

²⁷⁹ http://www.ine.pt/scripts/flex_v10/Main.html, consultado em Setembro de 2011

²⁸⁰ TELES, Manuel Cabral e DIAS, Miguel in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.185

Monte de Faria, Monte de Airó, Monte da Saia²⁸¹ e o Castro de Roriz²⁸². Na cidade propriamente dita, nunca foram encontrados vestígios de ocupação anterior à Idade Média.²⁸³

Uma teoria que alguns autores defendem sobre a origem de Barcelos remonta aos tempos pré-romanos. Durante a invasão púnica peninsular, os cartagineses ter-se-ão instalado na região atraídos pelas condições naturais da margem do rio Cávado.²⁸⁴ Depois da conquista romana calcula-se que tenha havido um progresso crescente da povoação de Barcelos, principalmente devido à sua proximidade a Braga, na altura Bracara Augusta.²⁸⁵

Depois de algum tempo de paz civilizada sob o domínio romano, a Península Ibérica sofreu novas invasões, desta vez dos povos bárbaros que assolaram todo o Império Romano. Barcelos terá ficado incluída na área do reino suevo e, depois da cristianização entre 550 e 661, terá servido a Braga de corte.²⁸⁶ Os suevos deixaram marcas *na compleição humana da região e no catolicismo da sua população cinco séculos antes de surgir o Condado Portucalense*.²⁸⁷ Seguiu-se nova ocupação, desta vez por parte dos visigodos, em 584-585, e em 710-711 começou a dura invasão árabe, que em 716 tinha já avassalado toda a Galiza.²⁸⁸

A origem do topónimo Barcelos não é clara, havendo várias teorias diferentes. Uma delas refere-se à ocupação cartaginesa, sendo possível que fossem os Barcinos os seus fundadores. Outra teoria, baseada no nome do rio Cávado que era chamado anteriormente Celando, é que o nome deriva de Barracelos, uma corrupção de Barra Celandi. Há quem defenda também que os árabes terão mudado o nome romano da cidade “Águas Celanas” para “Bencellanos” (filho de Celano). Uma outra hipótese era a de existir uma barca que atravessava o rio Cávado (uma vez que a ponte foi só construída no século XIV), que se chamava Barca Cœli, ou então Barca Celani. Também supuseram que a fundação do povoado foi feita por Amilcar, sendo o nome da cidade um derivado do apelido da família Barca.²⁸⁹

²⁸¹ FARIA, Abílio Mariz de in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.140-141

²⁸² CUNHA, Fernanda de Matos – *Notas etnográficas sobre Barcelos*. Ed: Pôrto, Imprensa Portuguesa, 1932, p.20

²⁸³ FLORES, Joaquim António de Moura in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.298

²⁸⁴ CUNHA, Fernanda de Matos – *Op.cit.*, p.19-20

²⁸⁵ SAMPAIO, J. Mancelos e SOUCASAUX, Augusto – *Barcelos – Resenha histórica – pitoresca – artística*. Ed: Companhia Editora do Minho, 1927, p.13

²⁸⁶ *Idem - Ibidem*, p.14

²⁸⁷ SERRÃO, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.35

²⁸⁸ SAMPAIO, J. Mancelos e SOUCASAUX, Augusto – *Op.cit.*, p.14

²⁸⁹ CUNHA, Fernanda de Matos – *Op.cit.*, p.20

O que tornou a zona de Barcelos atractiva, para além das suas condições climatéricas positivas para o cultivo, terá sido a zona de atravessamento do rio Cávado que se processaria nas redondezas da actual cidade.²⁹⁰ Aqueles que queriam evitar o pagamento de direitos senhoriais, como portagens, a que teriam de se sujeitar se seguissem pela antiga estrada romana com passagem em Braga, em sentido norte-sul, escolheriam essa via alternativa por Barcelos. Para além disso, Barcelos tinha ligação a Braga e a Prado, a Esposende, a Viana e à Póvoa de Varzim. *Esta localização geográfica contribuiu para a gradual transformação da vila agrícola de Barcelos na vila urbana que deu origem à actual cidade.*²⁹¹ Por Barcelos passava uma importante via romana que iria entroncar na via que percorria o litoral, e uma outra que seguiria para norte em direcção a Ponte de Lima e Tui.²⁹²

Um outro ponto de grande importância para o desenvolvimento de Barcelos foi que esta se tornou um ponto de passagem na peregrinação do Caminho Português de Santiago.²⁹³ Quem passava por Barcelos para descansar muitas vezes aproveitava para fazer negócio, numa oportunidade para o desenvolvimento económico e para o intercâmbio cultural e humano, reanimando assim gradualmente o centro urbano, e favorecendo o aparecimento de novos aglomerados.²⁹⁴

Apesar de existir uma paróquia em Barcelos anteriormente ao tempo do conde D. Afonso Henriques, só entre 1156 e 1169 é que este, entretanto já monarca, lhe doou a primeira Carta de Foral.²⁹⁵ Em 1218 Barcelos deve ter evoluído bem pois recebeu confirmação do foral pelo então rei D. Afonso II.²⁹⁶ Já em 1515, D. Manuel deu o terceiro e último foral a Barcelos, a propósito da reforma dos forais.²⁹⁷

Em 1297 foi doado a D. João Afonso Telo de Meneses o título de primeiro Conde de Barcelos, tornando assim Barcelos num condado.²⁹⁸ A partir daí Barcelos entrou numa nova era de progresso, assumindo-se como uma grade capital da nobreza titular portuguesa.²⁹⁹

²⁹⁰ TELES, Manuel Cabral e DIAS, Miguel – *Op.cit.*, p.185

²⁹¹ REIS, António Matos in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.27

²⁹² ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. p.110

²⁹³ TELES, Manuel Cabral e DIAS, Miguel – *Op.cit.*, p.185

²⁹⁴ REIS, António Matos – *Op.cit.*, p.28

²⁹⁵ SERRÃO, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo – *Op.cit.*, p.36

²⁹⁶ *Idem - Ibidem*, p.36

²⁹⁷ LEITÃO, Joaquim – *Op.cit.*, p.3

²⁹⁸ SERRÃO, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo – *Op.cit.*, p.37

²⁹⁹ PESTANA, Manuel Inácio in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.65

D. Afonso, conde de Barcelos e também Duque de Bragança a partir de 1442³⁰⁰, promoveu o desenvolvimento das actividades sócio-económicas e empreendeu obras monumentais que alteraram a imagem da vila, como os paços condais³⁰¹, que foram erguidos entre os anos 1412 e 1425.³⁰²

Em 1520, segundo a representação gráfica de Duarte de Armas no seu Livro das Fortalezas, Barcelos era *uma interessantíssima cidadela gótica, cingida por uma robusta muralha bem flanqueada e ameaçada, com uma vigilante torre sobranceira ao rio, defensora da entrada da ponte, e outra mais possante ao cimo voltada para as terras de Manhente*. A partir de meados do século XVIII, a muralha começou a ruir e não foi mais reconstruída.³⁰³

No século XVIII, o condado de Barcelos era uma grande comarca da Casa de Bragança que incluía Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Vila do Conde, Penela, Valença, Azurara, Darque, Vila Chã, Penela, Melgaço, Couto da Correlhã, Lousada, Couto de Gondufe, Paiva, Chaviões, Castro Laboreiro, Larim, Honra de Baltar, Ferreiros e Tendais, Vila de Rates e Esposende.³⁰⁴

No entanto, no século seguinte, o liberalismo obrigou a comarca a dividir-se por questões de funcionalidade do aparelho judicial, pois muitos locais ficavam a uma distância muito grande da sede, o que implicava um volumoso corpo de funcionários e consequentemente grandes custos ao município. Dividiu-se assim a antiga comarca de Barcelos ficando com 96 freguesias que com o decorrer dos tempos passaram a ser 86.³⁰⁵

Em 1928 a vila foi então elevada a cidade de Barcelos, incluindo na cidade a freguesia de Barcelinhos, do outro lado do rio Cávado.³⁰⁶

Património

Barcelos encontra-se pejada de testemunhos edificados que confirmam a sua história. Entre esses monumentos podemos nomear a ponte medieval e as ruínas do paço, bem visíveis na panorâmica da parte sul de Barcelos, que é, *sem dúvida, a mais bela, a mais*

³⁰⁰ NETO, Margarida Sobral in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.429

³⁰¹ MACEDO, José Adílio Barbosa in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.99

³⁰² *Idem – Ibidem*, p.101

³⁰³ SERRÃO, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo – *Op.cit.*, p.43

³⁰⁴ PESTANA, Manuel Inácio – *Op.cit.*, p.70

³⁰⁵ PEDRAS, António Brochado in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.468-470

³⁰⁶ FARIA, Abílio Mariz de – *Op.cit.*, p.139

*rica e a mais sumptuosa, quer em termos paisagísticos, quer em termos artísticos, patrimoniais e históricos.*³⁰⁷

A **Ponte Medieval** que ainda hoje usamos para entrar na parte histórica da cidade, sentido sul-norte, foi construída no século XIV. Para além de ter facilitado o movimento norte-sul que até aí se fazia pelo atravessamento do rio, veio mudar a estrutura urbana da cidade, já que valorizou um novo eixo principal de atravessamento da cidade para norte, em detrimento do eixo antigo, a jusante, que ligava o Largo do Apoio à Fonte de Baixo.³⁰⁸ Para além do mais, a ligação por ponte para sul beneficiou o desenvolvimento de Barcelinhos, na outra margem do Cávado, onde se ergueu uma capela dedicada a Santa Maria da Ponte.³⁰⁹

No século XV foi construída uma muralha em torno da vila, possivelmente por motivos de controlo social e económico, uma vez que Barcelos por esta altura encontrava-se livre de confrontos bélicos que a justificassem. Esta muralha incluía três torres que protegiam as três portas da cidade: a da Ponte, a do Vale e a do Cimo de Vila.³¹⁰ Foi entretanto aberta outra entrada para a vila, a Porta Nova, que tinha também uma torre a protegê-la e que serviu de habitação ao Alcaide no século XV.³¹¹

A muralha de Barcelos foi sendo destruída a partir nos séculos XIX e XX por constituir uma barreira à expansão urbana. A pedra foi reaproveitada para outras construções e deu-se também um fenómeno comum em cidades que foram outrora cercadas por uma muralha, que é a absorção desta pelas construções envolventes, pelo que podemos hoje em dia perceber onde aquela se encontrava.³¹²

A torre que mencionámos anteriormente, é a única parte da muralha que ainda hoje subsiste, a chamada **Torre da Porta-Nova**. *Das quatro torres a que amarrava essa muralha de defensam com que o 1º Duque de Bragança enfaixou Barcellos em pequenina, só uma sobrevive, rija, desempenada, sem lhe faltar um único dente à sua coroa d'ameias nem que por ella não houvesse passado a animadversão de cinco seculos.*³¹³

As ruínas do **Palácio dos Condes-Duques de Barcelos**, situadas num alto, constituem outro monumento que capta a atenção do visitante ao entrar na cidade pela Ponte Medieval. Foi construído também no tempo do conde D. Afonso e, apesar de ter sido em tempos um grande palácio, hoje só restam dele algumas paredes e uma alta chaminé. Actualmente as ruínas do palácio servem de espaço ao Museu Arqueológico Municipal

³⁰⁷ PINHO, Victor in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.81

³⁰⁸ TELES, Manuel Cabral e DIAS, Miguel – *Op.cit.*, p.185

³⁰⁹ *Idem – Ibidem*, p.186

³¹⁰ *Idem – Ibidem*

³¹¹ CUNHA, Fernanda de Matos – *Op.cit.*, p.31-32

³¹² FLORES, Joaquim António de Moura – *Op.cit.*, p.312

³¹³ LEITÃO, Joaquim – *Op.cit.*, p.4

que possui, entre as suas peças, o Cruzeiro do Senhor do Galo e o Pelourinho (que mantém ainda uma corrente com gargantilha e algemas).³¹⁴

Dentro da cidade podemos ainda mencionar, entre as suas riquezas patrimoniais, a **Igreja Matriz**, construída por volta do século XII, mas que foi restaurada no século XV, e reformada nos séculos XVIII e XIX.³¹⁵ Em termos de património civil, Barcelos mantém de pé alguns **solares**, construídos no século XVIII com o dinheiro do Brasil³¹⁶, e também algumas **casas brasonadas**, como é o caso da Casa de Nun'Álvares, que conserva o seu aspecto medieval³¹⁷, e a Casa de Gaspar Góis do Rêgo, que foi alferes dos Braganças e vítima heróica de Alcácer-Kibir.³¹⁸

No concelho há outros tantos pontos de interesse histórico, como é o caso dos Castros, nomeadamente o **Castro de Roriz**³¹⁹; a **igreja românica** de Santa Maria do Abade de Neiva que inclui uma torre chamada **Torre de Dona Mafalda**, pois esta torre fazia parte de um convento de freiras mandado construir pela primeira rainha de Portugal, mas que nunca foi concluído³²⁰; e o **convento de Vilar de Frades**, fundado pelo arcebispo bracarense São Martinho de Dume, no século VI, que foi destruído pelos árabes no século VIII e restaurado no século XII, mas que caiu em decadência no século XV devido à concorrência do Mosteiro de Tibães. Do outro lado do Cávado, em Manhente, podemos ainda encontrar uma outra igreja românica.³²¹

Animação Cultural e Turismo

Barcelos possui uma das feiras mais importantes do país que atrai comerciantes e fregueses *de distantes léguas, dos confins do concelho e mesmo de além, para o grande mercado, onde se vendem os mais variados objectos*.³²² No entanto, em relação a outras povoações de Entre Douro e Minho, a criação desta feira foi algo tardia, em 1412 no reinado de D.João I³²³. Era a única feira de realização anual e, talvez pela sua duração e privilégios, poderia trabalhar com certo tipo de mercadorias que não existiam nas outras feiras próximas.³²⁴

³¹⁴ LIMA, Fernando de Castro Pires de – *A lenda do Senhor do Galo de Barcelos e O Milagre do Enforcado*. Ed: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Gabinete de Etnografia, 1965, p.30-31

³¹⁵ *Idem - Ibidem*, p.30

³¹⁶ TELES, Manuel Cabral e DIAS, Miguel – *Op.cit.*, p.186

³¹⁷ CUNHA, Fernanda de Matos – *Op.cit.*, p.31

³¹⁸ *Idem - Ibidem*

³¹⁹ *Idem - Ibidem*, p.29

³²⁰ *Idem - Ibidem*,

³²¹ *Idem - Ibidem*, p.30

³²² *Idem - Ibidem*, p.65-66

³²³ SERRÃO, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo – *Op.cit.*, p.42

³²⁴ <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/feira-de-barcelos>, consultado em Setembro de 2011.

*É o dia grande, o S. Miguel, o festival e o inferno de Barcellos, dia em que se compra e se vende para a semana toda, (...) enfim, o **Dia de Feira**, identico em todo o paiz e igual em todo o Minho.*³²⁵

Para além da animação comercial e cultural que a feira hoje oferece à cidade semanalmente, Barcelos celebra todos os anos a “**Festa das Cruzes**”, em que a cidade ganha um aspecto de arraial e onde as pessoas se vão ajoelhar perante a Stª Cruz.³²⁶ Esta festa é a primeira romaria do Norte e realiza-se a 3 de Maio, que é também feriado municipal, e trata-se de um dos mais importantes acontecimentos da animação de Barcelos. Com origem numa história de um sapateiro que no ano de 1504 encontrou uma nódoa negra no chão em forma de cruz, que por muito que se cavasse não desaparecia, por aparecer esse fenómeno às pessoas como um sinal sagrado, construiu-se nesse lugar um templo em honra do Sr. da Cruz, que é hoje o centro das “Festas das Cruzes”. Se até ao século XIX essa festa-romaria tinha um cariz somente religioso, a partir do século XX a festa passou a ter também uma vertente mais profana com a adição de elementos lúdicos como *carrocéis, barracas de diversão, corridas de Cavalos, espectáculos de circo, fogo de artifício, cortejos etnográficos, torneios e concursos, entre muitos outros acontecimentos de natureza Popular.*³²⁷ As “Festas das Cruzes”, tal como no passado, continuam a ter grande importância a nível económico, cultural e social e também turístico, uma vez que atraem muitos visitantes, principalmente espanhóis.³²⁸ *É a importância histórica de Barcelos, a sua herança cultural, o desenvolvimento económico, a proximidade física e/ou afectiva com outras gentes e locais, que fazem com que a Festa das Cruzes continue a ser um momento de identidade e diferenciação do concelho de Barcelos.*³²⁹

Em termos de festivais, Pires de Lima mencionava já em 1965 um “Festival Folclórico” no Parque da Cidade que incorporava alguns dos grupos de folclore do país³³⁰, e que hoje se denomina **Festival Internacional de Folclore do Rio**.³³¹ *“A cultura e a tradição constituem uma das mais fortes componentes identitárias do concelho de Barcelos, sendo nas festas, feiras e romarias o momento mais marcante para apreciar todo o esplendor dos usos e costumes das tradições etnográficas do concelho, o traje e o trajar que espelham a diversidade cultural deste território. Neste âmbito, as associações culturais do concelho, em particular os grupos folclóricos e etnográficos, têm desenvolvido um importante trabalho na preservação, revitalização e promoção destas mesmas tradições repletas de simbologia e que representam a riqueza do património imaterial desta terra de aguerridas tradições.”*³³²

³²⁵ LEITÃO, Joaquim – *Op.cit.*, p.7

³²⁶ *Idem* – *Ibidem*, p.8

³²⁷ <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/a-festa-das-cruzes-1>, consultado em Setembro de 2011.

³²⁸ *Ibidem*.

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ LIMA, Fernando de Castro Pires de – *Op.cit.*, p.32

³³¹ <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta>, consultado em Setembro de 2011.

³³² <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/o-folclore-e-as-tradicoes>, consultado em Setembro de 2011.

Importante mencionar o **Festival Internacional de Filmes de Turismo**, que tem lugar na cidade de Barcelos, na última semana de Setembro, e que denota uma consciência por parte da autarquia para a importância do turismo no seu concelho. “*O Festival Art&Tur tem o exclusivo para toda a Península Ibérica e é mesmo considerado como um dos festivais mais influentes, atraindo uma diversidade de bons filmes realizados por profissionais mundialmente conhecidos no domínio do audiovisual turístico.*”³³³ O festival tem como objectivo promover a produção de filmes de turismo por parte de um público mais jovem, e também de promover Portugal enquanto destino turístico, principalmente a região onde se realiza o festival.³³⁴

O **Festival Milhões de Festa**, que analisaremos de seguida com mais pormenor, é somente um num grupo de cerca de seis festivais de música no concelho de Barcelos. No entanto, e segundo Joaquim Durães, um dos organizadores do festival, não existe concorrência entre eles, uma vez que são todos eles festivais diferentes no seu conceito, com objectivos distintos, e públicos diferentes. As afinidades que se criam entre alguns deles são naturais, mas não existe qualquer espírito de competitividade entre eles. Aliás, existe até como que um mútuo apoio entre festivais, uma vez que é no próprio interesse de cada festival que o seu “vizinho” tenha sucesso, pois isso abre portas para que cada vez mais gente venha ao concelho de Barcelos com o intuito de participar em festivais. Os festivais no concelho de Barcelos acabam por se complementar e ajudar uns aos outros.³³⁵

Não nos podemos esquecer que a imagem turística de Portugal é o **Galo de Barcelos**, figura de barro artesanal que nasceu de uma lenda medieval local relacionada com o Caminho de Santiago, e que se estabeleceu como ícone do turismo nacional a partir das décadas de 50 e 60 do século XX.³³⁶

Um outro ponto de interesse do ponto vista do turismo de Barcelos é a **Estância Termal do Eirogo**, em Santa Maria de Galegos, a 5 km da cidade de Barcelos. *Julga-se que a utilização das águas das termas do Eirogo remonta a tempos imemoriais, aos romanos – existência no Facho de ruínas de velha citânea –, aparecendo depois referenciadas em 1853.*³³⁷ Estas termas foram também utilizadas para acolher o Festival GSM, de música *metal*, em Junho de 2011, na sua quarta edição consecutiva no mesmo espaço, com o apoio da Câmara Municipal de Barcelos.³³⁸

³³³ <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/festival-internacional-de-filmes-de-turismo>, consultado em Setembro de 2011.

³³⁴ *Ibidem*

³³⁵ Informação conseguida através do próprio Joaquim Durães.

³³⁶ <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/artesanato/galo-de-barcelos>, consultado em Setembro de 2011.

³³⁷ COUTINHO, Paulo, COUTINHO, Dr. Vítor, SÁ, Dr. Jorge, REIS, Dr. Fernando e RICÓN-FERRAZ, Prof. Dra. Amélia in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p.406-407

³³⁸ <http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2011/maio/festival-gsm-durante-quatro-dias?searchterm=eiro>, consultado em Setembro de 2011

Barcelos foi descrita por Pires de Lima, em 1965, como uma *cidade cheia de beleza e de pitoresco e tem, como poucas, motivos aliciantes para entusiasmar o etnógrafo e apaixonar o turista. Barcelos, a princesa do Cávado, é sem dúvida uma das terras mais bonitas de Portugal. Ninguém pode deixar de ter por ela, tão antiga e tão fidalga, a maior admiração.*³³⁹ Ainda se referiu aos seus arredores como *dos mais belos que existem no Minho, desse Minho província tão cheia de carácter que até para os próprios portugueses é motivo de permanente enlevo.*³⁴⁰ Cunha já descrevia a cidade de Barcelos e seus arredores, em 1932, como *um apreciável destino.*³⁴¹

Em 1908, Barcelos contava dois hotéis: o Hotel Vinagre, no Largo da Porta Nova (com *12 quartos higienicamente sem tapete nem passadeiras, muito bem esfregados*³⁴²) e o Hotel Roriz. Contava também com dois restaurantes: o Albano, no Campo da Feira; e o do Café Mattos, na R. D. Antonio Barroso e Barjona de Freitas.³⁴³ Hoje são mencionados no *website* da Câmara Municipal de Barcelos quatro hotéis e quatro residenciais na cidade, doze estabelecimentos de turismo rural, dez esplanadas e dezanove restaurantes na cidade e vinte e seis restaurantes no concelho. A Câmara Municipal promove ainda várias actividades gastronómicas ao longo do ano.³⁴⁴

3.2 - Análise do Festival Milhões de Festa

Na última edição, em 22, 23 e 24 de Julho de 2011, o festival contou com mais de cinquenta actuações musicais de bandas, produtores e *Dj's* portugueses e internacionais em vários espaços distintos, entre os quais os cabeças de cartaz Liars, Graveyard e Electrelane.

O Festival Milhões de Festa, criado pela empresa Lovers & Lollypops, surgiu em 2006 no Porto e teve uma edição em 2007 em Braga, mas foi em 2010 que nasceu uma parceria com a Câmara Municipal de Barcelos, numa organização e investimento divididos a 50% entre a Lovers & Lollypops e o governo local. A Câmara Municipal oferece apoio em termos de logística e burocracia, mas confia plenamente nas escolhas da Lovers & Lollypops, que está responsável por todo o agenciamento de bandas e artistas. A Lovers & Lollypops aprecia muito este voto de confiança da Câmara Municipal de Barcelos, que poderiam por outro lado colocar entraves por considerarem que o festival não é “fácil” para um público mais geral.³⁴⁵

O nome do festival surgiu de uma situação anedótica que os membros da Lovers & Lollypops viveram no festival de Vilar de Mouros. Tinham nessa

³³⁹ LIMA, Fernando de Castro Pires de – *Op.cit.*, p.29

³⁴⁰ *Idem – Ibidem*, p.30

³⁴¹ CUNHA, Fernanda de Matos – *Op.cit.*, p.19

³⁴² LEITÃO, Joaquim – *Op.cit.*, p.13-14

³⁴³ *Idem – Ibidem*

³⁴⁴ <http://www.cm-barcelos.pt>, consultado em Setembro de 2011

³⁴⁵ Informação conseguida através do próprio Joaquim Durães.

altura apelidado um amigo deles de “Milhões” e quando criaram o festival e procuravam um nome, lembraram-se desse amigo e decidiram como que fazer-lhe uma homenagem com o nome do festival “Milhões de Festa”. Não deixa de ser interessante que o nome do festival derive de uma situação vivida no mais antigo festival do género em Portugal, Vilar de Mouros.³⁴⁶

Ao longo do ano a Lovers & Lollypops edita discos, promove e agencia concertos, e o festival surgiu como uma forma de, uma vez por ano, criar um espaço para juntar toda a gente com que colaboraram durante o ano e nos anos anteriores. *Quase como uma reunião de família*³⁴⁷. O festival conta com bandas portuguesas, mas também bandas internacionais – tanto bandas que já trouxeram a Portugal como outras que admiram mas que, sem o festival, não teriam possibilidade de as trazer ao país.³⁴⁸

Nos concertos que organizam durante o ano com bandas que consideram muito valiosas, mas que não são ainda muito conhecidas em Portugal, embatem no intransponível problema de falta de público. A missão do festival passa muito por dar a oportunidade às bandas, que de outra forma teriam uma audiência de vinte pessoas, de terem quinhentas ou mil pessoas à sua frente para conhecerem os seus projectos musicais. Por outro lado, o festival permite que as pessoas que conhecem alguns dos nomes do cartaz descubram no alinhamento outros projectos que podem achar muito interessantes, mas que de outra forma não conheceriam. O festival tem assim por objectivo abrir a mentalidade musical do público e dar a oportunidade de novos projectos começarem a ter sucesso no nosso país.³⁴⁹

A organização do festival, por parte da Lovers & Lollypops, conta com oito pessoas. Duas para a programação; uma para a produção, mas que também ajuda à programação; uma pessoa que trata da promoção do festival; e uma equipa de quatro designers/directores criativos que trabalham na comunicação, e que fazem parte de um gabinete de design chamado “Bolos Quentes”. *A parte da comunicação do festival é um dos pontos em que nós apostamos bastante, a forma como ele é apresentado ao público, e tentar estar um pouco afastados do tipo de comunicação feita por outros festivais.*³⁵⁰

Lovers & Lollypops

A empresa Lovers & Lollypops é uma editora discográfica fundada em 2005 a partir de um projecto universitário de um dos fundadores da empresa, Joaquim Durães. Em 2004, Durães esteve em Barcelona a fazer um documentário sobre a cena artística na cidade, a gravar e a fotografar bandas, e reparou num fenómeno de cumplicidade entre todos os

³⁴⁶ *Idem*

³⁴⁷ *Idem*

³⁴⁸ *Idem*

³⁴⁹ *Idem*

³⁵⁰ *Idem*

intervenientes do mundo musical, fossem eles músicos, designers, videastas ou público, que tornava aquele grupo quase como uma grande estrutura familiar. Sentindo que o mesmo não se passava em Portugal, criou com alguns amigos a empresa Lovers & Lollypops com o objectivo de transpor esse fenómeno para o nosso país.³⁵¹

Em termos de edição discográfica, a empresa gosta de se destacar das restantes empresas mais *mainstream* por um aspecto um pouco mais revivalista. Obviamente editam mais CD's, pois trata-se do formato mais comum na edição de música actual, mas o seu objectivo é mesmo editar álbuns em vinil. Como este é um formato bastante caro não podem editar na quantidade que desejariam. Por essa razão, e para manter o revivalismo, criaram uma parte da editora que se chama "Tapes She Said", que foi recuperar o formato em cassete, e que, apesar de ser um formato com bastante menor capacidade que a de um CD, como que romantiza remotamente a edição musical.³⁵²

Mas a Lovers & Lollypops não se dedica somente à edição musical. Para além do festival Milhões de Festa, a empresa organiza muitos outros eventos culturais, sobretudo na cidade do Porto, alguns deles activos e outros adormecidos à espera de serem recuperados. No Porto organizaram o "Taina Fest"; o Festival Náice no bar Plano B; o "20 20 20" também no Plano B que consiste em 20 bandas, 20 *Dj's* e 20 designers na mesma noite; o "Trips à Moda do Porto", em parceria com a promotora Amplificasom, que ocupou os espaços do cinema Passos Manuel e do bar Maus Hábitos, e que teve a sua primeira edição em 2007; e o "Isto não é uma Festa Indie", que nasceu de um blogue com o mesmo nome. Em Barcelos organizaram também o "Barcelos é Demais", com duas edições, primeiro porque alguns dos membros da empresa são naturais dessa cidade e segundo porque Barcelos tem uma oferta muito grande em termos de bandas. Se antes fazia sentido juntá-las todas num festival uma vez por ano, agora com o Milhões de Festa já não se justifica, uma vez que o actual festival tem espaço tanto para bandas internacionais e nacionais, como para bandas locais. Durães é da opinião que se só se deve organizar um evento enquanto este faz sentido, e não porque tem de ser um evento anual. Defende que algumas iniciativas devem entrar em período de hibernação para, quiçá, um dia voltarem a pegar no conceito e fazerem nova edição do evento, mesmo que isso não aconteça no ano seguinte ou dois anos depois da edição anterior.³⁵³

Os Espaços

O Festival Milhões de Festa tem lugar nas margens do rio Cávado, perto do centro da cidade de Barcelos, num parque renovado com zonas verdes, praia fluvial, piscinas e campismo gratuito para os participantes.

³⁵¹ *Idem*

³⁵² *Idem*

³⁵³ *Idem*

*A escolha específica do Anfiteatro do Parque Fluvial, uma varanda privilegiada sobre o Rio Cávado, também ele um símbolo barcelense por excelência, recai nas potencialidades da sua localização, próxima do centro da cidade e motivadora da sua visita por entre os festivaleiros. A singularidade dos diversos espaços que compõem o Parque Fluvial dota o recinto de um conjunto de características que criam dinâmica. Para além disso, a sua planificação arquitectónica favorece a convivência com a Natureza, aliando uma estrutura urbana a um cenário aprazível, com todas condições necessárias para a realização de um evento único.*³⁵⁴

Do lado de Barcelos, no recinto do festival, foram montados nesta última edição quatro palcos diferentes. O Palco Milhões, dedicado exclusivamente a bandas; o Palco Vice, que nasce da parceria com a revista Vice, dedicado a novos projectos de bandas e *Dj's* e que proporcionou animação até às 6h da manhã de cada dia de festival; o Palco L&L (Lovers & Lollypops) com entrada gratuita; e o ex-líbris do festival, o Palco na Piscina, com concertos e *Dj sets* onde as pessoas apreciavam banhos e sol com música ao vivo num palco entre duas piscinas. É se calhar este palco a principal atracção do festival, uma vez que é um conceito inovador que faz com que toda a gente que fala do festival, mencione os concertos na piscina.

Do lado de Barcelinhos, na outra margem do rio Cávado, encontrava-se o Palco SWR (Steel Warriors' Rebellion³⁵⁵), um palco com entrada gratuita que nasceu da parceria entre o festival Milhões de Festa e o festival Barroselas Metalfest (organizado pela SWR).

Na cidade, no Auditório da Biblioteca Municipal de Barcelos, encontrava-se o Espaço Lula Gigante, também com entrada gratuita, com a projecção de documentários musicais e com conversas entre o público e personalidades envolvidas no processo criativo dos documentários, ao vivo ou por vídeo-conferência.

De uma outra parceria com a Webzine Bodyspace, surgiram os concertos gratuitos espalhados pelos espaços públicos e históricos da cidade de Barcelos da Videoteca Bodyspace.

Outros concertos gratuitos tiveram lugar no “Bar do Xano”, acompanhados de comida e conversa com os artistas.

Parcerias

Como acontece muitas vezes em eventos, o festival Milhões de Festa estabeleceu parcerias com algumas empresas. A parceria principal, da qual já falamos, é com o governo local, a Câmara Municipal de Barcelos, mas têm também parcerias com a revista Vice, com a webzine Bodyspace, com a

³⁵⁴ <http://www.milhoesdefesta.com/milhoes>, consultado em Setembro de 2011

³⁵⁵ <http://swr-fest.com/>, consultado em Setembro de 2011

SWR do Barrocelas Metalfest e com a produtora Lula Gigante, das quais falaremos em pormenor de seguida.

– **Videoteca Bodyspace:** sendo a Bodyspace uma *webzine* de música e a Lovers & Lollypops uma produtora e editora de música, é natural que se tenha criado uma relação entre as duas ao longo dos anos. A *webzine* Bodyspace, a mais antiga *webzine* de música em Portugal³⁵⁶, tem uma parte que se chama Videoteca Bodyspace, em que levam bandas a tocar em locais que não as salas de concertos convencionais e filmam-nas para publicar esses vídeos na *webzine*. A ideia do festival foi pegar nesse conceito da Videoteca e passá-lo para Barcelos, onde aproveitaram para gravar bandas que estavam no festival a tocar em mini-concertos espalhados pela cidade, em locais históricos e patrimoniais. A ideia foi levar o festival para fora das portas do festival e fazer com que a cidade se tornasse quase o próprio recinto do evento.

– **Lula Gigante:** a colaboração com a produtora de cinema Lula Gigante é importante, uma vez que permitiu, através dos documentários feitos para o festival, oferecer um pouco de sustentação às escolhas da organização. A colaboração surgiu da anterior relação pessoal que a organização já tinha com os membros da produtora, e também pela vontade da organização ter uma série de documentários que representassem de alguma forma as bandas escolhidas para o cartaz. Foram produzidos três documentários sobre bandas do cartaz ou sobre bandas que representavam de alguma forma outras bandas que estavam no festival, de forma a dar um pouco de consistência a muitos projectos que estavam presentes. Foi uma forma de dar a conhecer o trabalho e o *background* de muitas das bandas desconhecidas e mostrar às pessoas que essas bandas estão presentes por alguma razão.³⁵⁷

*Nesta edição do festival, o Espaço Lula Gigante convida o organizador do festival Playdoc Angel Sanchez para uma noite de interacção em que nos falará sobre a sua experiência na organização do festival de Tui, assim como da importância dos documentários de música e a interacção entre curiosos, realizadores e músicos.*³⁵⁸

– **Revista Vice:** a Lovers & Lollypops está ligada à Revista Vice, na parte de produção de eventos da revista, por uma relação umbilical, enquanto todas as restantes acabam por ser relações mais pontuais.³⁵⁹ A revista Vice desempenha um papel muito importante na divulgação do festival.

– **SWR (Barrocelas Metalfest):** a parceria com a Steel Warriors' Rebellion, organizadora do festival Barrocelas Metalfest, já no concelho de Viana do Castelo, surge da boa relação com a organização do Milhões de Festa. Enquanto durante o festival de Barrocelas, a Lovers & Lollypops tem um palco com bandas da sua selecção no programa desse festival, no Milhões de Festa o SWR tem também um palco com bandas da sua selecção incluído no cartaz.³⁶⁰ Esta interacção entre festivais da mesma região permite uma

³⁵⁶ <http://www.milhoesdefesta.com/milhoes>, consultado em Setembro de 2011

³⁵⁷ Informação conseguida através do próprio Joaquim Durães.

³⁵⁸ <http://www.milhoesdefesta.com/milhoes>, consultado em Setembro de 2011

³⁵⁹ Informação conseguida através do próprio Joaquim Durães.

³⁶⁰ *Idem*

divulgação saudável da oferta de festivais entre os públicos de dois festivais bastante diferentes em termos de estilo musical.

Divulgação

Uma vez que a Lovers & Lollypops não possui uma grande máquina de comunicação teve de encontrar um meio para que o festival fosse falado pelo maior número de pessoas e se tornasse conhecido. Para isso, e como se vê acontecer cada vez com mais empresas e iniciativas, apoiaram-se muito nas redes sociais da *internet* nas quais têm um papel bastante activo. Por exemplo, em 2010 criaram uma iniciativa de colocar nos nomes do maior número de pessoas na sua rede de amigos um triângulo, que é o símbolo do festival. Isso criou como que uma “bola de neve” em que de repente muita gente tinha o triângulo no nome e criou um burburinho entre muitas outras pessoas que queriam saber o que é que se passava e porque é que as pessoas tinham um triângulo no nome.³⁶¹

Também criaram uma iniciativa chamada Street-Teams inspirada num conceito existente no passado, quando não havia este fenómeno de massificação da *internet* e das redes sociais. Joaquim Durães conta que durante a sua adolescência gostava muito de bandas de *punk*, *hard core* e *metal* que não tinham muita projecção em Portugal, nem tinham a comodidade da *internet* para se fazerem conhecer no mundo inteiro. Por isso criavam as Street-Teams espalhadas pelo globo. Os *fans* inscreviam-se nessas equipas de rua e recebiam material promocional da banda para começar a promovê-la nas suas cidades. Como compensação por serem um “tentáculo” da banda “no outro lado do mundo”, recebiam álbuns e descontos nos concertos. Hoje em dia, já não se justifica as bandas criarem essas iniciativas, uma vez que conseguem chegar a todo o lado onde haja *internet* com as redes sociais.³⁶²

Mas uma vez mais o espírito revivalista da Lovers & Lollypops decide acordar um pouco essa filosofia de chegar aos *fans* mais longínquos criando como que um amigo que apoia o festival e que participa na divulgação para que este tenha mais sucesso. Foi para promover esse contacto mais pessoal com o público que a Lovers & Lollypops criou um concurso para Street-Teams no site do festival. A Street-Team que enviasse a foto ou o vídeo mais irreverente ganhava passes para o festival Milhões de Festa.³⁶³

Outras iniciativas de divulgação/concurso incluem o desafio aos participantes de fazerem o seu próprio vídeo promotor do festival, e o desafio de enviarem as suas caras para a organização que produziu um vídeo do festival com o público do festival no lugar de um vídeo com as bandas que iam lá actuar. No final sorteavam um bilhete entre os participantes.³⁶⁴

A comunicação passa muito pelo passa-palavra, e o nosso público acaba por ser o nosso maior comunicador do festival. Há uma relação muito próxima com o público

³⁶¹ *Idem*

³⁶² *Idem*

³⁶³ *Idem*

³⁶⁴ *Idem*

*porque, primeiro, não é uma grande empresa, nem uma grande organização, por isso é uma comunicação muito mais próxima com o público e damos muita responsabilidade ao público também na forma de comunicar o festival.*³⁶⁵

A verdade é que alguma coisa estará a funcionar bem, pois para um festival tão pequeno e tão recente, contam já com algum renome a nível pelo menos do norte do país. Joaquim Durães crê que isso se deve em parte à escolha das bandas que actuam no festival e da forma de as colocar no cartaz. Têm no cartaz um contingente de bandas portuguesas bastante alargado, bandas essas que de outra forma não teriam oportunidade de tocar num festival de Verão. O mesmo acontece com algumas bandas internacionais que se viessem a Portugal num contexto mais de concerto esporádico, acabariam provavelmente por não ter a atenção e o público que merecem.³⁶⁶

Um fenómeno interessante é o de que muitas bandas internacionais que tinham tocado em 2010 no Milhões de Festa, tocaram em 2011 em festivais maiores em Portugal, como foi o caso do Gold Panda que tocou no Optimus Alive, os El Guincho e os Glockenwise que tocaram no SuperBock SuperRock, e os Delorean que foram a Paredes de Coura. *Quase que o festival acaba por ser um viveiro e um começar para estas bandas voltarem a Portugal.*³⁶⁷

Em termos de parcerias com os meios de comunicação social, para além da revista Vice, receberam apoio da Vodafone FM, do Canal 180, das rádios universitárias e da webzine Bodyspace.³⁶⁸

Mas é na blogosfera que conseguem mais projecção, uma vez que os blogues musicais têm por vezes a capacidade de atrair a atenção dos meios de comunicação maiores. Como consequência disso, este ano o festival Milhões de Festa teve uma antevisão no destacável do jornal O Público, a Ípsilon, de duas páginas. Esta atenção especial ajuda em grande medida à divulgação do festival por todo o país.³⁶⁹

Alojamento

O alojamento dos participantes foi feito num parque de campismo especialmente montado para o festival no Parque da Cidade, situado no centro de Barcelos e perto do recinto do festival. *O parque oferece uma zona fortemente arborizada e ideal para a contemplação da Natureza. Haverá vigilância durante 24 horas, chuveiros com água quente, casas de banho e as melhores condições para a higiene pessoal e o bem-estar dos*

³⁶⁵ *Idem*

³⁶⁶ *Idem*

³⁶⁷ *Idem*

³⁶⁸ *Idem*

³⁶⁹ *Idem*

*festivaleiros nos balneários do Pavilhão Municipal, que se situa dentro do Parque da Cidade.*³⁷⁰

Apesar de a maioria dos festivais em Portugal abrirem o campismo somente a pessoas portadoras do passe do festival, o Milhões de Festa permite o acampamento de participantes só com bilhete de um dia. Isto deve-se ao facto de não haver problemas de espaço no campismo. No entanto, se o festival aumentar muito em termos de público talvez tenham de fazer o mesmo que os outros festivais e restringir o campismo só a portadores de passe, mesmo por uma questão de controlo e de segurança.³⁷¹ No entanto, entendemos que a situação actual motiva pessoas que só possam ir ao festival um dia e que de outra forma poderiam considerar não ir de todo por não terem onde dormir no final dos concertos.

Resultados

Em termos gerais, pode-se dizer que o festival foi um sucesso. Não houve nenhum prejuízo, o público aumentou quase para o dobro em relação a 2010 e a organização do festival assegurou pelo menos mais duas edições em Barcelos.³⁷² O facto de o programa ter saído em meados de Maio deu tempo à organização de fazer uma promoção e comunicação do festival eficazes.

O preço de entrada foi competitivo em comparação com os preços que se praticam na maioria dos festivais de Verão em Portugal, custando o bilhete para um dia entre 20 e 25 euros, e o passe entre 50 e 60 euros.

Um dos objectivos da organização era que não houvesse muitos participantes que escolhessem um só dia para ir ao festival, mas que sentissem que valia a pena comprar o passe dos três dias. Um cartaz bem pensado fez com que esse objectivo fosse concretizado, pois a afluência foi muito uniforme, à excepção de Sábado que atraiu alguns curiosos que aumentaram um pouco a afluência nesse dia em relação aos restantes dias de festival.³⁷³

Denota uma boa gestão financeira o facto de um festival sem patrocínios exteriores não ter tido prejuízo quando praticamente todos os artistas são pagos (alguns receberam apenas dinheiro para as despesas de transporte e alojamento por iniciativa própria – por sentirem afinidade com o festival/organização e grande vontade de participar), e não existe uma única pessoa com estatuto de voluntário no festival, quer durante a organização, quer durante o festival. Isto traz benefícios para a cidade de Barcelos em termos de trabalho, ainda que temporário.

³⁷⁰ <http://www.milhoesdefesta.com/milhoes>, consultado em Setembro de 2011

³⁷¹ Informação conseguida através do próprio Joaquim Durães.

³⁷² *Idem*

³⁷³ *Idem*

Para o futuro, a organização não tem a ambição de crescer em termos de espaço, uma vez que o actual recinto não permite grande alargamento, mas pretendem chegar ao objectivo de 5000 pessoas por dia já no próximo ano.

Influência no turismo

Como mencionámos anteriormente, o festival contou com cerca de vinte e cinco concertos e eventos espalhados pela cidade de Barcelos com entrada gratuita, incluindo bandas internacionais. Este aspecto é muito importante para a animação na cidade, para que os habitantes e turistas que não se deslocaram à cidade por causa do festival, sintam que o festival não é um evento fechado e confinado a uma zona restrita da cidade, mas que a cidade em si está viva e animada.

Segundo Joaquim Durães, o festival leva a Barcelos milhares de pessoas que de outra forma não iriam visitar a cidade. O festival dá-lhes uma oportunidade de descobrir a cidade pelo que ela tem de valor, pelo seu património, cultura e animação. Os participantes vêm um pouco de todo o país, mas principalmente do norte de Portugal e da cidade do Porto e este ano notaram uma grande participação também de pessoas vindas da Galiza.³⁷⁴

Apesar de a organização fornecer serviços de restauração dentro do recinto do festival, porque este se encontra tão perto do centro da cidade, a restauração e o comércio local também terão sofrido impactos positivos durante o festival.

3- Análise comparativa dos dois festivais

Analisados os dois festivais, passemos agora a uma abordagem comparativa identificando onde estes se aproximam e onde se apartam. Começemos pelas características que ambos festivais partilham.

- **Localização:** ambos os festivais decorrem numa cidade pequena relativamente afastada dos maiores centros urbanos, e com visíveis testemunhos históricos, o que as torna atractivas do ponto de vista do turismo cultural.

- **Ligação com a autarquia:** ambos os festivais estão ligados umbilicalmente à Câmara Municipal da cidade onde têm lugar, que participa activamente em termos logísticos, burocráticos e financeiros na organização do festival.

³⁷⁴ *Idem*

- **Espaços:** ambos os festivais utilizam espaços alternativos para apresentar os seus concertos. O festival de Barcelos tem um palco em que o público se encontra a tomar banhos na piscina, ou de sol, e promove também concertos fora do recinto do festival, pelas zonas históricas da cidade, promovendo ao mesmo tempo concertos em espaços inéditos, e o próprio património da cidade. O festival de Arlon vai mais longe na escolha de espaços alternativos, preenchendo o cartaz do festival com concertos em apartamentos particulares, em lojas, em museus, em ruínas romanas, etc, mas o conceito é análogo.

- **Cartaz:** ambos os festivais têm por objectivo apresentar nomes menos conhecidos entre nomes que atraem mais público, por forma a dar oportunidades às bandas menos conhecidas, ao mesmo tempo que surpreendem o público com novos sons. Ambos apresentam um cartaz eclético, mas o Milhões de Festa apresenta-se mais como um festival dirigido quase exclusivamente a jovens, enquanto o Aralunaires tenta abranger a maior faixa etária possível na escolha de artistas para o festival.

- **Concertos gratuitos:** ambos os festivais fazem um esforço para oferecer ao resto da comunidade que não tem bilhete para o festival, a oportunidade de ver alguns concertos gratuitamente.

Resumidamente, são estas as principais características que ambos os festivais partilham no seu conceito. Vejamos agora o que os distingue.

- **Trabalho:** enquanto o festival de Barcelos não tem um único membro da organização ou do próprio festival a trabalhar voluntariamente, o festival de Arlon depende grandemente da vontade de as pessoas o tornarem possível e de trabalharem voluntariamente, quer na organização (à excepção de um núcleo reduzido de pessoas), quer na apresentação do festival (trabalho de bar, controle de entradas, acolhimento de artistas, etc.).

- **Parcerias com associações locais:** enquanto o festival Aralunaires cria muitas ligações à cidade onde se encontra, não só pelo apoio que recebe do governo local, mas também pelas parcerias com associações artísticas, comerciais e sociais da própria cidade, o Milhões de Festa, talvez pela sua juventude, mantém apenas a ligação com a Câmara Municipal e as parcerias que tem não são com associações locais.

- **Época:** o festival de Barcelos é, na sua essência, um Festival de Verão, e transferi-lo para outra altura do ano seria tirar-lhe o seu interesse. Não seria possível ter concertos ao ar livre pela cidade, o acampamento dos participantes, e muito menos um palco com piscina. O festival de Arlon, por sua vez, é um festival que tem lugar na Primavera, mas se o conceito fosse transposto para Portugal, poderia ter lugar em praticamente qualquer altura do ano.

- **Duração do festival:** enquanto o festival de Arlon se estende por nove dias consecutivos de concertos, apanhando dois fins-de-semana, o festival de Barcelos condensa-se em três, num só fim-de-semana.

São estas as principais diferenças entre os festivais Les Aralunaires e Milhões de Festa. Ambos têm pontos fortes e pontos fracos, mas a verdade é que cada um, à sua maneira, tem sucesso.

O seguinte quadro ajuda-nos a identificar as principais semelhanças e diferenças entre os dois festivais analisados.

Características	Festival Les Aralunaires	Festival Milhões de Festa
Localização	Arlon, Bélgica. Pequena cidade histórica.	Barcelos, Portugal. Pequena cidade histórica.
Ligação à Autarquia	Grande.	Grande.
Espaços de Concertos	Salas de concerto, palcos exteriores, casas particulares, comércio, etc.	Palcos exteriores (incluindo um com piscina) e espaços públicos da cidade.
Cartaz	Eclético, para toda a família.	Eclético, sobretudo para jovens adultos.
Concertos gratuitos	Cerca de 40.	Cerca de 25.
Trabalho	Voluntário.	Remunerado.
Parcerias	Parcerias com associações locais.	Parcerias com associações não locais.
Época	Primavera	Verão
Duração	9 dias	3 dias

Conclusão

Começou em 1971, com Vilar de Mouros, uma era de festivais de música em Portugal. Desde os anos 90 do século XX, à semelhança do que se passava a nível global, os festivais começaram a crescer em número e variedade no nosso país para chegar a um ponto em que se torna quase impossível nomear todos os festivais existentes actualmente no país num estudo desta natureza. Alguns festivais destacam-se dos demais, por prestígio, tradição, originalidade ou programa, mas todos eles deixam as suas marcas nos locais que os acolhem, sejam marcas a nível social, ou a nível económico. Dado o reduzido tamanho de um evento desta natureza, contido no tempo e no espaço, os impactos não são normalmente muito visíveis a curto prazo, tanto os impactos positivos como os negativos. O papel dos organizadores e dos governos locais onde os festivais têm lugar é tentar minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos, e isso faz-se ao longo dos anos, de edição para edição do festival, tentando sempre melhorar.

O objecto deste estudo é a importância dos festivais para o turismo, e no primeiro capítulo tentámos fazer um apanhado de alguns estudos que discutem isso mesmo. Vários autores escreveram sobre como os festivais podem alterar e melhorar a imagem de destino, atrair novos visitantes e inculcar nos habitantes um sentimento de orgulho em acolher estranhos. Isto, pois claro, aliado ao facto de os festivais poderem criar, numa comunidade, coesão entre os habitantes quando o festival promove grande participação dos residentes, nomeadamente através de trabalho voluntário ou de iniciativas com associações locais. Para além desses benefícios para a sociedade, os festivais, por mais pequenos que sejam, podem sempre ter algum impacto na economia local. Os participantes vão sempre consumir fora do festival, nos restaurantes e em estabelecimentos de comércio. E embora isso possa aparecer como um impacto económico insignificante, pois um festival só tem lugar uma vez por ano, num curto espaço e tempo, como dois ou três dias, o festival aliado a uma localidade com valor patrimonial e cultural ou atractivos turísticos significativos, pode servir como estímulo para futuras visitas. Para além disso, um festival numa localidade pouco conhecida, se tiver uma boa difusão mediática, pode servir como meio de promoção dessa localidade para possíveis futuros visitantes. Para além do mais, os festivais podem também alongar o tempo de estada, motivar a repetição da visita, fidelizar os visitantes e alargar a estação turística de um país.

No segundo capítulo analisámos dois festivais que partilhavam algumas características como o tipo de localização, a relação com a comunidade e a preocupação em serem inovadores. São eles o festival de música Les Aralunaires, numa pequena cidade no sul da Bélgica – Arlon – e o festival de música Milhões de Festa em Barcelos, Portugal. Ambos têm lugar numa cidade relativamente pequena, mas com muito património histórico e interesse turístico; ambos são organizados por uma parceria entre uma empresa particular ou associação e o governo local; e ambos têm a preocupação em serem inovadores em relação a outros festivais, nomeadamente pela escolha dos espaços. Obviamente têm diferenças entre si, como o facto de o festival de Barcelos ser claramente um festival de Verão, e o de Arlon ser um festival que tem lugar na Primavera, mas que na sua essência poderia ter lugar também em qualquer outra altura do ano.

Os “pequenos” festivais de música são indiscutivelmente uma importantíssima contribuição para o desenvolvimento de uma animação turística contínua a nível nacional, descentralizada dos grandes centros urbanos e das tradicionais zonas turísticas, para além de que, em determinados formatos, podem ajudar diminuir a sazonalidade. A análise que fizemos no segundo capítulo aos dois festivais (português e belga), foi uma observação ao pormenor do que se faz “cá dentro e lá fora”, no que podemos melhorar e onde estamos melhor.

Há cada vez mais festivais em Portugal, fornecendo material para o estudo da área no nosso país. A sua importância não abrange obviamente só o Turismo, pois os festivais podem oferecer oportunidades de animação cultural em localidades com pouco contacto directo com a cultura. Nesse sentido, este estudo teve como objectivo acrescentar um ponto e quiçá criar motivação para a criação de mais estudos sobre esta temática em Portugal, entre nós pouco explorada quando comparada com o que se faz em termos de trabalho científico noutros países.

Bibliografia

A Guide to planning events and festivals. South Australian Tourism Commission, 2001.

About Australia, Arts Festivals. Australian Government, Department of Foreign Affairs and Trade. 2008

ALDSKOGIOUS, Hans – *Festivals and Meets: The Place of Music in “Summer Sweden”*. Fonte: Geografiska Annaler. Series B, Human Geography, Vol. 75, No. 2 pp. 55-72, Blackwell Publishing, 1993.

Animation, culture et développement : le rôle de la culture dans les recompositions territoriales. Congresso da Animação Sociocultural, Salamanca, Espanha, 2006.

Arts festivals and the visitor economy – Their contribution and their potential in the West Midlands region. Ed. Arts Council England, 2006. ISBN 0-7287-1170-2

BATISTA, Alexandra Vieira – *Turismo de Eventos: Desafios prementes da cidade de João Pessoa*. Ed: Universidade de Aveiro: Departamento de Economia Gestão e Engenharia Industrial. 2008.

BROOKS, Sarah, O’HALLORAN, Dan e MAGNIN, Alexandre – *Rock On!: Bringing strategic sustainable development to music festivals*. Ed: School of Engineering, Blekinge Institute of Technology, Karlskrona, Sweeden, 2007.

CHAMPAGNE, Jacques P. – *A Travers Arlon*, Ed: G. Everling SPRL, 1974.

City Breaks, 10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal. Ed. Turismo de Portugal, ip, Lisboa, 2006.

COUTINHO, Paulo, COUTINHO, Dr. Vítor, SÁ, Dr. Jorge, REIS, Dr. Fernando e RÍCÓN-FERRAZ, Prof. Dra. Amélia in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

CROMPTON, John L. e McKAY, Stacey L. – *Motives of Visitors Attending Festival Events*. Publicado em Annals of Tourism Research, vol. 24, nº2 (pp.425-439), 1997.

CUMMINGS, Joanne - *Sold out! – An Ethnographic study of Australian Indie Music Festivals*. Tese de doutoramento em Filosofia, School of Social Sciences, University of Western Sydney, 2007

CUNHA, Fernanda de Matos – *Notas etnográficas sobre Barcelos*. Ed: Pôrto, Imprensa Portuguesa, 1932.

DICKINSON, Janet, JONES, Ian e LEASK, Anna – Event Tourism; Enhancing Destinations and the Visitor Economy. Publicado em *International Journal of Tourism Research*, 9 (301-302), 2007.

ESPAÑA, Rafael Campos de – *Festivales de España (Número extraordinario)*. Número 403, Ed.Publicaciones Españolas, Madrid.

Estudos Turísticos – Visitor Attractions e Animação Turística em Portugal. Ed: ICEP (Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal). ISSN: 0873884X

ETHIS, Emmanuel – *Aux Marches du Palais – Le Festival de Cannes sous le regard des sciences sociales*. Paris: Ed. de BOUCHERAT, Jacqueline e VITALE, Marie-Claire, 2001. ISBN : 2-11-004832-8

ETHIS, Emmanuel – *Avignon, le Public Réinventé, Le Festival sous le regard des sciences sociales*. Ed. BOUCHERAT, Jacqueline e VITALE, Marie-Claire, Paris, 2002. ISBN : 2-11-005203-1

FARIA, Abílio Mariz de in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

FERREIRA, Claudino – A Exposição Mundial de Lisboa de 1998: contextos de produção de um mega-evento cultural. Publicado em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº51, (pp.42-67), 1998. ISSN: 0254-1106

Festivals and Community arts events funding policy. Cardinia Shire Council

Festivals: Challenges of Growth, Distinction, Support Base and Internationalization. Ed. Tartu – Heade Mõtete Linn. Culture 2000.

Festivals Mean Business 3 – A Survey of Arts Festivals in the UK. Ed. British Arts Association, 2008.

FLORES, Joaquim António de Moura in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

FOLEY, Malcolm, McPHERSON, Gayle e MATHESON, Cathy – *Glocalization and Singaporean Festivals*. Publicado em *International Journal of Event Management Research*, vol. 2, nº 1, 2006.

- FREY, Bruno S. – *The Rise and Fall of Festivals, Reflections on the Salzburg Festival*. Ed. Institute for Empirical Research in Economics, University of Zurich, 2000. ISSN: 1424-0459
- GETZ, Donald - *Events studies: theory, research and policy for planned events*. Ed. Elsevier Ltd, 2007. ISBN 10: 0-7506-6959-4
- GILLIES, Malcolm - *Festivals: Now and Then*. The Journal of The Australian Music Centre – Sounds Australian N°63, 2004
- GOMES, Rui Telmo, LOURENÇO, Vanda, NEVES, João Gaspar, CALDEIRA, Rute e SANTOS, Jorge Alves dos – *Públicos do Festival de Almada*. Ed. Observatório das Actividades Culturais, 2000. ISBN: 972-8488-17-3
- GRAAS-HOISNARD, Lucette – *Arlon, aux portes de la plaine*, Ed. Quorum SPRL, 1997. ISBN: 2-87399-001-5
- GURSOY, Dogan e KENDALL, K.W. – *Hosting Mega Events, Modeling Locals' Support*. Publicado em Annals of Tourism Research, vol. 33, n°3, (pp. 603-623), 2006.
- HACKBERT, Peter H. - *Economic Impacts of Appalachian Festivals*. ASBBS Annual Conference: Las Vegas, Volume 16, N°1, 2009.
- HUNYADI, Zsuzsa, INKEI, Péter e SZABÓ, János Zoltán – *Festival-world, Summary Report*. Ed: The Budapest Observatory, 2006.
- ILCZUK, Dorota e KULIKOWSKA, Magdalena - *Festival Jungle, Policy Desert? – Festival Policies of Public Authorities in Europe*. Ed: Pro Cultura
- INKEI, Péter – *Assistance to arts and culture festivals*. Ed. Budapest Observatory, 2005. ISSN: 1832-3332
- Innovation and Growth in Tourism*, OECD Publishing, 2006.
- IORANOVA-KRASTOVA, Elitza e BAXTER, Suzanne G. – *International Tourism Conference 2008: Cultural and Event Tourism*. Publicado em Anatolia: Na International Journal of Tourism and Hospitality Research, Volume 19, Número 2, 2008 (p.374-376).
- KAFTANTZOGLOU, R. e MOUSAKI, Despina - *Festivals and Cultural Events – Ed: About Greece*.
- KARLSEN, Sidsel – *Barents Festivals and the Development of Local Identity*. Lulea University of Technology, 2008. ISSN: 1103-6907 – ISRN: LTU-MOP--08/01—SE
- KNITELIUS, Jeanine e DUVOSQUEL, Jean-Marie – *Arlon – étape romaine, étape de l'an 2000*, Ed: Crédit Communal de Belgique, 1975. (sem paginação)
- LANKFORD, Sam e ÇELA, Ariana – *A Study of Place Based Food Tourism in Northeast Iowa Communities*. Ed: Leopold Center for Sustainable Agriculture, 2005.

- LAOPODI, Maria-Louisa – *Cultural Democracy: The Way Festivals Affect Society*. Ed. Dissertation.com, 2003. ISBN: 1-58112-186-5
- LEITÃO, Joaquim – *Barcelos – Guia Ilustrado*. Ed: Empresa Editora do Guia Ilustrado de Portugal, 1908.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de – *A lenda do Senhor do Galo de Barcelos e O Milagre do Enforcado*. Ed: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Gabinete de Etnografia, 1965.
- LOURENÇO, Vanda e GOMES, Rui Telmo – *O Festival Estoril Jazz, Construção de uma Imagem de Marca*. Ed. Observatório das Actividades Culturais e Câmara Municipal de Cascais.
- MACEDO, José Adílio Barbosa in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5
- MARTINS, Luís Saldanha – *Espaços de Lazer e de Turismo no Noroeste de Portugal*. Ed. MARTINS, Luís Saldanha e Edições Afrontamento, 2004. ISBN: 972-36-0702-6
- MENDIRATTA, Anita - *Festivals – A Tourism Invitation To The World*. Compass – Insights Into Tourism Branding, 2010.
- MEZIAS, Stephen, PEDERSEN, Jesper Strandgaard, SVEJENOVA, Silvia e MAZZA, Carmelo – *Much Ado about Nothing? Untangling the Impact of European Premier Film Festivals*. Ed. Creative Encounters, 2008.
- NETO, Margarida Sobral in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5
- North East England - Festivals & Events Strategy*. One North East – Regional Development Agency, 2007
- PARK, Namgyoo K. – *A Guide to Using Event Study Methods in Multi-Country Settings*. Publicado em Strategic Management Journal, Vol. 25, nº7, (pp. 655-668), 2004.
- PEDRAS, António Brochado in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5
- PEDRO, Filipe, CAETANO, Joaquim, CHRISTIANI, Klaus e RASQUILHA, Luís – *Gestão de Eventos*. Ed: Quimera, 3ªed. 2009. ISBN: 978-972-589-148-3
- PELICANO, Marisa Alexandra Gonçalves – *Festivais de Música – Perfil do consumidor e determinantes dos padrões de consumo*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo da Universidade de Aveiro, 2009.

PENT – Plano Estratégico Nacional de Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal, Ministério da Economia e Inovação.

PNT – Plano Nacional do Turismo, 1985.

PERNA, Fernando e CUSTÓDIO, Maria João – Importance of Events in Tourism: Impacts of the UEFA-EURO 2004 on the Accommodation Industry in Algarve, Portugal. Publicado em *Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, Volume 19, Número 1, pp. 5-22, 2008.

PESTANA, Manuel Inácio in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

PICARD, David e ROBINSON, Mike – *Festivals, Tourism and Social Change: Remaking Worlds*. Ed. Clevedon, 2006, ISBN-10: 1845410475, (Review in *Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, Volume 19, Number 2, pp. 377-381, 2008)

PIEDBOEUF, Benoît - *Caractérisation et retombées socio-économiques des festivals en Province de Luxembourg*. Ed: Expansion, 2006.

PINHO, Victor in – *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, ISBN: 972-9138-43-5, p.81

POWELL, David – *The Economic Impact of Two London-Based Festivals*. Ed. David Powell Associates & URS Corporation, Celebrating Enterprise, 2007.

POWELL, David – *The street value of celebration: Economic impact and community festivals*. Ed. Celebrating Enterprise.

RAJ, Razaq – *The Impact of Festivals on Cultural Tourism*. Publicado em The 2nd DeHaan Tourism Management Conference “Developing Cultural Tourism”, Nottingham, 2003

REILLY, Frank K. e DRZYCIMSKI, Eugene – *The Stock Exchange Specialist and the Market Impact of Major World Events*. Publicado em *Financial Analysts Journal*, Vol. 31, Número 4, (pp.27-32), 1975.

REIS, António Matos in *Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

RIBEIRO, José Cadima, VAREIRO, Laurentina Cruz, FABEIRO, Carmen Padin e BLAS, Xullo Pardellas – *Importância da Celebração de Eventos Culturais Para o Turismo do Minho-Lima: Um Estudo de Caso*. Trabalho apresentado no XI Congresso da APDR, Faro, 2005.

RISI, Marius – *Quotidien et festivités en Suisse, Une petite histoire du changement culturel*. Ed. Pro Helvetia, Fondation suisse pour la culture, Zurique, 1^a ed. 2004. ISBN : 3-909622-02-x

ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da *in Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume II, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

ROCHE, Maurice – *Mega-Events and Micro-Modernization: On the Sociology of the New Urban Tourism*. Publicado em *The British Journal of Sociology*, Vol. 43, N^o4, (pp.563-600), 1992.

ROSENSTEIN, Carole - *Live from your neighborhood – A national study of outdoors arts festivals*. Ed. Sunil Iyengar & Sarah Sullivan, National Endowment for the Arts, Research Report #51, Volume 2.

SAMPAIO, J. Mancelos e SOUCASAUX, Augusto – *Barcelos – Resenha histórica – pitoresca – artística*. Ed: Companhia Editora do Minho, 1927.

SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças – *Da Expo '98 ao Euro 2004: notas para o estudo do impacto de grandes eventos no turismo regional*. Publicado em *Educação & Comunicação*, 4, (p.22-47).

SARMENTO, João – *Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território*. Ed: Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento da Universidade do Minho, Série de Investigação 2007/13, Guimarães. ISSN: 1645-9369

SERRÃO, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo *in Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

SMALL, Katie Elizabeth - *Understanding The Social Impacts Of Festivals On Communities*. Tese de Doutoramento em Filosofia, University Of Western Sydney, 2007.

TELES, Manuel Cabral e DIAS, Miguel *in Barcelos Terra Condal – Congresso (Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 Outubro 1998)*, Volume I, Ed: Câmara Municipal de Barcelos, 1999. ISBN: 972-9138-43-5

TÉPHANY, Jacques – *Avignon, Ville Culturelle, Un entretien avec Emmanuel Ethis, sociologue de la culture*. Publicado no « *Les Cahiers de la Maison Jean Vilar*, 87 (2003) 17-21 », 2006.

The American Market for Fairs & Festivals Tourism in Alberta. Ed. Research Resolutions & Consulting Ltd., 2007

TRILLA, Jaume – *Animação Sociocultural, Teorias, Programas, Âmbitos*. Ed. Editorial Ariel, 1997 e 1998. ISBN : 972-771-763-2

WUNENBURGER, Jean-Jacques – *La Fête, Le Jeu et Le Sacré*. Ed. DELARGE, Jean-Pierre, Paris, 1977.

Informação Internet:

www.arlon.be, consultado em Maio 2011

www.arlonbrocante.be, consultado em Julho de 2011

www.arlon-photo.be, consultado em Julho de 2011

www.arlon-tourisme.be, consultado em Maio 2011

www.arlonide.be, consultado em Junho 2011

www.benoitpiedboeuf.be, consultado em Junho de 2011

<http://blitz.aeiou.pt/>, consultado em Julho de 2011

<http://codigopostal.ciberforma.pt/cidades/cidade.asp?cid=15>, consultado em Setembro de 2011

<http://www.c-o-pop.de>, consultado em Dezembro de 2010

<http://www.cm-barcelos.pt>, consultado em Setembro de 2011

<http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2011/maio/festival-gsm-durante-quatro-dias?searchterm=eiro>, consultado em Setembro de 2011

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/artesanato/galo-de-barcelos>, consultado em Setembro de 2011.

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/a-festa-das-cruzes-1>, consultado em Setembro de 2011.

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta>, consultado em Setembro de 2011.

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/feira-de-barcelos>, consultado em Setembro de 2011.

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/festival-internacional-de-filmes-de-turismo>, consultado em Setembro de 2011.

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/sinta/o-folclore-e-as-tradicoes>, consultado em Setembro de 2011.

<http://www.connect-music.net>, consultado em Setembro de 2011

<http://www.energiemusic.net>, consultado em Setembro de 2011

entrepot.losange.net, consultado em Julho de 2011

www.erikbonnet.com, consultado em Julho de 2011

www.espacebeausite.be, consultado em Julho de 2011

www.ftlb.be, consultado em Maio 2011

www.generiq-festival.com, consultado em Dezembro de 2010

www2.goteborg.com/templates/Page.aspx?id=28002, consultado em Dezembro de 2010

www.grim-marseille.com, consultado em Dezembro de 2010

www.ibz.rrn.fgov.be/fileadmin/user_upload/Registre/fr/statistiques_population/stat_1_f.pdf, consultado em Junho 2011

http://www.ine.pt/scripts/flex_v10/Main.html, consultado em Setembro de 2011

www.isma-arlon.be, consultado em Julho de 2011

www.jf-vilardemouros.com/, acedido em Junho 2010.

<http://jn.sapo.pt>, acedido em Junho 2010

lrgb.lu/uploads/wysiwyg/Brochure%20Vivre%20et%20travailler%20dans%20la%20Grande%20Region.pdf, consultado em Junho 2011

www.milhoesdefesta.com/milhoes, consultado em Setembro de 2011

www.musica.iol.pt/, acedido em Junho 2010

www.nordik.org, consultado em Dezembro de 2010

www.ot-arlon.be, consultado em Maio 2011

statbel.fgov.be/fr/modules/publications/statistiques/marche_du_travail_et_conditions_de_vie/arrivees_et_nuitees_touristiques.jsp, consultado em Junho de 2011

swr-fest.com/, consultado em Setembro de 2011

www.woodstock.com/, consultado em Setembro de 2011

www.yamoy.org, consultado em Dezembro de 2010

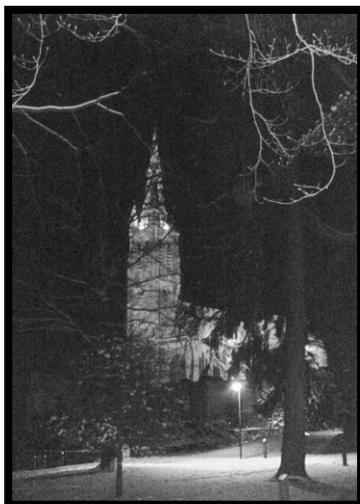
ANEXO

**Fotografias, documentos e
recortes de jornais relativos
ao estágio no Festival Les
Aralunaires.**

Festival Les Aralunaires



(em cima) **Figura 1:** Palco Knipchen, na base da colina da igreja de Saint-Donat (fotografia da autoria de Sébastien Cuvelier)



(à esq.) **Figura 2:** Igreja de Saint-Martin (fotografia da autoria de Bárbara Maciel).

(à dir.) **Figura 3:** Recorte de jornal sobre o festival com a escultura “Le Cerf Bramant”, imagem do festival, na fotografia. (*Passe-Partout – Edition Arlon, nº5, 13 Abril 2011*)

Passé-Partout - Edition Arlon - n° 15 - 13 Avril 2011 - 3

Les Aralunaires

ARLON - A Arlon, le festival musical urbain «Les Aralunaires» revient cette année encore. Il se déroulera du 23 avril au 1er mai. Différents endroits seront la scène de concerts.

Du 23 avril au 1er mai, la Ville d'Arlon vivra au rythme de son célèbre festival musical urbain: «Les Aralunaires».

Durant cette semaine, il y aura notamment de la musique. Et il y en aura pour tous les goûts, tous les genres... De nombreux concerts (certains payants, certains gratuits) sont programmés. Les groupes joueront dans différents lieux dont des endroits insolites (musées, lieux privés, com-



Un célèbre monument arlonais.

merces, ancien palais de justice, écoles,...) ! Durant ces quelques jours, le patrimoine arlonais sera également mis à l'honneur. Des visites guidées sont par exemple prévues au programme! Infos au 063/45 60 84 ou sur le site internet: www.aralunaires.be

shcy



(à esq.) **Figura 4:**
Sala de Concertos
“L’Entrepôt”
(fotografia da
autoria de Mathieu
Golmath)..

(em baixo) **Figura 5:**
Exposição de
fotografia na muralha
da cidade (foto de
Sébastien Cuvelier).



www.arlon-photo.com

30 exposants
Stages - conférences - débats



dans l'ancien palais de Justice d'Arlon

Festival IN

Du 23 avril au 08 mai 2011

RENCONTRES PHOTOGRAPHIQUES
D'ARTLON

www.arlon-photo.be



ARLON

DU SAMEDI 23 AVRIL
AU DIMANCHE 1 MAI 2011

www.aralunaires.be





LES NUITS DE L'ENTREPOT asbl

SIEGE SOCIAL: 2 rue Zénohe Gramme B-6720 ARLON	BUREAUX: Rue Lenclos, 150 B-5740 Etalle Tél (32) 063 45 60 84 Fax (32) 063 45 69 31
---	--

(em cima) **Figura 6:** Prospecto de divulgação conjunta do festival Les Aralunaires e das Exposições de Fotografia. (frente)

(em baixo) **Figura 7:** Prospecto de divulgação conjunta do festival Les Aralunaires e das Exposições de Fotografia. (verso).



Les Aralunaires :
Coup de baguette musicale sur Arlon

Y avait-il nom plus approprié qu' «Aralunaires» pour désigner le festival musical urbain d'Arлон, devenu, à l'arrivée de chaque printemps, un phare dans les événements culturels du chef-lieu de la province de Luxembourg ? D'Araluna, Ara Lunae (l'autel de la lune), l'un des plus anciens noms d'Arлон, oui, un véritable coup de lumière sur Arлон, son patrimoine, ses habitants. Si vous ajoutez les contours d'un cerf qui évoque la fameuse sculpture en bronze de Jean Gaspar plantée dans le Square Astrid et symbolise une région boisée et giboyeuse, vous n'avez plus qu'à brancher la musique pour comprendre que ce festival n'est pas comme les autres.

C'est de la musique de qualité pour tous - grands et petits -, de tous les genres, pour tous les goûts, qui s'installe dans des lieux insolites - de la tour romaine à l'ancien Palais de Justice en passant par les églises, la synagogue, des bâtiments publics, des commerces, des appartements privés, des caves, des espaces publics singuliers ou historiques, etc.).

C'est l'occasion pour les Arlonais (associations, quartiers, académies, chorales, commerces, etc.) de participer à la fête, d'y mettre leurs grains (de folie).

C'est aussi l'opportunité pour Arлон de tisser des liens musicaux avec la Grande Région et de rayonner au-delà des frontières. Bref, un zoom magique et un coup de baguette musicale sur une ville qui veut bouger et qui invite à la troisième édition de ses Aralunaires, du 23 avril au 1^{er} mai 2011.



www.aralunaires.be

www.arlon-photo.com

dans les rues d'Arлон

Expositions



Festival OUT

Du 16 avril au 31 août 2011

RENCONTRES PHOTOGRAPHIQUES
D'ARTLON

www.arlon-photo.be

22 namur luxembourg

Arlon / Le festival urbain et les rencontres photos prêtes à dévoiler leurs charmes

Les cerfs brament aux Aralunaires

L'ESSENTIEL

Le festival des Aralunaires est prêt à dérouler ses musiques partout dans le chef-lieu.

Plus qu'un jour et les 3èmes Aralunaires vont débiter, samedi, sous un chapiteau de la Grand-place d'Arlon, avant d'envahir la ville. D'ailleurs, des cerfs aralun-

ques annoncent ce festival urbain (lire aussi en pages Culture) sur les façades d'une trentaine de commerces des Faubourgs et de la rue de Diekirch. L'an prochain, il y en aura peut-être plus !

Des réalisations issues d'un partenariat créatif entre l'entreprise de formation par le travail La Toupie, qui a modulé ces têtes de cerfs dans des panneaux MDF, et de jeunes élèves de l'académie des Beaux-arts d'Ar-

lon, sous la houlette de Chantal Reiter et Françoise Fourneau. « Les Aralunaires trouvent tout leur sens dans ce cadre associatif », note Jean-Pierre Pirson, de Losange Fondation.

Les élèves ont, durant une semaine de stage, peint ces cerfs à l'huile en y exprimant les musiques des Aralunaires. On retrouve ainsi un cerf reggae, un cerf classique, un cerf rock, etc.

Ces enseignes s'ajoutent aux banderoles Aralunaires faites



LES CERFS vous regardent pour 10 jours ! OF. H.

pour animer la ville, mais aux nombreuses photographes que les Rencontres photographiques d'Art'lon ont accroché sur les remparts de St-Don. Des photos prises par des photos reporters et qui ont un réel caractère spectaculaire. Mais Art'lon déroulera aussi son « festival photos in » dès ce samedi de l'ex-palais de justice. De quoi couvrir, comme l'an passé, une multitude de clichés sélectifs. JEAN-LUC BODE

(em cima) **Figura 8:** Recorte de jornal sobre as “cabeças de cervo” afixadas pelo centro de Arlon. *Le Soir*, 22 de Abril de 2011

(em baixo) **Figura 9:** Recorte de jornal sobre a criação das “cabeças de cervo”. *3 Frontières Arlon Carrefour*, 19 de Abril de 2011, nº16.

ARLON

AR10260916_MG_1611

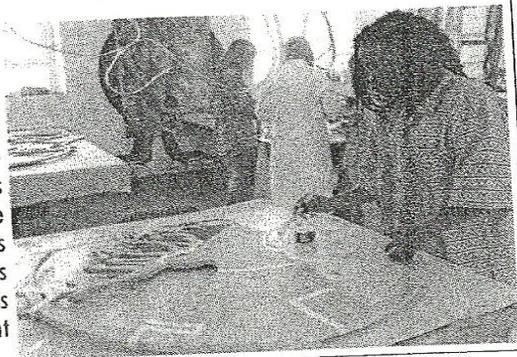
Une volée de cerfs pour Les Aralunaires

Non, décidément, Les Aralunaires ce n'est pas un festival musical comme les autres. Pas de machinerie énorme, la taille reste humaine. Un festival urbain pour les Arlonais et tous ceux qui viendront découvrir Arlon à travers 90 concerts et expositions qui envahiront la ville - de la synagogue à l'ancien palais de justice en passant par l'église Saint-Donat, des lieux insolites, des appartements privés, des commerces, etc. - du 23 avril au 1er mai. Mais aussi un festival par les Arlonais. La belle histoire qui suit en témoigne. Tout part d'une idée des organisateurs : d'une part, il y a une Académie des Beaux-Arts réputée à Arlon, d'autre part, il y existe aussi une entreprise de formation par le travail « La Toupie » dont l'un des ateliers est dédié à la menuiserie. Pourquoi dès lors

ne pas imaginer un projet commun autour des Aralunaires. C'est ainsi que 30 têtes de cerf (celui du logo des Aralunaires avec la lune pour témoin) ont été minutieusement découpées dans du bois par La Toupie. La suite se passe à l'Académie des Beaux-arts où les fameuses têtes sont confiées à deux professeurs dynamiques, Chantal Reiter et Françoise Fourneau, et laissées à l'imagination créatrice de leurs jeunes élèves. La fin de l'histoire se déroule dans les rues d'Arlon grâce au soutien des quartiers de Diekirch, des Faubourgs et du Palais de Justice qui ont

accepté d'accrocher les têtes de cerfs multicolores en façade.

C'est sûr, une belle exposition en plein air qui interpellera les passants et les automobilistes et qui va rappeler à chacun qu'il passe quelque chose d'extra-ordinaire à Arlon du 23 avril au 1er mai...



AR 10260916



(em cima, à esq.) **Figura 10:** Concerto de Alex Toucourt no Museu Arqueológico de Arlon (fotografia da autoria de Sébastien Cuvelier).

(à dir.) **Figura 11:** Cartaz geral do Festival Les Aralunaires.

(em cima, à dir.) **Figura 12:** Concerto de Coco Royal na MaisonLamboray (fotografia da autoria de Sébastien Cuvelier).

aralunaires
FESTIVAL URBAIN 3e édition

ARLON DU 23 AVRIL AU 1^{ER} MAI 2011
PLUS DE 90 CONCERTS ET EXPOS DANS 40 LIEUX

BABYLON CIRCUS ART MENGO ELLIOTT MURPHY
CASCADEUR ISA GERMANO STANLEY BRINKS
MLCD (MY LITTLE CHEAP DICTAPHONE)
NILDA FERNANDEZ DRUMS ARE FOR PARADES
MAXENCE CYRIN SONAR
ANDREW HUNG (FUCK BUTTONS) WEEPERS CIRCUS
RADIO DEAD ONES BAD LUCK CHARMS
MISTEUR VALAIRE PERRINE EN MORCEAU ACTION BEAT BAD DANCER
ANDRE MERGENTHAUER ACCELERATORS DEAD ELVIS SAMIR BARRIS DYSE
PLANKTON WAVES CONVOK KISS & DRIVE THE CRIME ORCELO PALE GREY
MOTORAMA FRACTURE ALEX TOUCOURT VERSUS YOU HEARTBEAT PARADE
HANJA HAWKS SMOOTH & THE BULLY BOYS DIRTY COVER CATS ET BEAUCOUP D'AUTRES.

ET PLUS DE 30 CONCERTS GRATUITS A TRAVERS LA VILLE / PARCOURS CONCERTS EN APPARTEMENT
FESTIVAL DE REPRISES POUR TOUS ET BAL POPULAIRE

WWW.ARALUNAIRES.BE / +32 (0) 63 45 60 84 WIN FOR LIFE
PROGRAMME COMPLET SUR NOTRE SITE LIGNE INFO

Rock bJpc Le AN.F 3DA RIVERA promelax Must fm WBI Coca-Cola Diekirch SABAM PAPER CITY L'avenir L FOCUS



(à esq.) **Figura 13:** Concerto de Hawks no Apartamento Merlot (fotografia da autoria de Annie Gaspard)



(em cima, à dir.) **Figura 14:** Baile Popular na Praça Fernand Schmit (fotografia da autoria de Sébastien Cuvelier).



(à esq.) **Figura 15:** Espaço de concertos da Caravane Catalyse, no átrio do Posto de Turismo de Arlon (fotografia da autoria de Annie Gaspard).



(em cima) **Figura16:** Concerto de Yaron Herman na Sinagoga de Arlon (foto de Frédéric Moïs)

(em baixo) **Figura 17:** Tenda de concertos do festival Les Aralunaires (foto de Anne Harpigny).





(em cima) **Figura 18:** Babylon Circus no festival Les Aralunaires (fotografia da autoria de Mathieu Golmath)

(em baixo) **Figura 19 :** Público do concerto de Babylon Circus (fotografia da autoria de Mathieu Golmath).



(em baixo) **Figura 20:** Concerto de Mixhell no festival Les Aralunaires (fotografia da autoria de Sébastien Cuvelier).



(à direita) **Figura 21:** Recorte de jornal sobre o concerto de Nilda Fernandez no festival. *L'Avenir du Luxembourg*, 23 de Abril.

L'AVENIR DU LUXEMBOURG 23/04

6 AL

SORTIR

Le dernier album de Nilda Fernández s'intitule «Ti Amo». Une déclaration d'amour à son public?

ARLON

Nilda Fernández sous chapiteau

Bonne nouvelle! Le dimanche 24 avril, Nilda Fernández revient à Arlon, où il s'était produit au temps de «Madrid Madrid» et «Nos Fiançailles». Un must!

© Philippe COLLING

La grande question, à l'époque où est sorti «Madrid Madrid», c'était de savoir si Nilda Fernández était un chanteur ou une chanteuse. Parce que le prénom, déjà, prêtait à confusion. Depuis, les choses se sont arrangées : oui, Nilda – Daniel – est bien un homme, un hildalgo dont les chansons n'ont cessé de nous ravir. Les Arlonais gardent en mémoire un concert d'anthologie, sur la scène de la maison de la culture, aux temps de «Nos Fiançailles», qui lui vaudra la récompense de «meilleur espoir masculin» aux Victoires de la musique en 1992, et pour l'album, le Grand Prix de l'Académie Charles-Cros.

À l'issue de son set arlonais, Nilda s'était prêtée de bon cœur au rituel des dédicaces, à même la scène. Un souvenir touchant. Il faut bien dire que depuis, nous l'avions un peu perdu de vue, malgré une belle régularité et des albums inspirés. Aussi, c'est avec plaisir que le public des «Aralunaires» l'accueillera une nouvelle fois à Arlon, sous le chapiteau de cirque dressé sur la Grand-Place, le dimanche 24 avril à 20 h. Un décor qui va comme un gant à celui que les organisateurs qualifient de «sal-timbanque qui nourrit ses univers musicaux au gré de ses migrations hasardeuses». Il y a du Stéphane Eicher et du Manu Tchoa, dans

la démarche de Nilda Fernández. N'a-t-il pas pris un ticket pour la Russie au début des années 2000? Avant de se produire à travers le monde, en Russie, mais aussi à Cuba. En 2007, il publie d'ailleurs un livre, *Les Chants du monde*. Quant à ses albums, il les enregistre aussi en espagnol, lui qui est né à Barcelone.

En 2009, Nilda Fernández incarnait un illustre compatriote dans l'opéra rock «Anne de Bretagne» : Ferdinand d'Aragon – mais aussi le personnage d'Amerigo.

L'an dernier, l'artiste sortait de studio avec un nouvel album sous le bras en forme de déclaration d'amour, *Ti Amo*. On se réjouit déjà de le découvrir «live», ainsi que de fredonner les perles que sont «L'invitation à Venise» ou «Entre Lyon et Barcelone». Bienvenida, Nilda! ■

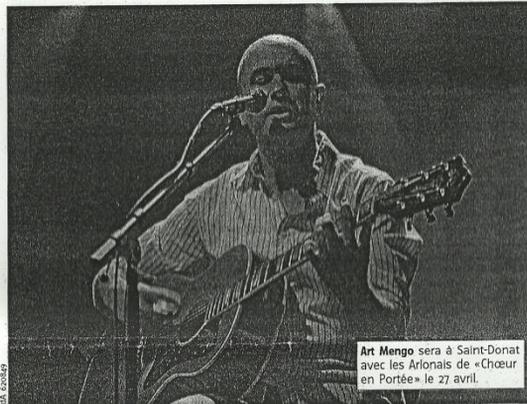
Le dimanche 24 avril, Grand-Place, à Arlon. Entrée: 25 €

Les Aralunaires : Arlon, temple de la musique

Arlon, ville de la musique du 23 avril au 1^{er} mai. Il faudra être sourd pour ne pas l'entendre. De la cave au grenier. Pour tous, et partout.

● Jean-Jacques GUIDOT

Décibels et notes à gogo. De la musique, surtout des musiques. Partout et pour tous. « Une déferlante musicale » sur Arlon du 23 avril au 1^{er} mai, comme l'annoncent les organisateurs de la troisième édition des Aralunaires. Plus de 90 concerts et expos dans 40 lieux. Il faudra presque une fonction musicale à votre GPS tant le moindre recoin insolite de la ville se transformera en scène. Apparts, greniers privés, caves, palais de jus-



Art Mengo sera à Saint-Donat avec les Arlonais de « Chœur en Portée » le 27 avril.

... sera en scène. Apparts, greniers privés, caves, palais de justice, cafés, églises, jusqu'aux remparts de Saint-Donat.

Pour tous

Chaque lieu investi donnera un ton particulier. Pour la troisième année, l'ASBL Losange a fédéré autour d'elle. La ville est rentrée dans le coup et apporte 25 000 €.

« L'édition 2011 serait un nouveau défi, offrir neuf jours de fête musicale en continu et l'opportunité de découvrir d'un autre oeil le patrimoine monumental et culturel de la ville ». Le président de ce flux musical, Sébastien Pirlot, y voit une

formidable dimension humaine : « C'est la population qui s'approprie le festival ». La touche des organisateurs : « Un festival pour les Arlonais, avec les Arlonais ».

L'objectif des Aralunaires est d'impliquer dans l'aventure écoles, académies, commerces, associations, quartiers, musées, services de réinsertion. Pour une grande fête collective.

« Pas question d'aligner des groupes ou des artistes en tête des charts, mais bien la volonté de privilégier des artistes singuliers, des coups de cœur, des formules origi-

nales et de toucher un public large, petits et grands, fous de jazz ou de rock, amateurs de chanson française ou d'électro, chingés de folk ou de pop, fans de chanson pour enfants... »

Vingt restos mitonneront aussi un plat labellisé « Aralunaire ».

Difficile, face à tout cela, de citer quelques temps forts, dont pas mal de gratuits. On ne peut oublier Babylon Circus sous un chapiteau de cirque planté sur la grand-place le week-end de Pâques. Nilda Fernandez et les Weepers Circus. Un promoteur concert de jazz avec Yaron

Herman à la Synagogue. Et puis Maxence Cyrin, Lise Germano et Cascadeur dans l'ancien palais de justice. Elliott Murphy à l'Entrepôt. Un podium au pied des remparts de Saint-Donat avec un festival de reprises. Et Art Mengo dans l'église.

Encore des soirées thématiques : Rockabilly, pop-rock belge, concerts pour enfants. Le plus déjanté, un « circuit appartements », libre d'entrée avec des artistes qui relèvent le défi de venir sans fard et sans sono jouer chez l'habitant. ■

> 063 45 60 84; www.aralunaires.be

INTERVIEW ● Frédéric LAMAND



F. Lamand a retenu les artistes qui jouent le jeu des espaces inédits.

Frédéric Lamand, originalité de la formule des Aralunaires ? Proposer des concerts dans des lieux insolites d'Arlon, de mé-

« Faire bouger Arlon avec la musique »

langer l'esprit d'un lieu avec la couleur musicale. Du jazz à la synagogue, de l'électro au hall polyvalent, du rock à l'Entrepôt. Parcourir la ville dans quarante lieux.

Votre coup de cœur ?

Il y en a beaucoup. L'artiste français « Cascadeurs » au palais de justice. Un très bon concert pop, quelqu'un qui chante au piano avec un casque de l'armée soviétique ! Babylon Circus dans un chapiteau le week-end de Pâques.

Vous allez dans les habitations ?

Une vingtaine de particuliers ont ouvert leurs appartements. C'est le week-end du

30 avril au 1^{er} mai, en fonction des places disponibles.

Le plus difficile ?

Des lieux où on va pour la première fois, qu'on ne connaît pas. Aussi de convaincre des artistes de jouer dans des cadres comme ceux-là. On a pris ceux qui ont accepté de jouer le jeu.

Plus de grosses têtes d'affiche ?

Non, on est parti vers une autre formule : aller vers des lieux insolites. On est dans la découverte, on n'est pas dans les stars. Le festival est jeune, il a trois ans.

le budget de tout cela ?

Entre 150 000 et 200 000 €, 90 concerts. La Ville d'Arlon est le plus gros partenaire du festival. La Ville voulait créer un événement avec une identité culturelle forte. Dès la première année, elle a mis 25 000 €.

Et donc vous allez vers les gens ?

Où, le principe est d'aller chez les gens. Et faire jouer des artistes avec des artistes locaux. Exemple : Art Mengo qui va interpréter des morceaux avec le « Chœur en Portée ». Aussi les Rossignollets, les Rencontres photographiques, etc. Des gens qui aiment Arlon, qui ont envie de la faire bouger. Le fil rouge c'est la musique. ■ JIG

Figuras 22 e 23:
Recorte de jornal a anunciar o concerto de Art Mengo no festival., incluindo uma entrevista ao organizador.
L'avenir, 29 de Março de 2011.

Aralunaires 2011

Toute l'Info en continu sur le site www.meuselux.be

RENCONTRE

En concert le 1^{er} mai à Arlon

L'ARTISTE AU CASQUE EST UN DES GROS COUPS DES ARALUNAIRES 2011

ON L'A RENCONTRE MERCREDI

Cascadeur: "Je suis un peu schizo"

Julien Carette
CHRONIQUEUR MUSICAL

La première question s'impose d'elle-même: pourquoi ce casque d'aviateur? Au départ, pour me protéger, j'ai toujours été inhibé. J'écrivais, je composais beaucoup de musique et mes amis ne comprenaient pas pourquoi je ne défendais pas ces chansons sur scène. Il me fallait trouver quelque chose pour que je puisse le faire sans pour autant m'exposer. D'où le casque. En écoutant mes premiers enregistrements, des proches m'ont parlé des risques encourus dans ma musique (la hauteur de la voix, la complexité de certaines parties de piano). Ce sentiment d'équilibre instable m'a, lui, inspiré pour mon nom d'artiste, Cascadeur. Surtout qu'en plus, ce mot me ramène aussi à mon enfance puisque je

de la musique est bien antérieure. Mon premier concert remonte, lui, à 2006. J'ai de suite compris qu'il serait indispensable de faire de la scène. J'ai investi tout mon temps dans ce projet musical. Cela a mis ma vie en péril. Le tout, à la base, sans avoir aucune garantie de réussite. Mais aujourd'hui cela marche bien pour vous. Il y a un gros buzz autour de votre projet. Des magazines, branchés comme "Les Inrocks" ou "So Foot" vous ont consacré pas mal d'espace. C'est facile à vivre pour quelqu'un comme vous qui paraît fort timide? J'ai un caractère un peu schizoïdique. En réalité, je ne me définirais pas comme quelqu'un de timide mais plutôt de discret. Et quand on me sollicite, je peux me montrer prolixe. Je porte un masque pour faire de la musique en public, mais on en utilise tous

du talent mais sont dans la dèche. Moi, j'ai eu du bol. Le concours CQFD dont vous parlez tout à l'heure, c'est ce qui a été le déclic pour vous? Disons que cela m'a rassuré un peu. Gagner un prix n'a pas d'importance en soi-même. Par contre, ce qui en a, c'est que des inconnus, qui écoutent beaucoup de musique (et s'y connaissent), se sont retrouvés dans ce que je composais. Vous pensez déjà au deuxième album? C'est un tournant souvent délicat... Je comprends très bien qu'on puisse avoir une grosse attente à ce niveau-là. Mais comment peut-on écrire quand on est en tournée? A mon sens, on ne peut pas le faire correctement dans un tour-bus. C'est impossible... à moins de s'appeler David Guetta (sourire). Donc pour bien faire, il faut l'avoir composé avant de partir



À VOIR
Retrouvez Cascadeur sur notre site

• Découvrez tout l'univers de l'une des futures révélations musicales de l'année 2011 sur la page web de votre quotidien: écouter quelques extraits de son premier album: le très beau "The Human Octopus"



www.lameuse.be/casca

proches m'ont parlé des risques encourus dans ma musique (la hauteur de la voix, la complexité de certaines parties de piano). Ce sentiment d'équilibre instable m'a, lui, inspiré pour mon nom d'artiste, Cascadeur. Surtout qu'en plus, ce mot me ramène aussi à mon enfance puisque je possédais un jouet baptisé... Cascadeur il s'agit d'un matras blanc qui s'éclaircit sur un trempin. Mon trempin à moi, ce fut le concours CQFD du magazine français les Inrocks depuis en 2008 dont je fus un des lauréats. Si votre album est paru en mars dernier, vos débuts datent de beaucoup plus longtemps... Cascadeur existe officiellement depuis 2004 mais ma pratique

vous qui paraît fort timide? J'ai un caractère un peu schizoïdique. En réalité, je ne me définirais pas comme quelqu'un de timide mais plutôt de discret. Et quand on me sollicite, je peux me montrer prolixe. Je porte un masque pour faire de la musique en public, mais on en utilise tous dans la vie de tous les jours. Les chansons de votre album sont-elles écrites depuis un petit temps. Comment expliquer que vous ne parlez que maintenant? Mon répertoire existe depuis quatre ans. Pourquoi je ne perce qu'aujourd'hui? La réponse devrait venir d'ailleurs que de ma bouche. Des firmes de disques... Ce que j'ai vécu arrive à un grand nombre d'autres artistes. Beaucoup ont

attentes à ce niveau-là. Mais comment peut-on écrire quand on est en tournée? A mon sens, on ne peut pas le faire correctement dans un tour-bus. C'est impossible... à moins de s'appeler David Guetta (sourire). Donc pour bien faire, il faut l'avoir composé avant de partir en tournée. Dans votre deuxième album est déjà en boîte... Cascadeur est prévoyant. Ce n'est pas un casque. Je n'ai pas envie de me voir décharger des caisses au Galaxie d'Anneville dans quelques années pour vivre. Le monde de la musique broie les gens. C'est ainsi pour ça que je porte ce casque. L'anonymat me plaît, je n'ai pas besoin de voir ma tête dans le métro



Le casque d'aviateur ou la capote sur scène, c'est "pour me protéger" ■ VINCENT DIEZ FRANK ESPOSITO

L'Oreille de Julien
"UN DES GROS BUZZ DE 2011"
SA MUSIQUE FRAGILE MÉLANCOLIQUE ET PLANEANTE TOUCHE AU CŒUR
Julien Carette JOURNALISTE
On prend le pari avec vous: quand il sera l'heure de faire le bilan de l'année 2011 en matière de musique, le nom de Cascadeur sera dans les premiers cités. Le jeune Français (chantant dans la langue de Shakespeare) qui se cache derrière ce nom (il s'appelle en réalité Alexandre Longo) est un des plus gros buzz du moment avec son album "The Human Octopus". Sa musique fragile, mélancolique et planeante touche au cœur à l'image de sa chanson la plus connue "Walkers". A voir absolument le dimanche premier mai prochain à Arlon dans le cadre des Aralunaires!

■ En bref
➢ CQFD
Le concours CQFD (pour Ceux qui il faut découvrir) dont parle Cascadeur est une recherche de nouveaux talents musicaux organisée, depuis 2003, par les Inrocks/les plus connus sont Cocoon et Florent Marchet.
➢ A Mondorf aussi
Cascadeur sera aussi en concert à Mondorf-bienôt. Il sera au festival "Saveurs culturelles du monde" (du 1^{er} au 4 juin). Vous pourrez l'apprécier le 3 juin. Et c'est gratuit!
➢ Arlon
"En tant que Messin, je connais forcément cette ville. J'ai dû y venir 3 ou 4 fois" glisse-t-il.

IL EST AMI DEPUIS 10 ANS AVEC SHARKO
Il a animé le mariage de Robert Pires
Dans sa jeunesse, "Cascadeur" avait deux passions: le piano et le football. Il a forcément supporté le FC Metz. "J'ai connu la belle période avec Pires", explique-t-il, voici quelques jours au magazine français So Foot. Avec mes potes, on se dit souvent: Ah si le club avait pu garder tous ses joueurs, Adolphe, Niang, Saha, Meyrieu, Ribery, Rolin, Song, Pires... Alexandre Longo a même joué de la musique... au mariage de ce dernier! "C'est vraiment un type bien. Sa première épouse était très amie avec un pote à moi (...). Ils ont fini par se demander de jouer à l'église."
Celui qui sera à Arlon le 1^{er} mai connaît aussi très bien
Julien Carette

En formule exclusive pour nos lecteurs + apéritif musical + repas + opérette

ASSISTEZ À UN SPECTACLE AVEC VOTRE JOURNAL

«LA BELLE HÉLÈNE» le dimanche 22 mai 2011
«LA VEUVE JOYEUSE» le dimanche 4 septembre 2011
à la salle du Trianon de Liège

49€ par personne

LaMeuse

6 de 9 à 12 heures et de 13 à 17 heures

Reservez au 081 208 476

• Apéritif musical sous forme de «concert opérette»
• Repas chez «Manière de goût» à Barçon
• boulets-frites (sauc tomate ou cheddar) + boisson et café
• Opérette en trois actes à grand spectacle

Figuras 24 e 25: Recorte de jornal a anunciar o festival, com destaque a Cascadeur. Sudpresse LX, 15 de Abril de 2011.

RESTAURANTS PARTENAIRES

UN CIRCUIT « ARALUNAIRE » DES... RESTAURANTS

Quoi de plus naturel que de s'associer avec les restaurants d'Arlon quand on organise un festival pendant 9 jours dans une petite ville qui regorge de bonnes adresses où manger. Il était donc tentant de suggérer aux restaurateurs de mettre à leur carte un plat labellisé « Aralunaires » durant tout le festival. Près de 20 restaurateurs ont répondu à l'appel. Un sacré circuit gourmand pour tous les festivaliers !

CASA DOS PETISCOS Rue de l'Épître, 18	Porcelet Aralunaires	20€	LE GLACIER Rue Étienne Lenox, 11	Coupe Aralunaires	5,50€
CASA LOCO Place Didier, 31	Fajitas Duo (bœuf-poulet)	21€	LE GRECO Rue de Deschamps, 35	Mazze Royal	14,50€
LA COUSCOUSSIERE Rue de Diekirch, 50	Couscous Royal (4 viandes) grillé au feu de bois	20€	LE JARDIN D'ÉVELYNE Rue Étienne Lenox, 15	La Symphonie Gourmande: saumon fumé, saumon Bellevue, pêche au thon, scampis, crudités, jambon (cuit et d'Ardenne), saucissons...	15€
LE DEAN Rue du Marché au Roule, 22	Woodstock	11€	MAISON KNOPIES Grand-Place, 24	Crêpe de la Constellation Salade de la Constellation	12€ 14€
ENZO MILANO Rue Saint-Jean, 55	Paglia à Fieno ai Scampi	17,30€	LA MARMITE UKRAINIENNE Rue de la Poste, 7	Goulasch de Bœuf avec riz ou frites + potage	15€
CHEZ FAYAT Rue de la Poste, 16	Gratin de crustacés, scampis, gambas, langoustines, moules.	27€	LE PETIT CHOULET EN + Rue de la Poste, 9	Plit Manakch	23€
LE FILS DE PAUL Rue de la Poste, 22/27	Risotto rouge aux scampis coiffés de roquette/crème parmesan	18,50€	LE PETIT MARCEL Rue des Foulbours, 50	Toumados Rossini	27€
BRASSERIE GATHY Place Luppé, 7	Paupiette de Veau à la Bière, Tagliatelles aux légumes.	14€	PIZZERIA PINOCCHIO Grand-Place, 11	Spaghetti quadrati alla sorrentina	10€
LE GAULOIS Rue des Capucins, 6	La Poularde au Maistrank	18,50€	LE RIAD Marché aux Légumes, 11	Couscous aux 7 légumes et couscous de FES	12,50€
CHEZ GEPPELTO Grand-Place, 10	Tagliatelle fraîche au saumon frais	13,50€			

WWW.ARALUNAIRE.BE
+32 63 45 60 84

LES COUPS DE CŒUR DE L'ÉQUIPE DU FESTIVAL 2011*



JEAN-PIERRE PIRSON

Directeur et fondateur de l'asbl Losange, initiatrice du festival, et administrateur de l'asbl Les Nuits de L'Entrepôt, organisatrice des Aralunaires.

«J'apprécie la programmation plurielle du festival et sa volonté urbaine dans la valorisation du patrimoine. Mes coups de cœur décalés sont, parmi tellement d'autres, BABYLON CIRCUS, MAXENCE CYRIN, ART MINGO, ELLIOTT MURPHY, NILDA FERNANDEZ... A vivre au cours de la troisième édition des ARALUNAIRE»



SÉBASTIEN CUVELIER

Programmation indie-pop-rock-electro, accueil artistes

«Ne ratez pas: GESAFFELSTEIN, future star de l'électronique dark et envoûtante; PALE GREY, mon plus gros coup de cœur, belge de surcroît; STANLEY BRINKS ou le meilleur de l'antifolk; nos talentueux et hors normes voisins luxembourgeois FRACTURE et HEARTBEAT PARADE; la légende LISA GERMANO seule au piano; l'espiègle KISS & DRIVE et les wonky beats de SUN GLITTERS dans la Tour Romaine»



BARBARA MACIEL

Étudiante portugaise, plongée dans le tourbillon des «Aralunaires» dans le cadre d'un stage Erasmus en vue de décrocher son master en Tourisme (Faculté de Lettres de l'Université de Porto, Portugal).

«N'oubliez pas le festival «CoverBands» le 30 avril après-midi avec: MUUSE (Muscle Museum, Italie), ACDC (Black Ice, Italie), ARNO (Arnomatic), THE DOORS (Talesyn) et RADIOHEAD (Myxomatosehead) ! Tout ça gratuitement sur le podium de la Knipchen, au pied de l'église Saint-Donat»



FRÉDÉRIC LAMAND

Coordinateur des Aralunaires

«Je ne raterai pas la soirée CONTROL (Joy Division) en partenariat avec les Rencontres photographiques d'Art'lon et en présence de la photographe et fille de Ian Curtis, NATALIE CURTIS; le PARCOURS MUSICAL GRATUIT le week-end du 1er mai pour découvrir Arlon autrement chez ses habitants ainsi que CASCADEUR le nouveau Rémy Julienne de la chanson pop»



OMBELYNE VANDEN BERGHE

Coordination de l'équipe des bénévoles avec Sophie, Nat, Barbara et Alex

«Dur dur de choisir parmi ceux que j'adore (SAMIR BARRIS, MLC, ELLIOTT MURPHY...). J'ai craqué aussi pour KISS & DRIVE lors d'une écoute radio, quelle voix! Impatiente aussi de voir l'effet live des WEEPERS CIRCUS sur mes enfants qui sont fans de leur album «À la récré». Et, troisième coup de cœur (à égalité, je triche), Tame Tan et Hoquets... cherchez l'erreur!»



DAVID HENRARD

Responsable technique et ingénieur du son

Voici mes coups de cœurs: Misteur Valaire, Supertanker, Babylon Circus, Action Beat, Heartbeat Parade, Maxence Cyrin, Control, Hawks, The Bony King Of Nowhere, Kiss & Drive et Cascadeur, et j'espère bien faire des découvertes parce que ce festival en regorge, comme chaque année... Et si le temps est de la partie, il y aura moyen de passer un bon moment au knipchen au mini-festival de cover-bands, en plus c'est gratuit !



ANNIE GASPARD

Bras droit ou gauche, programmation, communication, partenariats insolites, etc.

«Difficile de choisir, mais je mets un «incontournable» pour ART MINGO à Saint-Donat, l'Israélien YARON HERMAN et son piano jazz prodigieux à la Synagogue!, NILDA FERNANDEZ sous chapiteau grand-place, COCO ROYAL chez l'habitant, le nouveau virus de la pop CASCADEUR et les WEEPERS CIRCUS pour enfants pas gnangnan...»



BENJAMIN SPRIMONT

Étudiant à l'UCL venu parfaire ses compétences dans le cadre de son stage de fin d'études en «Création d'événements».

«Mes coups de cœur: MOTORAMA, un groupe revenant de Russie, dans la lignée d'Interpol. Deux Américains d'un style plus rock: Kroll: IMAAD WASIF et SCOTT H BIRAM qui apporteront, à n'en pas douter, quelques bons riffs. SUN GLITTERS, dans le lieu si insolite de la Tour Romaine. Et bien sûr la soirée en l'honneur de Joy Division avec la présence de Natafie Curtis...»



CHRISTOPHE ROTH

Responsables technique et ingénieurs du son

Mes coups de cœur de cette édition sont dans le désordre: Babylon Circus, Supertanker, Scott Biram, Yaron Herman, et dans le parcours musical Dÿse et Kiss and drive. Style très différents mais tous excellents.

* quelques-uns en tous cas

Figura 28: Página do destacável editado no boletim municipal de Arlon com a equipa de organização do festival Les Aralunaires.



Figura 29: Autocolante colocado em todos os lugares Arlon (restaurantes, comércio, casas particulares, salas de espetáculo, etc.) que participavam no festival Les Aralunaires.